
CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

ANDRÉIA MARESSA DA SILVA

**AS RELAÇÕES ENTRE HUMANOS E ANIMAIS DOMÉSTICOS:
OS SIGNIFICADOS ATRIBUÍDOS**

Rio Claro
2016

ANDRÉIA MARESSA DA SILVA

**AS RELAÇÕES ENTRE HUMANOS E ANIMAIS DOMÉSTICOS:
OS SIGNIFICADOS ATRIBUÍDOS**

Orientadora: Rosa Maria Feiteiro Cavalari

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Biociências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - Câmpus de Rio Claro, para obtenção do grau de Bacharela e Licenciada em Ciências Biológicas

Rio Claro
2016

301.3
S586r Silva, Andréia Maressa da
As relações entre humanos e animais domésticos : os
significados atribuídos / Andréia Maressa da Silva. - Rio
Claro, 2016
95 f. : il., tabs., fots.

Trabalho de conclusão de curso (licenciatura e bacharelado
- Ciências biológicas) - Universidade Estadual Paulista,
Instituto de Biociências de Rio Claro
Orientadora: Rosa Maria Feiteiro Cavalari

1. Ecologia humana. 2. Relação humano e não-humano. 3.
Significados. 4. Relação sociedade-natureza. 5. Educação
ambiental. I. Título.

Agradecimentos

Este trabalho não poderia ter sido realizado sem o depoimento dos/as participantes. A estes (as) meu primeiro e muito obrigada!

Ao Chip Ketty, gato que vive mais que as próprias expectativas de vida.
Ao Chico Brown, um velho labrador, que sabiamente muito me ensinou sobre não ser humano.

Ao Spirit e a Chuva, periquitos australianos, que me fizeram perceber a importância da Libertação Animal.

Ao Thor e ao Kelvin, que literalmente comeram uma parte da minha pesquisa...
Aos meus amigos, amigas e familiares que deram aquela força!

Aos professores e professoras da Instituição que deram suporte aos meus estudos durante a graduação, em especial à orientadora deste trabalho, professora Rosa Maria.
E, claro, aos/às leitores/as desta pesquisa.

Resumo

Em uma época que o meio ambiente tornou-se uma discussão recorrente, há certa urgência em repensar a organização da sociedade, os significados atribuídos à Natureza, seus modos de produção e de consumo, a maneira de gerir os recursos naturais, a Ciência e, sobretudo, o modo como lidamos com os outros seres. No entanto, antes de tomar qualquer atitude em relação às práticas humanas, é necessário entendê-las. No intuito de compreender a temática relativa à relação homem animal não humano, particularmente o chamado “animal doméstico”, foi elaborado essa pesquisa, que teve como objetivo compreender quais os significados atribuídos pelos humanos às relações com os animais chamados “domésticos” nos dias atuais. Para isso, por meio de entrevistas guiadas, foram feitos diversos apontamentos sobre a nossa conduta com os mesmos. Um total de nove pessoas foram entrevistadas, sendo em sua maioria mulheres entre vinte e vinte e quatro anos. O maior número de animais não humanos presente nas residências pertence ao grande grupo dos mamíferos, como os cães, gatos e roedores. A visão do animal como algo útil ou não à sociedade, parece ser problemática por nos permitir escolher à qual animal devemos tratar melhor. Mostrou-se como o processo de domesticação é contínuo e tende a vai tornar-se cada vez mais complexo e subjetivo. O espaço permitido e frequentado pelo animal doméstico está intimamente associado a noções de higiene e saúde, tanto dos humanos quanto dos não humanos. Há o hábito dos responsáveis levarem cães e gatos ao veterinário, para vermifugar e vacinar contra raiva anualmente e para o momento da castração. Para os roedores este hábito de encaminhar a cuidados médicos só foi verificado em casos de problemas de saúde. E para os demais animais como as aves, peixes e insetos não foi verificado esse hábito. Sempre estavam associadas aos animais de companhia palavras como : “meu, minha, ter, dar, doar, pegar, passar pra frente”, reforçando essa ideia de uma “posse”, “propriedade” ou “mercadoria” sobre os mesmos. Apesar dos sentimentos animais serem descritos por seus responsáveis, é notável que há uma singularidade no comportamento de cada um desses animais, diferenciando-se em personalidade, características físicas e adaptação ao meio antropomorfizado. Indispensável que se consulte as pessoas que “possuem” animais domésticos em suas residências para aprofundar os conhecimentos nessa relação humanos e não-humanos, auxiliando na elaboração de projetos de leis viáveis; que ampliem os direitos animais, que reduzam os casos de zoonoses, de desequilíbrio populacional dessas espécies, de desigualdades no trato, baseado em caracteres antropomórficos, buscando novos métodos que contemplem pesquisas qualitativas como esta.

Palavras chave: significados, relação humano e não humano, Relação Sociedade-Natureza, Educação Ambiental.

SUMÁRIO

	Página
1.Introdução.....	5
2.Desenvolvimento da pesquisa.....	10
2.1.Da coleta à caracterização do material coletado.....	14
3. O ser humano, sua interação com o mundo natural e com os animais não humanos: aspectos históricos.....	17
3.1.Domesticação dos Canídeos.....	20
3.2.Domesticação dos Felinos.....	22
3.3.O ser humano e sua relação com os animais domesticados.....	23
3.4.Domesticação x Libertação e Direito Animal.....	25
3.5. A consciência sobre as outras espécies e o meio ambiente.....	30
4. Os significados atribuídos pelos participantes da pesquisa às relações com os animais domésticos	32
4.1.Uma caracterização dos animais pelos responsáveis.....	33
4.2. Os cuidados e necessidades dos animais interpretados pelos donos.....	36
4.3. Da aquisição/encontro a reflexão sobre o mesmo.....	54
4.4. Razões para manter vínculos e/ou rompimento das relações.....	58
4.5. Comunicação entre responsáveis, outros humanos ou animais não-humanos.....	68
4.6. Sentimentos humanos e supostos sentimentos animais.....	71
4.7. Comportamentos animais diversos.....	76
4. Considerações finais.....	80
Apêndices.....	83
Referências.....	88

1. Introdução

Escrever é uma atividade que demanda a nós muita paciência. E claro, atenção, estudo e cuidado re-dobrados. Não poderia ser diferente neste trabalho, ora apresentado. Foi preciso constituir outras formas de *trans-esc-(re)ver* aquilo que (penso) pensamos sobre a nossa vida com os demais animais. Foi preciso, sobretudo, que antes de me por a escrever, eu tirasse minhas vendas e colocasse outros olhos. Um processo doloroso de enxergar-me sobre outras condições... Daquela que questiona a si mesma e adentra em seus próprios processos, para entender que aquilo que se passa, é fruto de um contemporâneo, de um momento vivido, por todos nós. Deixar-se por isso absorver e passar, finalmente, a questionar as raízes e os *porquês*. Abrir o leque e seguir as pistas, em suma; realizar essa pesquisa.

Lembro-me bem do momento em que tirei a primeira vez a venda de meus olhos. Ainda era uma menina nova. Acompanhava meus pais numa loja automotiva quando vi desesperado um passarinho a pular, pra lá e pra cá, dentro *de uma jaulinha pequena*. Aproximei-me, enquanto os adultos conversavam, olhei bem ao centro do olho do passarinho, que me retribuiu agora parado, o olhar, com a cabeça virada de lado. Ficamos ali nos encarando por alguns segundos, que são carregados por mim há anos.

Criada em São Paulo, em um pequeno apartamento do extremo sul, pouco havia observado da vida selvagem dos passarinhos. Apenas aqueles pequeninhos que vivem engaiolados, ou em ambientes fechados... Meu pai me falava das experiências que passava, quando moleque com meu avô, que *sabia tudo de passarinho*. Mas eu já não podia compartilhar, quando o habito ali era engaiolar. Deveria estar habituada, e não incomodada com aquele *psitaciedeio* que me olhava. Mas foram tantas as histórias que ouvi, e daquele olhar tanto sofrimento vi, que abri a gaiola num ímpeto corajoso e *tentei atender ao pedido do passarinho*. Ele não foi. Tomei uma bicada, e uma bronca, dos adultos que à essa altura, já me pegavam no pulo!

Foi a razão para cuidar daquele filhote de pomba (*Columba livia*) que não sei como, apareceu no espaço do teto, entre os apartamentos de cima e de baixo. Ele piava, piava, e só depois de subir com a escada, é que compreendi, que ele estava preso ali. Cuidei dele da melhor forma que pude, ainda que não fosse a melhor. E depois, mesmo com muita resistência, fui obrigada à coloca-lo numa caixa de papelão, fora de casa. Chorei por três dias, depois que a tempestade caiu, e notícias dele ninguém mais ouviu. Estava feito, a paixão pelas aves era o meu “defeito”.

Muito mais tarde, já cursando a faculdade, e morando em outras duas cidades, Rio Claro

e São Bernardo do Campo, passei a entender a vida das aves participando de uma pesquisa com com sabiás (*Turdos* sp.) na UNESP de Rio Claro. Entendi a beleza de suas vidas fora da gaiola e passei a desejar imensamente que isso não ocorresse mais. No propósito de contribuir com esse pensamento, decidi entender os porquês de manter tais práticas... E iniciei minha busca por orientação e parcerias para desenvolver essa ideia.

Nesse interim, conflitando com minhas novas intenções de manter os animais fora da gaiola, apareceu Spirit, o periquito australiano, que vem hoje me acompanhando.

Com a presença e companhia de Spirit, depois de algumas conversas com a orientadora desse trabalho, consultas à literatura a respeito, entendemos que a questão da domesticação animal ampliava-se para outras tantas espécies, e que se nos abrissemos a elas, entenderíamos melhor esse vasto campo.

A única pergunta que me vinha à cabeça nos últimos tempos era; “*Por que querem ter animais em casa?*”, e dela me servi para movimentar toda esta pesquisa.

No momento de pensar em como fazê-la, automaticamente, me veio a ideia das entrevistas. Não podia me faltar entender, minuciosamente, os detalhes de nossa relação com os demais animais, isto é, o significado que atribuído pelas pessoas, e não só as instituições, livros didáticos, mídias de comunicação, pesquisas e outros.

Assim nasceu a ideia da pesquisa, que em mim há muito tempo germinava... Não existe nada mais admirável no mundo do que ter respondido um questionamento persistente. Não existe nada mais instigante do que pesquisar aquilo que nos toca, e assim, cercar-se de novas ideias, novas questões, e, talvez, possíveis soluções.

O trabalho, finalmente, tem por intuito, transpassar aquilo que já foi estudado sobre nossa relação com a natureza e demais animais, chegando àquilo que responderam as pessoas entrevistadas sobre suas próprias relações. Completando dessa forma um conjunto que visa contribuir para outros estudos e aplicações sobre o mesmo tema.

Isto porque, a crise estabelecida na relação sociedade-natureza tem nos levado à urgência de repensar a organização da sociedade, as visões acerca da Natureza, seus modos de produção e de consumo, a maneira de gerir os recursos naturais, o modo como lidamos com os outros seres e a Ciência, já que “não se pode mais deixar a solução de certos problemas ecológicos para amanhã” (SANTOS, 2009). No entanto, essa mesma sociedade atual – que de uma perspectiva geral, escolheu o meio ambiente como um de seus “temas mais populares” – é a mesma na qual o consumo de bens e produtos alcançou um nível nunca antes conhecido por nenhuma outra sociedade ao longo da história do homem (DUARTE, 2005, p. 13).

Nos dias de hoje, os animais não humanos têm sido vistos de formas distintas, além disso, esses animais também vieram a ocupar o espaço doméstico, porém sem exercer as mesmas

funções. Em lugar de supostos benefícios para os humanos, servindo como mão-de-obra, os animais não humanos passaram a ocupar espaços destinados à estima, diversão, afetividade entre outros. Em resposta a essa nova forma de ver os animais domésticos, ou seja, como “objeto de satisfação emocional na vida privada”, as próprias leis foram se modificando para abranger a ideia de que “um mascote” poderia ser objeto de propriedade, mesmo quando não fosse empregado para tração ou alimento. (THOMAS, 2010, p. 159)

“Esterilizado, isolado e geralmente sem contato com outros animais”, os chamados domésticos e, particularmente, os de estimação, são seres com modos de vida muito semelhante à de seu dono e o fato de que tantas pessoas considerarem necessário, para sua “integridade emocional”, criar um “animal dependente”, diz-nos muita coisa sobre a “sociedade atomizada” em que vivemos (THOMAS, 2010, p. 168).

Ao analisar a partir de uma perspectiva histórica e em diferentes sociedades, também é possível perceber que o processo de domesticação se mostrou de diferentes formas ao longo dos séculos. Mas como os sujeitos incorporam essa visão acerca da domesticação da Natureza? Consideram-se dominadores dos animais por possuírem animais de domésticos ou de estimação em casa? Imaginam como se deu o processo de domesticação? Beneficiam-se como desta relação os humanos? Podem eles falar por seus animais, já que não se pode ouvir dos próprios?

[...] a mente humana é altamente seletiva. É muito provável que, ao olhar para um mesmo objeto ou situação, duas pessoas enxerguem diferentes coisas. O que cada pessoa seleciona para “ver” depende muito de sua história pessoal e principalmente de sua bagagem cultural. Assim, o tipo de formação de cada pessoa, o grupo social a que pertence, suas aptidões e predileções fazem com que sua atenção se concentre em determinados aspectos da realidade, desviando-se de outros. (LÜDKE & ANDRÉ, 1986)

Parece bastante claro que ocorreram mudanças nos papéis atribuídos aos animais. No entanto, as pesquisas sobre este tema, como também aponta a veterinária e psicóloga Hannelore Fuchs (1987), revelam sempre uma parte do fenômeno, o lado que se observa de uma história, mas que não alcança os porquês do dia-a-dia: Por que tal pessoa “comprou” um animal? Por que dele se “desfez”? Por que o “ama”? Por que alguns animais são tratados como humanos, principalmente como crianças? Por que pedem para sacrificar um animal ainda saudável? Por que protelam decisões relativas aos tratamentos médicos? E ainda, porque muitas pessoas se mostram capazes de falar pelos direitos e desejos destes ‘animais domésticos’ e não por tantos outros considerados “selvagens”?

Assim, o que o dono sente – segurança, medo, calma, alegria, amor, tristeza, solidão – o que ele acredita que o animal sente, percebe, etc., são passíveis de descrições feitas pelos próprios donos, o que permitiria perceber o significado que ele atribui ao animal, já que as coisas não têm um significado em si, senão aquele que lhe é atribuído.

Os aspectos positivos e negativos da convivência entre animais “domésticos” e animais humanos, são de mensuração difícil e pouco palpável, já que tratam de comportamentos, sensações e sentimentos, por parte de ambos, e para os humanos, extrapolando a realidade, os aspectos socioculturais, simbolismos e representações.

Dessa forma, é preciso que mais trabalhos teóricos sejam elaborados, criando métodos e técnicas ajustáveis aos objetivos de pesquisa, como já alertaram também outros pesquisadores (COSTA, 2006; KITAGAWA & COUTINHO, 2004; FUCHS, 1989), que também, além disso, encontraram dificuldades ao apreender com exatidão os significados atribuídos a essas relações e os fatores benéficos e maléficos envolvidos nestas interações.

Em seu trabalho Edmara Chaves Costa (2006) buscou “apreender as representações sociais acerca das interações com animais de estimação elaboradas por idosas, considerando seus benefícios e riscos”. Os resultados dos questionários mostraram um “deslocamento de afetos” associados à “carência afetiva humana”, além de algumas limitações nas técnicas de coletas de dados para esse tipo de pesquisa.

Alguma literatura específica sobre a relação e interação entre humanos e não humanos domesticados está disponível, em sua maioria, internacionais. Em âmbito nacional, muitos dentre os trabalhos encontrados, tratam de uma forma geral sobre os benefícios e malefícios advindos dessa relação sob uma ótica humana e utilitária, que podemos dividir aqui em três grandes grupos; Terapia Assistida por Animais, Zoonoses e Medicina Veterinária.

Os benefícios, estão na maior parte dos casos descritos e vinculados às pesquisas sobre “Terapia Assistida por Animais”. Em sua revisão sobre o tema Juciana Miguel Silva (2011), define a zooterapia como um recurso que utiliza animais como “instrumento para promover o bem estar e saúde do homem” envolvendo no tratamento de diversas enfermidades “principalmente a Cinoterapia (cães), a Equoterapia (cavalos) e a Delfinoterapia (golfinhos)”. Para as pesquisadoras Kitagawa & Coutinho (2004), em suas avaliações, apesar dos benefícios possíveis advindos dessas relações, a saúde do animal deve ser uma preocupação, pois pode tornar-se um malefício, com a transmissão de zoonoses.

Os malefícios estão descritos na maior parte das vezes em trabalhos sobre zoonoses. Em sua tese, Leda Maria Ponti Schoendorfer (2001), realizou um levantamento descritivo no município de São Paulo, determinando o perfil dos participantes que estavam em desacordo com

a Lei Municipal 10.309/87, e foram intimados a resolver os problemas encontrados pela vistoria zoonosológica do Centro de Controle de Zoonoses de São Paulo. Analisou as noções de higiene adotadas, os cuidados em relação ao manejo dos animais, bem como o conhecimento acerca das zoonoses. Também buscou identificar os motivos da aquisição, a finalidade, e quais os cuidados em relação à saúde dos animais. Às pessoas que concordaram em participar da pesquisa foi entregue um formulário, cujas respostas foram analisadas pela pesquisadora.

Ela verificou que quanto a zoonoses; a raiva, as verminoses e a sarna são as mais conhecidas, e por isso existe o hábito da vacina contra a raiva e vermifugação destes animais. Quanto à finalidade de “ter” um animal, por quase unanimidade; a de companhia. Quanto ao manejo inadequado de cães e/ou gatos; geram risco de agressão à população humana e a outros animais domésticos, propiciam também a contaminação do ambiente com fezes e urina e favorecem a transmissão de doenças.

Poucas dissertações de mestrado e teses de doutorado abordam a temática específica da “posse” de animais de estimação, e as atribuições de significados a estas relações pelos responsáveis humanos. A pesquisa que mais se aproxima do intento deste trabalho é o de Hannelore Fuchs (1989); que realizou entrevistas com responsáveis por seus pacientes animais, no sentido de “des-velar o sentido psicológico do animal”.

Há, portanto, nessa pesquisa, a necessidade de investigar alguns dos significados atribuídos às relações entre humanos e não humanos domesticados, particularmente, nos dias atuais, contribuindo para o avanço do entendimento da “crise ambiental” que vivemos e, particularmente, sobre as relações que estabelecemos com os demais animais.

Por fim, apresento a seguir, no capítulo “Desenvolvimento da Pesquisa”; a natureza da pesquisa, o material de estudo, sua forma de coleta e as ferramentas de análise. Em seguida no capítulo “O ser humano, sua interação com o mundo natural e com os animais não humanos: aspectos históricos”, apresento um breve apanhado da literatura sobre a relação do ser humano com o mundo natural. Já no capítulo “Os sentidos das relações para os participantes da pesquisa”, apresento aquilo que chamaríamos de resultados, onde são analisadas as entrevistas concedidas pelas pessoas que participaram dessa pesquisa. Ao término apresento uma síntese daquilo que foi explorado neste trabalho.

2. Desenvolvimento da pesquisa

A pesquisa realizada, é de natureza qualitativa. Esse tipo de pesquisa possui o ambiente natural como fonte direta de dados, onde o/a pesquisador/a é seu principal instrumento. Se caracteriza, sobretudo, pela busca do significado que os sujeitos de pesquisa constroem sobre suas práticas e seu mundo (BOGDAN & BIKLEN, 1994; ALVES-MAZZOTTI e GEWANDSZNAJDER, 1988; ANDRÉ e LÜDKE, 1986). Nesse caso, como os animais humanos caracterizam e se expressam sobre outros animais, não humanos, aqui chamados “domésticos”

Para selecionar os/as possíveis participantes da pesquisa, foram utilizados questionários, contendo um pequeno texto elucidando do que se tratava a pesquisa e alguns dados de contato da pesquisadora. E o mais importante; duas questões fechadas que delimitariam, posteriormente, a escolha dos/as participantes: “Você possui animais em casa?” e “Gostaria de participar desta pesquisa?”. Em caso afirmativo, o/a participante deveria preencher seus dados pessoais como “nome”, “cidade” e “telefone” para que um contato posterior pudesse ser estabelecido (Apêndice A).

É válido destacar, que nenhum dos dados pessoais coletados por meio deste questionário foram utilizados nesta pesquisa, serviram apenas como convite e para a seleção dos participantes. É válido destacar, ainda, que o projeto de pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética de Pesquisa envolvendo seres humanos do Instituto de Biociências da Unesp Campus de Rio Claro (CEP-IB-RC), tendo sido aprovado.

Esse questionário foi disponibilizado por um período de duas semanas em comércios de artigos para animais não humanos na região, em clínicas veterinárias e em uma versão *online* para redes sociais da *Internet* (comunidades da cidade local em mídias sociais, p.e. *Facebook*). Foram oferecidas algumas cópias desse questionário nos estabelecimentos, nos quais houve permissão, para que ficasse disponível para os clientes.

Dos dez estabelecimentos contatados retornaram positivamente quanto à aplicação deste questionário seis lojas. E dessas seis, apenas duas deram retorno quanto às cópias preenchidas, sendo três contatos de possíveis participantes de um estabelecimento e dois de outro.

Para criar a estrutura do questionário *online* (Apêndice B), utilizei a plataforma *SurveyMonkey*. E o retorno foi maior. Um total de oitenta e quatro pessoas respondeu ao questionário, sendo apenas quarenta e quatro interessadas em participar da pesquisa. Apesar desse número, nem todas as pessoas que responderam ao questionário eram residentes no

município de Rio Claro. Então, atendendo ao critério inicial para participação, dos/as moradores/as restaram vinte e cinco pessoas interessadas.

Por fim, quando contatados/as¹, quinze pessoas manifestaram interesse na participação. Ficava a critério do/a participante a escolha do local, horário e dia nos quais seriam realizadas as entrevistas. Quanto ao local, foi proposto algumas vezes opções ao participante; como o próprio ambiente de trabalho, a casa do participante ou local de acesso público, como a UNESP, por exemplo. Foram descartadas duas participações pela incompatibilidade de horários, locais e dias em comum, entre a pesquisadora e o/a participante. Por fim, por problemas técnicos com o gravador, a gravação de duas entrevistas ficaram inaudíveis. Assim sendo, ao final do processo foram analisadas as entrevistas de nove participantes.

Como já apontado, a escolha dos participantes da pesquisa foi feita de acordo com aqueles/as que manifestaram interesse em participar da pesquisa e o instrumento para coleta de dados foi a “entrevista guiada” (RICHARDSON, 1999).

Uma “entrevista guiada”, é aquela na qual o pesquisador conhece previamente alguns dos aspectos que deseja pesquisar e, com base neles, formula pontos a tratar na entrevista. As perguntas dependem do entrevistador e o entrevistado tem a liberdade de expressar-se como quiser, guiado pelo entrevistador (RICHARDSON, 1999). O tema deve ser colocado ao/à participante quando este/a sentir-se à vontade. Os temas devem ter questões abertas, seguidas de perguntas relacionadas às respostas do/a entrevistado/a. Tendo, portanto, a entrevista um roteiro básico (Apêndice C), não fechado e nem rígido.

Para Bardin (2009), há várias maneiras de se realizar uma entrevista, dependendo da diretividade, conseqüentemente, da profundidade do material verbal recolhido e prática psicológica do analista-pesquisador(a). As entrevistas “semi-directivas”, aqui chamadas também de “entrevista guiada”, são um pouco mais curtas e mais fáceis de serem registradas. Em todos os casos, independentemente, a recomendação da autora é que se faça uma transcrição integral; “incluindo hesitações, risos, silêncios, bem como estímulos do entrevistador” (BARDIN, 2009, p.89).

As entrevistas foram, então, dessa forma realizadas, e com o consentimento dos/as participantes, gravadas em áudio. Além disso, foram realizadas anotações complementares, observações da pesquisadora; descrições detalhadas das situações, bem como outros dados

¹ No texto desse trabalho, em uma tentativa de superação do sexismo, foi utilizada a linguagem inclusiva ou neutra quando possível (FURLANI, 2007 apud LOURO, 2000). Tema melhor detalhado no tópico intitulado “Domesticação x Libertação e Direito Animal”.

secundários que não puderam ser registrados no gravador e que foram julgados relevantes para o tema da pesquisa. No Quadro 1, apresento o perfil dos/as participantes da pesquisa.

Quadro 1: Perfil com idade, sexo, escolaridade e local de nascimento dos/as participantes da pesquisa.

Entrevista	Idade	Sexo	Escolaridade	Local de Nascimento
#1	24	Masculino	cursando superior	São Paulo
#2	59	Feminino	Fundamental incompleto	São Carlos
#3	20	Feminino	cursando superior	Rio Claro
#4	18	Masculino	cursando superior	Rio Claro
#5	21	Feminino	cursando superior	Marília
#6	24	Feminino	cursando superior	São Paulo
#7	20	Feminino	cursando superior	Rio Claro
#8	22	Feminino	cursando superior	São Paulo
#9	24	Feminino	cursando superior	São Carlos

Como pode ser observado, a maioria dos/as participantes dessa pesquisa são jovens, mulheres com faixa etária entre vinte e vinte e quatro anos de idade. Apesar de os diferentes locais de nascimento no estado de São Paulo, como já citado anteriormente para atender ao critério de seleção dos participantes, todos/as são residentes no município de Rio Claro.

De acordo com André e Lüdke (1986) é necessário que o/a entrevistador/a esteja atento não apenas ao roteiro preestabelecido e as respostas que se ouvem. Os “gestos, expressões, entonações, interrupções” e todo o tipo de interações não-verbais que estejam incorporadas à estas respostas e falas pelos entrevistados/as devem constar nas notas, “sem perder, o clima de atenção e interesse pela fala do/a entrevistado, enquanto vai fazendo suas anotações” (ANDRÉ e LÜDKE, 1986, p. 36-37).

Ainda, que a entrevista cria uma vantagem sobre outras técnicas de coleta de dados, pois ela permite a “captação imediata e corrente” da informação almejada (p.34). Além disso, segundo as autoras, “uma entrevista bem feita pode permitir o tratamento de assuntos de natureza estritamente pessoal e íntima, assim como temas de natureza complexa e de escolhas nitidamente individuais”, correspondendo ao objetivo dessa pesquisa.

Para Bardin (2009), também, quando a pessoa usa o discurso falado, mais ou menos a sua vontade, dizendo do “eu” a subjetividade está muito presente. E ao dizer do “eu”, com seu próprio sistema de pensamentos, processos cognitivos expressões:

mesmo que esteja a falar de outra pessoa ou de outra coisa, explora por vezes às apalpadelas, uma certa realidade que se insinua através do “estrito desfiladeiro da linguagem”, da sua linguagem, porque cada pessoa serve-se dos seus próprios meios de expressão para descrever acontecimentos, práticas crenças, episódios passados, juízos...” (BARDIN, 2009, p. 89-90).

Por essa razão, e também para evitar ao máximo distanciar-se da maneira como cada um expressa a subjetividade do “eu”, as palavras foram transcritas exatamente como foram pronunciadas pelos participantes.

Tendo, também, sido alertada, por diversos autores e autoras sobre riqueza e delicadeza das pesquisas de natureza qualitativa, principalmente as que se utilizam de entrevistas (ANDRÉ e LÜDKE, 1986; ALVES-MAZZOTTI e GEWANDSZNAJDER, 1998; BOGDAN & BIKLEN, 1994; RICHARDSON, 1999; BARDIN, 2009), procurei por instrumentos analíticos que mais se adequassem ao material coletado e que contemplassem minha recente experiência como pesquisadora. Assim sendo, foi adotado como instrumento analítico para a análise dos dados a “Análise de Conteúdo” (BARDIN, 2009).

Finalmente, foi feito sob constante suporte da literatura previamente pesquisada e leitura constante do material coletado,

comentários sobre o que se esperava e o que se encontrou (inferências e interpretações). E a partir desse ponto; apontamentos de caminhos e outras orientações de novas análises ou da utilização dos resultados nas análises.” (BARDIN, 2009, p.127)

Durante a análise do material, busquei compreender as atribuições de significados feitas não só as relações com os animais de convívio diário, mas também, àquelas que já fizeram parte

da vida do/a entrevistado de alguma forma. Visto que essas relações, mesmo que sejam passadas, também evidenciavam convicções, finalidades, reflexões sobre as relações com os animais.

2.1. Da coleta à caracterização do material coletado.

Após a coleta desse material, as entrevistas, gravadas em áudio, foi feita a transcrição das mesmas. Operação que consumiu boa parte do tempo de pesquisa e foi muito trabalhosa, resultando em um total de cento e cinquenta páginas registradas. Material esse, ainda bruto e muito indiferenciado, necessitando, portanto, de um olhar acurado e de uma refinação, para distinguir o que de fato era importante e central nas questões e objetivos da pesquisa.

Para essa análise mais detalhada das entrevistas do material coletado, foi decidido, utilizar-se dos procedimentos da “Análise de Conteúdo”, como já apontado. É uma forma de análise que vem sofrendo alterações ao longo das últimas décadas. O primeiro nome a quem tem sido atribuído a “análise de conteúdo” é de H. Lasswell, que fez análises de imprensa e de propaganda aproximadamente em 1925 (Bardin, 2009, p.17). Porém, do ponto de vista metodológico, foi só no final dos anos 1940-50 que algumas regras de análise foram elaboradas, por E. Berelson, auxiliado por P. Lazarsfeld. Berelson (apud BARDIN, 2009, p.20) resume bem as preocupações epistemológicas daquele período “é uma técnica de investigação que tem por finalidade a descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto da comunicação.”

Nos anos seguintes os aperfeiçoamentos técnicos vão deixando “de ser linha de frente” na “análise de conteúdo”, e a exigência de uma objetividade torna-se menos “rígida”, apesar das contribuições estatísticas. Sendo assim, a “análise de conteúdo” deixa de ter caráter meramente descritivo, ganham forças, por exemplo, os indicadores de frequência, que permitem chegar a inferências (Bardin, 2009, p.24), e dão um pouco mais de profundidade às análises. .

Na última década do século XX, por fim, chegamos àquilo que por Bardin (2009) é definido como “Análise de Conteúdo”;

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (p. 44).

Com base nas orientações e estudos da autora de outros/as pesquisadores, o desenho da pesquisa foi criado e adaptado ao material coletado, sem perder de vista o rigor e as condições de trabalho da pesquisadora. Para Bardin (2009), ainda, a organização da “Análise de Conteúdo”

pode acomodar-se em torno de três eixos de organização pelo analista/pesquisador(a) “A pré-análise”; “A exploração do material” e “O tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação” (p. 121). Não seguindo uma ordem rígida e necessariamente cronológica já que uma etapa influencia na outra.

Assim o primeiro eixo sugerido, “A pré-análise”, consistiu, como já comentado, na transcrição completa das gravações, na escolha do material que seria utilizado, considerando aqueles que estavam de acordo com os objetivos iniciais da pesquisa, a sua homogeneidade e por fim, a leitura completa dos documentos, chamada “leitura flutuante”;

Essa fase é chamada de leitura “flutuante”, por analogia a atitude do psicanalista. Consiste em estabelecer o contato com os documentos a analisar e em conhecer o texto deixando-se invadir por impressões e orientações. Pouco a pouco, a leitura vai-se tornando mais precisa, em função de hipóteses emergentes, da projecção de teorias adaptadas sobre o material e da possível aplicação de técnicas utilizadas sobre materiais análogos (BARDIN, 2009, p.122).

Para Lüdke & André (1999), uma análise bem feita não deve se limitar apenas à leitura do material transcrito. É preciso desvelar as mensagens implícitas e os temas “silenciados”. Por essa razão, as gravações e anotações também sempre foram consultadas durante a leitura, saltando aos olhos coisas que muitas vezes não estão *transcritas*.

A teoria, previamente pesquisada e a leitura incansável do material, criam dessa forma, certa “impregnação” (Michelat, 1980). Algumas hipóteses surgem, outras devem ainda ser pensadas, e assim, segue-se para o momento seguinte: a “exploração do material”, segundo Bardin (2009) é o

[...] momento em que o material coletado na entrevista é organizado. Isto é, as entrevistas serão codificadas, dispondo de fichas padrão para cada uma e outros elementos de organização que facilitem a exploração do material. Agrupando muitas vezes em temas semelhantes, fazendo recortes das entrevistas. Também é nesse momento em que se podem trabalhar com diagramas, figuras, tabelas, etc” (p.125)

Tendo como referência as propostas de Bardin, durante a exploração do material, o primeiro passo foi substituir o nome das pessoas entrevistadas por códigos contendo o símbolo “#” seguido de um número (#1, #2, #3, etc). Tornando-se esse o código referente e referenciador da entrevista, principalmente, no momento em que fossem iniciados os recortes de temas a serem explorados. Esses códigos permitiram as associações desses temas semelhantes em entrevistas

diferentes, por exemplo, e facilitavam o mecanismo de busca no próprio texto durante a compilação do texto.

Os temas, nessa pesquisa, são excertos que desprenderam-se através da análise da pesquisadora do texto transcrito, isto é, uma unidade de significação, “dentro de uma” unidade de contexto mais ampla, com dimensões maiores. Os temas são, então, excertos considerados semelhantes entre as demais entrevistas, contendo falas minhas e dos participantes, ou mesmo só deles. Foram, então, agrupados em “núcleos de sentido” para análise e comparação. Essa forma de codificação permite visualizar a frequência e aparição dos temas.

Auxiliada por aquilo que foi encontrado na literatura a respeito, agrupei esses excertos de temas semelhantes junto às hipóteses e afirmações elencadas durante a “leitura flutuante” do material, formando assim, os “núcleos de sentido”.

Os temas selecionados do material transcrito foram assim organizados, para que, dessa maneira, divididos, a capacidade analisar o material em seus elementos componentes essenciais fosse ampliada, sem perder de vista seus contextos e o conjunto da entrevista como um todo. Mas para que isso acontecesse, deveriam ser feitas certas transformações, isto é, a organização de uma codificação.

Para Lüdke & André, (1999, p.49) “a maneira como é feita uma codificação pode variar muito”, no entanto, ela nada mais é do que uma marcação ou realocação dos excertos desejados para os “núcleos de sentido” ou categorias criadas pelo/a pesquisador/a para análise, através de marca-textos, canetinhas coloridas, recortes, e outros. No caso dessa pesquisa, optou-se por circular, primeiramente, os temas de acordo com os “núcleos de sentido” aos quais seriam agrupados e marca-los com os códigos acima já descritos. Dessa forma, o texto e contexto permaneceram íntegros no material.

Alguns temas interseccionam-se em mais de um “núcleo de sentido”, isso porque fazem parte de um todo muito maior e mais complexo. Entretanto, para simplificar a visualização, optou-se por manter os temas em apenas uma categoria, apontando aquilo que mais chamou atenção da pesquisadora. Ou seja, os temas que mais respondiam as questões iniciais dessa pesquisa.

Para a análise das entrevistas procedeu-se ao agrupamento de “núcleos de sentido”, a partir dos depoimentos dos/as participantes. Assim, os dados coletados foram agrupados em sete “núcleos de sentido” que serão melhores explorados no item “Os significados atribuídos pelos participantes da pesquisa às relações com os animais domésticos”. Esses agrupamentos ramificam-se algumas vezes, evidenciando ainda mais detalhes. “Uma caracterização dos animais pelos responsáveis”; “Cuidados e necessidades interpretados pelos ‘donos’” ; “Da

aquisição/encontro à reflexão sobre o mesmo”; “Razões para manter vínculos e/ou rompimento das relações”; “Comunicação entre responsáveis, outros humanos ou animais não-humanos”; “Sentimentos humanos e supostos sentimentos animais”; “Comportamentos animais diversos”.

3. O ser humano, sua interação com o mundo natural e com os animais não humanos: aspectos históricos.

Não foi sempre assim, o ambiente que vivemos, a forma como convivemos, sim tudo muda. Comportamentos, valores, cultura, organizações sociais, tecnologias. Muda inclusive, nossa percepção sobre o ambiente em que vivemos.

É possível perceber, a partir de uma perspectiva histórica, que nem sempre as atitudes das sociedades humanas foram as mesmas em relação ao meio natural (DUARTE, 2005). É certo também, que nem sempre as discussões correntes durante estes períodos históricos atingiram a todos da mesma forma. O que os humanos compartilham e ao mesmo tempo se diferenciam dos demais seres vivos é a capacidade de significar o mundo em que vivem e instituir culturas, pensando e agindo sobre as mesmas. Ao fazer isso, os homens extrapolam suas necessidades biológicas, reinventando inúmeras outras (DUARTE, 2005, p. 76). De acordo com a autora:

Os homens sempre tiraram do meio natural a sua sobrevivência, seu alimento, sua água, o fogo para se aquecer do frio, os materiais para seus instrumentos e outros animais para companhia. Este fator biológico transcendente ao tempo histórico, de o homem sempre ter modificado a natureza, retirando dela o seu sustento, mas este fator não é partilhado apenas pelas sociedades humanas, são comuns a todos os seres vivos. Nisso, os homens não diferem das focas, das esponjas, dos pássaros, ou das árvores. Mas mantiveram essas práticas de formas muito distintas, com perspectivas e valores muito diversos (DUARTE, 2005, p. 75).

Isso é certo, nunca mudou, o animal humano sempre precisou do meio natural em que vive para sobreviver e conviver, alterando, evidentemente, a forma como fazia e interpretava isso.

No início da modernidade o mundo era considerado como feito para a espécie humana, e todas as outras espécies como subordinadas a seus desejos. Essa visão ainda permanece nos dias atuais. Os séculos XVII e XVIII presenciaram uma ruptura fundamental com os pressupostos do passado. Ao invés de perceber a Natureza apenas em semelhanças e comparações com o humano, naturalistas começaram a estudá-la em si própria. Não que não houvesse diferenças em relação aos usos, com relação à Natureza, mas não faziam desses usos o centro de suas

percepções. Não obstante, conquanto os/as naturalistas agora descartassem muitos dos “pressupostos antropomórficos” do passado, era difícil para outros homens deixar de ver o mundo natural como um “reflexo de si próprio”. (THOMAS, 2010, p. 127).

Nos referimos a esta forma de ver o mundo como uma “visão utilitarista da natureza”, que está intimamente associada a uma “concepção antropocêntrica”, na qual o ser humano retira-se da natureza, pois sua capacidade racional específica, não identificada em outros seres da natureza, torna-o separado, e ao mesmo tempo ocupando um lugar central (SANTOS, 2009). Estabelece-se, uma valorização utilitária da Natureza: ela vale pelo uso que o ser humano faz dela. O que abre espaço para o domínio sem limites do homem sobre a Natureza, uma vez que ela traz consigo um “antropocentrismo exacerbado” (CAVALARI, 2007). De mero contemplador, o homem passa a ser “senhor e possuidor da natureza, já que esta existe basicamente para ‘servi-lo’”, ele pode dispor dela como bem lhe aprouver. (SANTOS, 2009).

Era sob essa perspectiva que filósofos, teólogos e outros estudiosos tendiam a assumir uma visão antropocêntrica do mundo natural; e foi o nascimento da história natural que muito colaborou para essa visão centrada no homem, tanto em sua versão culta como na popular.

ar. A história natural pendia para diversas formas de estudar a natureza, e em meio a tantas novas informações, surgiria a necessidade de o humano elaborar um modo de catalogação “dos recursos”, que mais tarde receberia o nome de “classificação biológica”; onde as espécies de plantas, animais e outros seres ficariam registrados com suas respectivas características e utilidades. Foi nesse período que muitas dessas espécies de plantas e animais, foram retiradas de seu meio natural com a finalidade de serem estudadas e “domesticadas”.

A domesticação das espécies ocorreu desde que nos entendemos por humanos e faz parte de um grande passo na evolução social:

Com o conseqüente aumento no número da população, os humanos começam a cultivar plantas animais domesticados para uso próprio. Aumentando com a industrialização intensiva com o qual estamos familiar hoje (CLUTTON-BROCK, 1999, p.3).

Desde que Darwin escreveu seu clássico trabalho *The Variation of Animals and Plants under Domestication* (1866), muitos trabalhos têm sido publicados com o intuito de entender a relação entre humanos e não humanos, conhecida como “domesticação”. Todos esses trabalhos buscam desvendar quando, como e porque o caminho da espécie humana se tornou tão próximo e entrelaçado de algumas plantas e principalmente de não humanos.

O que é uma planta doméstica? E o que é um animal doméstico? Este seria assim categorizado por ser mais próximo que os demais animais da sociedade humana? A

domesticação é um processo cultural importante, que tem afetado o humano domesticador e o animal domesticado há anos. (CLUTTON-BROCK, 1999).

A maioria dos pesquisadores tem visto a domesticação como um processo pelo qual sucessivas gerações de animais domesticados gradualmente tornam-se absorvidos pelas sociedades humanas, nas quais cada vez mais explorados, e eventualmente perdem o contato com suas espécies ancestrais. Os animais têm que se incorporar a estrutura social humana como objetos de propriedade, compra, herança e troca (CLUTTON-BROCK, 1999).

De acordo com a Portaria/IBAMA nº 93, de 07 de Julho de 1998 (BRASIL, 1998) são considerados: animais silvestres todos aqueles animais de espécies nativas, migratórias e quaisquer outras, aquáticas ou terrestres que tenham seu ciclo de vida ocorrendo dentro dos limites do Território Brasileiro ou águas jurisdicionais brasileiras, como por exemplo, os papagaios, as araras, os macacos, as onças, as capivaras e os tatus.

Já os animais da fauna doméstica, apresentam características biológicas e comportamentais em estreita dependência do homem, podendo apresentar fenótipo variável, diferente da espécie silvestre que os originou, como por exemplo, o cachorro, a galinha e o cavalo.

Segundo Juliet Clutton-Brock (1999) ainda, é difícil definir o que é um animal silvestre (selvagem) ou um animal doméstico. O animal selvagem, por vezes, é pensado como um animal que tem muito medo dos humanos e fugiria se pudesse. Mas esse seria um comportamento que foi aprendido com experiência humana de predação por incontáveis gerações. Um animal “selvagem” que não teve contato com humanos não tem medo e é rapidamente exterminado, como o dodo, ou como a raposa na Ilha Sul americana de Chiloe da qual Darwin descreveu em 1845.

Em certo sentido pode-se dizer que o animal doméstico é aquele que perdeu o medo dos humanos e será reproduzido em cativeiro, mas a verdadeira domesticação envolve muito mais que isto. O processo de domesticação, como afirma Clutton-Brock, tem grande influência nos processos biológicos e culturais, por diversos fatores, mas, mais ainda nas formas como cada ser humano pode lidar com as relações com estes outros animais, sejam “domésticos” ou “selvagens”. Estaria esse processo totalmente vinculado a nossa visão mecanicista da Natureza, da qual, hoje, muito temos discutido e dela queremos nos livrar?

Esta forma de categorizar os animais como “silvestres” ou “domésticos” que também nos diz muito dos resquícios de nossa visão antropocêntrica e dominadora sobre as demais espécies do planeta Terra, escolhendo quais ainda podem permanecer em seu meio natural e quais devem conviver com o humano em relações de quase total dependência, seja qual for o motivo.

Os ancestrais da maioria dos animais domésticos viviam em manadas ou bandos com hierarquias de domínio bem definidas. Esses animais de manadas já estavam acostumados a viver em bandos; portanto, desde que houvesse comida e abrigo, se adaptavam facilmente ao confinamento. Segundo Thurston (1996, apud Morey, 2010), os homens, espertamente, se aproveitaram dessa estrutura suplantando o indivíduo alfa, facilitando, assim, o controle de grupos coesos inteiros.

Algumas espécies vêm sendo domesticadas antes mesmo da formação de grandes civilizações. Antes do último período glacial, por exemplo, alguns habitantes da América meridional já “possuíam” um animal doméstico, o *Grypotherium domesticum*, mamífero encontrado entre espessas camadas de esterco numa gruta ao lado de ossos humanos, provando que eles eram criados em autênticos rebanhos. (HATCHER, 1889)

A seguir são apresentados, brevemente, os dois principais grupos animais que vem acompanhando os seres humanos, e hoje se encontram em nossa companhia de forma mais populosa, sob um processo constante de domesticação, ou seja, os canídeos e os felinos.

3.1 Domesticação dos Canídeos

O domínio da espécie humana sobre os canídeos, bem difundido atualmente, também começou na pré-história. Domesticados, de animais de companhia e convivência, os lobos muitas vezes se transformaram, principalmente durante os períodos de grande fome, em fonte de alimento. À medida que as experiências dos seres humanos foram se tornando mais complexas, suas relações com não humanos particularmente com os cães, também passaram a formas cada vez mais intrincadas e paradoxais.

No Egito Antigo, por exemplo, cães eram considerados sagrados e serviam de guardiões para monarcas. Atingiram respeito tão grande, que a cidade de Hardai ficou conhecida como “a cidade dos cães”. Estavam por todas as partes, sob a institucionalização e popularização do culto de Anúbis, Deus da morte e dos moribundos, com corpo de homem e cabeça de cão (THURSTON, 1996 apud MOREY, 2010), como ilustrado na Figura 1.

Durante o período romano os cães já estavam domesticados como são hoje, embora a diversidade de raças não fosse quase tão grande. É provável, no entanto, que algumas “linhas puras” já estavam diferenciadas e, por exemplo, é provável que os cães que se assemelham ao atual “pequinês” já estavam sendo criados na China (CLUTTON-BROCK, 1999, p.58).

Os romanos foram provavelmente os primeiros a desenvolver o que chamaríamos de

“raças definitivas” de cão na Europa, mas a partir da evidência pictórica de períodos anteriores, é claro que havia muitos formatos e tamanhos de cães no Egito Antigo, também no oeste da Ásia a partir de pelo menos 2000 a.C. (CLUTTON-BROCK, 1999, p. 60).

Há ainda, muitas dificuldades para definir a diversidade genética existente (Derr, 2011; Clutton-Brock, 1999), visto que as características nas espécies são muito similares, são realmente, raças com uma linha ininterrupta de 4000 anos, características semelhantes re-combinando-se de modo a que o mesmo tipo de cão é produzido em regiões diferentes e em períodos diferentes quando, a necessidade seletiva era semelhante; sendo esta a fornecer caça, cães de corrida e de guarda



Figura 1. Deus Anúbis retratado em parede do templo Abydos.

Fonte: Shutterstock.com

3.2.Domesticação dos Felinos

Solitários, de vida noturna, extremamente territoriais e ótimos caçadores. É difícil pensar essas características aparecendo em um animal doméstico (CLUTTON-BROCK, 1999; MENEGUELIO, 2006). Eles podem viver tanto em confinamento como em construções abandonadas e outras partes da cidade, para Serpell (2000), independentes a ponto de levar uma vida dupla.

Os gatos sempre estiveram associados a superstições e simpatias para os humanos. Provas concretas disso são restos mortais de gatos encontrados em construções na região de Londres durante o século XVIII. Tal superstição era a crença de que, se o cadáver de um gato fosse incluído as paredes de um edifício, ratos e camundongos seriam mantidos longe. Isso acontece ainda hoje, por engano, quando os gatos rastejam em uma parede semi-construída ou teto e ficam presos pelos construtores, inconscientemente (CLUTTON-BROCK, 1999; MENEGUELIO, 2006).

Por esse hábito de manter a caça, possivelmente, a relação entre pessoas e gatos foi muito mais simbiótica e mutualística em um primeiro momento, do que de parceria, companhia e entretenimento. Tanto é assim, que é muito comum encontrar referências deles ao longo da história associados a outros animais, como apresentado na Figura 2. De acordo com Meneguello, (2006), a pintura foi recebida pelo museu Britânico durante o século XIX e ilustra uma perfeita associação entre humanos e gatos, na antiga civilização Egípcia. Acreditava-se que a domesticação teve início com a antiga civilização Egípcia, inclusive, há aproximadamente 4000 anos atrás. Associada ao armazenamento e estocagem de grãos, atraía roedores e, por consequência, gatos selvagens (MENEGUELLO, 2006)

Entretanto há destaque de outros pesquisadores para o surgimento das espécies que hoje conhecemos como gatos domésticos. Além do *Felis silvestris*, outra espécie de gato selvagem que por vezes tem sido credenciado como ascendência parcial do gato doméstico atual, especialmente os da Índia, é o gato selvagem, *Felis chaus*. Sua distribuição é muito maior do que a do *Felis silvestris*, ocorrendo em todo o sul da Ásia Ocidental até o Afeganistão, da Índia até leste da China e o Sudeste da Ásia (CLUTTON-BROCK, 1999, p.137).

A maioria dos gatos domésticos, portanto, em todo o mundo, são malhados: isto é, como o gato selvagem, eles têm um revestimento que é cinza manchado com listras pontos pretos, amarelados-ocre, e de cor clara.

Assim como para os cães, devido ao grande número de recombinações genéticas simultâneas, ocorrendo em lugares diferentes do planeta, a história da domesticação dos gatos, ainda carrega algumas incertezas que estão sendo pesquisadas.



Figura 2: Uma cena egípcia “A cat amongst birds” (1420-1411 a.C). Do Túmulo-Capela de Nebamun, no Museu Britânico. Fonte: British Museum

3.3 O ser humano e sua relação com os animais domesticados.

De acordo com Thomas, (2010), na Inglaterra e outros países ocidentais, nos séculos anteriores ao século XIX, bois, porcos, cavalos, ovelhas e aves domésticas “certamente não eram criados por razões sentimentais ou espirituais, eles existiam para trabalhar ou servir de alimento, quando não para ambas as coisas”. Mas foi a partir do século XIX que as “experiências reais dos homens com os bichos” entraram em conflito com as “ortodoxias teológicas”, que estimularam os pensadores a desenvolverem visões completamente diferentes das relações do homem com outras espécies.”

Esse mesmo autor afirma que em tal proximidade com os humanos, muitas vezes, eram considerados como indivíduos, inclusive porque, pelos padrões de nossos dias, os rebanhos eram relativamente pequenos.

Os pastores conheciam a face de suas ovelhas tão bem como a de seus vizinhos, e alguns agricultores podiam seguir bois roubados distinguindo as marcas de suas pegadas... Esses bichos domésticos geralmente eram adornados com sinos e fitas, e outros enfeites. Também era comum que se falasse com eles, pois seus donos, ao contrário dos “intelectuais cartesianos”, nunca os consideravam incapazes de entender (THOMAS, 2010, p. 134).

Certos “animais prediletos” permaneceram, porém, próximos à sociedade humana e talvez tenha até se tornado mais íntimo desta, a difusão dos animais domésticos entre as classes médias urbanas no início do período moderno foi um processo de grande envergadura social, psicológica e, inclusive, comercial (THOMAS, 2010, p.140).

Três traços particulares distinguiam o animal de estimação dos outros animais. Em primeiro lugar, ele tinha permissão de entrar em casa. A segunda característica distintiva do animal de estimação era que ele recebia um nome pessoal e individualizado. Isso o distinguiu de todos os outros animais. Quanto mais o animal fosse mimado por seu dono, maior era a possibilidade de ter um nome humano. Em terceiro lugar, o animal de estimação jamais servia de alimento. Isso não se devia a razões gastronômicas. Não era devido a seu gosto, mas à estreita relação com a sociedade humana que esses animais não eram consumidos (THOMAS, 2010, p.160-164)

Hoje, são inúmeros os exemplos de como alguns animais associam-se aos humanos. Os cães, por exemplo, se reúnem as pessoas para a companhia, entretenimento, caça, a pecuária, ajudando vítimas de desastres, salvando pessoas de catástrofes, auxiliando em terapias e outras atividades.

Foi a democratização da posse do cão, que ocorreu no início do século XIX, também para estes herdeiros de camponeses anglo-europeus e caçadores, que impulsionou a forma como vivemos e convivemos com os animais atualmente. Esses homens e mulheres tornaram-se livres e esculpiram suas fazendas, sobrevivendo com a sua inteligência, seu trabalho duro e sua habilidade (DERR, 2011, p. 255). Junto à eles, estavam alguns animais que hoje fazem parte também de nossa sociedade, como afirmam alguns autores.

Conscientes ou não deste processo, chamado domesticação, a progressão no sentido de aumentar o domínio sobre o ambiente e as pressões que controlam o sucesso evolutivo ou o fracasso em todas as outras formas de vida mudou. Existem não apenas espécies selecionadas de forma perscrutante, mas indivíduos que vêm sendo “re-”produzidos desgovernadamente para usos de fins diversos, desde a alimentação até o entretenimento. Todos, objetos de comercialização, e propriedade, como veremos a seguir (MARIA, 2010; SINGER, 2010; ADAMS, 2010; FRANCIONE, 2013).

3.4. Domesticação x Libertação e Direito Animal.

De acordo com Singer (2010),

para a maioria dos seres humanos, especialmente os que vivem nas comunidades urbanas e suburbanas, o modo mais direto de ter contato com os animais não humanos é na hora da refeição; nós os comemos. Esse simples fato é a chave para as nossas atitudes com os outros animais e também a chave para as nossas atitudes com os outros animais e também a chave para que cada um de nós pode fazer com relação a mudar essas atitudes. (SINGER, 2010, p. 96)

Atualmente, a ausência da referência da morte do animal, e seu tratamento como comida ou alimento, faz com que as pessoas não pensem naquilo como uma interação animal (ADAMS, 2010), e mesmo que saibam, utilizam outra forma de dizer sobre, articulando a linguagem para que não alcance esses processos pelos quais passam os não humanos antes de chegar ao seu prato. Assim, para o animal humano há um alívio no constrangimento emocional pelo qual passaria.

Em seu Trabalho de Conclusão de Curso, Helena Oliveira (2015), em uma análise do material didático do programa "São Paulo Faz Escola", verifica que alguns animais são apresentados apenas como alimentos, ao invés de serem apresentados como os animais que o são, possivelmente, para que não haja uma empatia a ponto de perturbar a dieta alimentar das crianças que utilizam o material (OLIVEIRA, 2015, p.73). Acrescenta que isso só se dá aos grupos de mamíferos e aves, e uma possível explicação para isso poderia ser encontrada na pesquisa de opinião feita por Desmond Morris (1967), que revela a preferência dos seres humanos pelos animais que tem maior número de características semelhantes ao humano. Quanto mais características semelhantes, maior tende a ser a afetividade do homem/mulher em relação a ele, uma forma de antropomorfismo (OLIVEIRA, 2015).

A apresentação do animal em forma de alimento, nada mais é do que a sua apresentação implícita em uma forma de produto. Uma implicação óbvia do utilitarismo já citado por Cavalari (2007), sendo assim, os animais existem e são criados “meramente como um fim, e esse fim é o homem”(FRANCIONE, 2013).

Os animais não humanos sempre fizeram parte de uma grande movimentação financeira, como mercadorias, independente de seus usos e finalidades pretendidas; seja para comida, seja para testar em laboratórios, para o circo, o zoológico, rodeios, roupas, tração, e assim por diante. Em síntese, os “interesses” reais desses seres que não são humanos, como por exemplo, não

sentir dor, ficariam comprometidos, pelo fato de serem considerados como posses ou propriedades (SINGER, 2010; ADAMS, 2010; FRANCIONE, 2013).

A maior parte dos seres humanos dá seu assentimento e permite que os seus impostos se destinem a práticas que exigem “o sacrifício dos mais importantes interesses dos membros de outras espécies, por forma a promover os interesses mais triviais da nossa própria espécie” (SINGER, 2010, p. 21). A preferência e escolha sobre os interesses da espécie humana recebe o nome de “especismo”, pelos principais defensores, ativistas e estudiosos do “Direito Animal” (ADAMS, 2010; SINGER, 2010; FRANCIONE, 2013).

Não é difícil entender, que um animal quando ferido propositalmente, tende a agir na direção contrária a dor que o provoca, por exemplo. Entretanto, antes que o animal chegue ao nosso prato, como alimento, há certamente uma passagem pela dor, e muitas vezes por rigorosos processos de tortura e crueldade. Há ainda, diversas outras necessidades animais não verificadas, antes que os mesmos sejam postos, ou melhor, submetidos aos desejos da espécie humana. Estaria, por exemplo, um pequeno roedor interessado em ser cobaia de um experimento de laboratório que vai submetê-lo a choques constantes a fim de verificar o funcionamento de seu sistema nervoso? É certo que nenhum ser vivo faria isso por vontade própria, quanto mais nós humanos. Correto?

Para Gary Francione (2013), “há uma profunda disparidade entre o que dizemos acreditar sobre os animais e como de fato o tratamos” (p.22 e 23)

Embora não protejamos os humanos contra todo tipo de sofrimento, e embora possamos não concordar quanto a quais interesses humanos devam ser protegidos por direitos, geralmente concordamos que todos os humanos devam ser protegidos do sofrimento que resulta de ser usado como propriedade ou mercadoria de outro humano. Não consideramos legítimo tratar qualquer humano que seja, independentemente de suas características particulares, como propriedade de outros humanos (FRANCIONE, 2013, p.31)

Acreditamos que os não humanos não devam sentir dor, que não devem ser submetidos a torturas ou condições de sofrimentos e que não devem ser tratados como mercadorias, da mesma forma que defendemos esses princípios para os seres humanos. No entanto, mantemos as mesmas práticas que favorecem esse tipo de tratamento do animal não humano como um objeto para consumo, desde o prato até o *pet* na vitrine.

Aumenta significativamente o número de defensores dos direitos animais, fazendo-nos repensar sobre nossas relações estabelecidas até hoje. Um dos principais pontos de conversão da dominação, defendido é alterar a dieta, que submete milhares de vidas ao confinamento, maus

tratos e mortes. Para esses ativistas, pesquisadores e estudiosos, o vegetarianismo seria uma mudança radical que implicaria nas demais atitudes e também no pensamento humano (FRANCIONE, 2013; SINGER, 2010; ADAMS, 2010) frente a todas as relações animais. Keith Thomas (2010), e Eliséé Reclus (2010) encontram argumentos contrários aos abates de animais, açougues e crueldades animais desde os fins do século XVII.

A teoria dos “Direitos Animais”, também, é defendida, atualmente pelo filósofo norte-americano Tom Regan. Gabriela Dias de Oliveira (2004), em seu trabalho apresenta uma síntese de seus principais pontos de vista. Uma delas é que “a coerência como expressão de uma exigência racional”, deve fundamentar “os direitos morais de animais humanos e não-humanos a partir do princípio de igualdade”. Essa igualdade, que seres humanos e alguns animais (principalmente mamíferos), têm em comum é o fato de serem sujeitos de uma vida, e

se as filosofias moral e política modernas proclamam o princípio de igualdade como fundamento da legislação humana, é de se indagar a partir de que critérios os iguais são mensurados. (OLIVEIRA, 2004)

Tom Regan, indaga esse princípio de “igualdade seletivo”, trazendo exemplos de opressões e desigualdades mesmo entre os seres humanos ao longo da história. Por exemplo, ilustrando uma discussão, no século XVI, sobre a natureza dos índios americanos – decretava que não possuíam alma e culminou na decisão tratá-los como animais de carga (OLIVEIRA, 2004). Critério que perdurou até a primeira metade do século XIX “a alegação de que o homem era o único animal religioso, o exclusivo detentor de uma alma imortal” (THOMAS, 2010, p.194), permitiu que todas as “criaturas desalmadas” fossem tratadas como aqueles que “não possuíam alma” e tampouco direitos.

A prática de levar pessoas humanas como escravas em navios da América para a Europa foi registrada pela primeira vez em 1511,

o navio Bretoa, com carga de madeira em Cabo Frio, incluiu em seu carregamento 36 escravos, dez homens e 26 mulheres, ainda que os proprietários houvessem proibido esse tráfico à tripulação. Daí em diante, a prática deve ter se generalizado (DEAN, 1996, p.64-67).

O Brasil participou ativamente dessa objetificação e tráfico de pessoas, a escravidão. Através de seu íntimo contato com a Europa, pessoas foram trazidas do continente Africano para cá, contra sua vontade e vendidas como mão de obra, ou “outras utilidades”, até pouco tempo atrás. Já está mais que conhecido como esses seres humanos foram forçadamente

levados tanto das Américas para a Europa, quanto da África para as Américas. E como essa atrocidade reflete até os dias atuais sob a forma de diversos preconceitos, racismos e desigualdades sociais.

O pernambucano Gilberto Freyre (1968), apresenta em seu trabalho o Brasil sob ângulos da sociologia, antropologia e história, antes do século XX e examina alguns aspectos de nossa cultura, como por exemplo, o bumba-meu-boi e o culto de São Jorge, por exemplo, que surgem como

expressões dramáticas do mesmo sentimento de identificação do homem com os animais mais próximos de sua condição ou de suas aspirações de elevação de *status* (FREYRE, 1968, p. 439).

Para o escritor, está claro que a escravidão humana, ou trabalho forçado, só se atenuou entre nós com o crescente aumento

Daqueles animais nos engenhos, nas fazendas, no transporte de pessoas e de carga, no aleitamento de crianças e na alimentação de doentes, de convalescentes e mesmo de gente sã sob a forma de leite fresco, coalhada e queijo, substituindo-se na última função - a de fornecer leite às pessoas - mulheres pretas e pardas por vacas e cabras chamadas de leite, embora o próprio leite consumido pela população do Rio de Janeiro no meado do século XIX conste que era principalmente leite de escrava, isto é, de cabra-mulher; e não de cabra-bicho ou de vaca. Pois semelhante gênero de trabalho - o escravo - só se tornaria arcaico ou obsoleto com o desenvolvimento da máquina - espécie de sublimação realizada entre nós principalmente pelos ingleses, da energia animal, em energia mecânica animada pelo vapor. Particularmente de energia do cavalo consagrada pelas iniciais HP - isto é, "Horse-power" - como símbolo ou medida de força motora ou tração. Com o começo de generalização do uso da máquina é que verdadeiramente principiou a libertação do negro, da escravidão e da servidão; e se tornou possível a valorização do animal, por longo tempo explorado entre nós com uma crueldade que chegou a impressionar mal os estrangeiros mais benevolentes que visitaram o nosso País (FREYRE, 1968, p.489-490)

Por diversas razões, verificamos que havia uma incoerência nos nossos princípios morais, e a escravidão humana e seus resquícios vem sendo abolida, dando espaço aos "Direitos Humanos". No entanto, quando pensamos nos animais não humanos verificamos, que nada foi feito a respeito e são poucos os seus "Direitos Animais"

se afirmamos que os animais têm um interesse moralmente significativo em não ser sujeitos a sofrimento desnecessários, essa opção requer que repensemos o *status* moral do animal (FRANCIONE, 2013, p. 159) .

Gary Francione (2013), frente aos séculos de dominação e escravidão do animal não humano, propõe não só que sejam abolidas certas práticas, mas que também os não humanos tenham garantias legais, pensadas por um novo “*status* moral do animal”. Assim como alteramos nossa incoerência moral da escravidão humana através de leis, devemos fazer o mesmo para com os animais não-humanos.

Peter Singer (2010) apresenta diversas razões para re-pensarmos o “especismo”. Na introdução dessa obra ao discutir direitos de igualdade entre humanos e não humanos faz alusão à busca da superação ao racismo e ao sexismo, por exemplo.

[...] o sexo a que pertence uma pessoa não constitui indicação das suas capacidades, sendo, por esta razão, injustificável a discriminação com base nesta característica (SINGER, 2010, p.17).

É certo que ainda há muito a ser superado quando falamos de racismo, sexismo ou qualquer que seja a forma de discriminação. As sombras de muitos anos de opressão refletem em diversos aspectos de nosso cotidiano, inclusive na forma como nos expressamos. A linguagem é componente central nos processos sociais de construção da sexualidade.

Por exemplo, quando lê *masculino*, lhe vem à cabeça exemplares apenas da espécie humana? Nossa linguagem não é centrada apenas no masculino, mas também na espécie humana. Além das palavras “feminino” e “masculino” usamos também a palavra “animal”, como se não referisse também a nós mesmos (ADAMS, 2012). Quando, também, não é usada como forma de insulto, como apontado também por Thomas, (2010) e Gonçalves, (1990).

Para a feminista, ativista e militante em prol dos direitos animais, Carol J. Adams, (2010), vivemos uma cultura que institucionalizou a opressão dos animais, seja por meios formais; matadouros, açougues, zoológicos, pet shops e circos - ou por meio da linguagem. O fato de não nos referirmos ao animal como objeto, produto, máquina ou como algo consumível, de certo modo maqueia a nossa prática de dominação e transmite aprovação para tal prática. Os animais não humanos tornam-se ausentes por meio da linguagem, chamados para ela, principalmente na questão da alimentação e da vitimização dos seres humanos, como *referentes ausentes*.

A linguagem, sob esse ponto de vista, auxilia a articulação do processo de dominação da espécie humana sobre outro animal não humano, de forma que, torna invisível para muitos/as o que de fato significa estar na companhia de um animal de outra espécie, sujeitando-a, seja no prato, seja numa coleira passeando pelas ruas.

Normalmente o processo de ver o outro como consumível, como uma coisa, é invisível para nós. Sua invisibilidade ocorre porque ele corresponde à visão da cultura dominante. O processo também é invisível para nós porque seu produto final - o objeto de consumo - está disponível por toda parte (ADAMS, 2012, p 25-26).

3.5. A consciência sobre as outras espécies e o meio ambiente

Atualmente a indústria do setor *pet*² é uma das que vem crescendo em decorrência do excesso de oferta, que chega a superar a procura no mercado. Com uma movimentação de mais de 9 bilhões de reais no ano no país, hoje correspondem a uma população de 33 milhões de cães e 17 milhões de gatos distribuídos por 44% dos lares brasileiros (MARIA, 2010).

É preciso re-pensarmos para onde caminha e qual a situação em que se encontram esses animais não humanos, que domesticamos e chamamos de pets, ou animais de estimação.

Nas últimas décadas, estudos comprovam que as alterações antrópicas no meio ambiente levaram à extinção de muitas espécies (plantas e animais), muitas ainda com suas características e importância para o equilíbrio do ecossistema em que habitavam, já que ali podiam ser únicas. Tendo sofrido perdas irreparáveis com a expansão da ocupação humana, está também o bioma da Mata Atlântica onde se refugiam e refugiavam certas espécies de ocorrência restrita. (DEAN, 1996; GONÇALVES, 1990; INSTITUTO FLORESTAL, 2010).

As preocupações têm aumentado, visto as interpretações do espaço, percebido em sua forma mais direta, como ponto significativo para compreensão das interações entre natureza e cultura (CORTEZ, 2010).

É fato, também, que a urbanização tem grande influência nos processos bioquímicos, mudanças microclimáticas e qualidade do ar, pela alteração da geração de calor da superfície terrestre (OKE, 1987). Outros fatores que devem ser pensados com a urbanização são as alterações nos processos geomorfológicos e hidrológicos e também as mudanças nos fluxos de nitrogênio, água e outros nutrientes do sedimento. (LEOPOLD, 1968; ARNOLD & GIBBONS, 1996). Mas os mecanismos pelos quais os padrões de urbanização afetam os processos ecossistêmicos ainda são praticamente desconhecidos (ALBERTI, 2008).

² A palavra *pet* tem origem inglesa, e na condição de substantivo tem dois principais significados; animal de estimação e favorito/querido. Não é usual que seja utilizada sozinha, e, junto a outras palavras faz referência àquilo que é destinado aos animais; como por exemplo os *pet shops*, lojas de artigos para animais não-humanos. No caso do setor *pet*, faz-se referência à todos os segmentos do mercado brasileiro destinado aos *pets*.

Ao meio urbanizado, ou melhor, antropomorfizado, está destinado o uso, não só pelos animais humanos como também por aqueles que foram domesticados e outros que muitas vezes perderam seu meio natural.

Com a urbanização em massa a partir do século dezenove e continuada até o presente, cães foram transferidos para cidades e apartamentos onde a sua liberdade de movimento foi drasticamente reduzida e sua reprodução regulado. (DERR, 2011, p.260)

O desenvolvimento e a expansão dos meios urbanos, limitam as zoonoses transmitidas por contato direto com grandes animais, como bovinos e equinos. Por outro lado, alia-se ao aumento da população, o crescimento da população de animais domesticados, em estreita convivência com humanos. Convivendo muitas vezes no mesmo espaço físico, podem favorecer uma cadeia epidemiológica de transmissão de zoonoses (SCHOENDORFER, 2001).

As zoonoses atingem tanto humanos como não humanos. Por exemplo; a transmissão de raiva e *larva migrans visceral*, conhecido popularmente como “bicho geográfico”. Existem muitas outras ainda, que, no entanto, como ainda afirma Schoendorfer (2001), no Brasil, ainda não tem um perfil razoável de ocorrências. Menor ainda o número de pesquisas sobre o manejo inadequado desses animais domesticados por seus responsáveis nos espaços em que convivem. Esses problemas são muito comuns em grandes cidades, e o órgão responsável pelo recolhimento de denúncias, promoção de vacinações e castrações é o Controle de Zoonoses. A lei federal nº 9.605, de 12 de fevereiro de 1998, dá providências e dispõe sobre as sanções penais e administrativas lesivas ao meio ambiente e sua fauna.

O controle da reprodução, chamado também castração, tanto dos cães como também de outros animais domesticados, é uma forma de evitar o “descontrole populacional” e as possíveis zoonoses em decorrência disso. “As zoonoses emergem como resultado da interação entre hospedeiro e agente biológico num ambiente que se modifica constantemente” (SCHOENDORFER, 2001, p.1). E, ainda, como afirma a autora, é, muitas vezes, fruto de um manejo inadequado pelos responsáveis.

Há, sem dúvida, em termos legais, e práticos mecanismos para garantir a qualidade do meio em que vivemos como já citado no Artigo 225, da Constituição Federal,

Art. 225. Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações. V - controlar a produção, a comercialização e o emprego de técnicas, métodos e substâncias que comportem risco para a vida, a qualidade de vida e o meio ambiente; (Regulamento)

§ 1º Para assegurar a efetividade desse direito, incumbe ao Poder Público:
VI - promover a educação ambiental em todos os níveis de ensino e a conscientização pública para preservação do meio ambiente;

VII - proteger a fauna e a flora, vedadas, na forma da lei, as práticas que coloquem em risco sua função ecológica, provoquem a extinção de espécies ou submetam os animais a crueldade. (Regulamento)

Ao se pensar no equilíbrio e saúde do meio em que vivemos, estamos contribuindo não apenas para os animais humanos, mas também para aqueles os demais que usufruem do mesmo, os não humanos.

4. Os significados atribuídos pelos participantes da pesquisa às relações com os animais domésticos.

Como já foi apontado no item 2.1 “Da caracterização a análise do material coletado” os depoimentos dos participantes foram agrupados em sete “núcleos de sentidos”. São eles: “Uma caracterização dos animais pelos responsáveis”; “Cuidados e necessidades interpretados pelos ‘donos’”; “Da aquisição/encontro à reflexão sobre o mesmo”; “Razões para manter vínculos e/ou rompimento das relações”; “Comunicação entre responsáveis, outros humanos ou animais não humanos”; “Sentimentos humanos e supostos sentimentos animais”; “Comportamentos animais diversos” e aqui apresentam-se pequenos excertos destacados das entrevistas, que evidenciam as atribuições dos participantes entendidas pela pesquisadora. Aqueles excertos que foram selecionados estavam semelhantes em sua maioria no material coletado, ou divergiam de forma que se destacava.

O núcleo a seguir apresenta um panorama geral dos animais não humanos citados durante a entrevista e suas características em comum.

4.1. Uma caracterização dos animais pelos responsáveis

Foi contabilizado um total aproximado de noventa animais não humanos citados durante a entrevista. Isso porque nem todos foram citados em números precisos.

Na Tabela 1. são apresentadas as espécies de animais envolvidas, suas raças quando citadas durante as entrevistas pelos/as participantes e também a relação das espécies animais e seus responsáveis, isto é, quantos animais estão/ou estiveram envolvidos diretamente no convívio diário dos entrevistados. De um modo geral também apresentam “o modo de aquisição” da maioria deles e a “finalidade”, quando houve. É importante enfatizar que todas as informações sobre “Raça”, “Modo de aquisição” e “Rompimento” que encontram-se “em aspas” foram fornecidas daquele exato modo pelos/as participantes, e que, aquelas que não estão, foram complementadas pela pesquisadora de acordo com informações fornecidas ao longo das entrevistas pelos/as mesmos/as.

De todo o material coletado foram citados exatamente vinte e seis cães (*Canis lupus*), vinte gatos (*Felis catus*), onze porquinhos-da-índia (*Cavia porcellus*), onze periquitos australianos (*Melopsittacus undulatus*), cinco peixes (*Betta sp.*), três calopsitas (*Nymphicus hollandicus*), três canários (*Serinus canária*), duas *Agapornis roseicollis*, dois papagaios (*Psittaciformes*), um coelho (Leporidae) e um bicho-pau (Orthoptera). Em número e também espécies não especificadas foram citados; preás (*Cavia sp.*) e hamstres (Cricetinae).

Tabela 1. Nomes recebidos dos animais não humanos, espécies, raça, modo de aquisição” e rompimento.

Espécie	Entrevista	Nomes	Raça	“Modo de aquisição”	Rompimento
<i>Felis catus</i>		Frida	"angorá"	"adoção"	--
		Tieta	"vira-lata"	"adoção"	--
		Jorge ou Jorgete	---	"adoção"	morte
	#1	Filhotinhos (4)	---	nasceram em casa	"doação"
	#3	Tunico (Nico)	---	adoção	---
	#2	Gatos (12)	---	---	---
		Pandora	"vira-lata"	"adoção"	---
		Afroditi	"vira-lata"	"adoção"	---
		Fidel	"vira-lata"	"adoção"	---
		Locki	"vira-lata"	"adoção"	---
		Caramelo	"vira-lata"	"adoção"	---
	#5	Amora	"vira-lata"	"adoção"	---

Espécie	Entrevista	Nomes	Raça	“Modo de aquisição”	Rompimento	
<i>Felis Catus</i>	#6	Chocolate	"vira-lata"	"adoção"	---	
		Sheik	"vira-lata"	"adoção"	---	
		Gato	"vira-lata"	"pegou da rua"	"doou"	
		Téo	---	---	---	
<i>Canis lupus</i>	#1	Bituca	pastor suíço	"adoção" com pagamentos	--	
		cachorro	poodle	---	--	
		Neve	"mistura"; "husky"; "não é legitimo"	“doação”		
	#2	Sofia	"vira-lata"; "sem raça definida"	adoção		
		Pink	poodle	---	"falecimento"	
		Mel	"vira-lata"	---	"morte"	
		Mel	"parece um golden"; "mistureba"; "salsicha com pastor alemão"	adoção	---	
	#3	Lucky	poodle	adoção	---	
		Pingo	"pinscher"	compra	---	
	#4	Yeve	"vira-lata"	"adoção"	---	
	#4	Queen	"vira-lata, mas tem um pouco de pitbul"	"recolheu da rua"	---	
	<i>Canis lupus</i>	#5	Maresia	"vira-lata"	---	---
			cachorro	"fox-paulinstinha"	?	"doação"
Lico			"vira-lata"	"adoção"	---	
Fred			"basset"	"adoção"	morte	
Biti			"fox-paulinstinha"	---	doação	
Lola			"viralatinha pretinha"	"adoção"	mudou-se	
#6		Cora	"vira-lata grandona"	---	mudou-se	
		Aisha	"cocker"	---	mudou-se	
		Billy	"vira-lata"	---	---	
		Bob	"vira-lata"; "não tem raça definida"; "parece poodle"	"doação"	---	
		Tuco	“basset”	---	"morte"	
		Max	“poodle”	---	"morte"	
		Bartes	“basset”	---	---	
#7		Toddy	---	---	"morte"	
		Guga	“dalmata”	---	"doação"	
#9		Moringa	“vira-lata”	adoção	---	

Espécie	Entrevista	Nomes	Raça	“Modo de aquisição”	Rompimento
<i>Cavia sp.</i>	#2	---	“preazinhos”	“compra”	"doação"
<i>Cavia porcellus</i>		Yoko	“inglês”	“compra”	---
		Matilda	“skinny”	“compra”	---
		Nina	“inglês”	---	---
		Margarida	“alpaca”	“compra”	---
		Beka	“inglês”	---	---
		Sofia	“abissinia”	---	---
		Meimei	---	“adoção”	"falecimento"
		Linda	---	"adoção"	"falecimento"
		Jubinha	---	"adoção"	"falecimento"
		#3	Yoko	---	compra
		John-John	---	"compra"	---
	#8	Frederico	---	"compra"	---
Cricetinae		Gorda	---	"compra"	morte
	#8	hamsters (?)	---	machos/nasciam do casal	morte
Psittaciformes		“papagaios” (2)	---	---	---
	#3	“papagaio”	---	---	“deu”
<i>Nymphicus hollandicus</i>		calopsita	---	---	---
	#3	José	---	adoção	---
	#2	calopsita	---	compra	---
<i>Melopsittacus undulatus</i>	#3	periquitos (3)	---	---	---
		periquito (2)	---	"ganho"	(morte/fuga)
	#2				
<i>Melopsittacus undulatus</i>		periquito verdinho	---	compra	---
		periquitinhos (?)	---	nasciam do casal	morte
	#4	Bob	---	compra	---
		Amy	---	compra	---
		Alex	---	compra	---
<i>Serinus canária</i>	#6	canários (2)	---	"doação"	morte/doação
	#2	canário	"canário do reino"	compra	---
<i>Betta sp.</i>	#7	peixe Beta	---	compra	"morte"
		Fernando	---	compra	morte
	#4	peixe Beta (3)	---	compra	morte
Peixes	#3	---	---	---	---
Leporidae	#9	coelho	---	---	---
Orthoptera	#6	Liedson	"gafanhoto" "bicho-pau"	"veio"	morte

Analisando a Tabela 1.é possível perceber que em termos numéricos o grupo que mais recebeu nomes individuais e próprios é o dos mamíferos, outros grupos como aves e peixes em muitos momentos não foram nomeados, o que revela uma maior tendência a afinidade e afetividade àqueles animais que tem traços semelhantes aos do ser humano. Como já discutido no item 3.4. Quanto à escolha do nome, quando o substantivo não é próprio, os animais recebem nomes como “Pingo” e “Chocolate”, por exemplo.

Quanto a “Raça” do animal é notável o aparecimento do termo “vira-lata”, que pode funcionar como um substantivo e um adjetivo. “Vira-lata” é a denominação dada aos cães ou gatos sem raça definida, SRD, assim referenciados em textos veterinários. O termo vira-lata deriva do fato de muitos desses animais, quando abandonados, serem comumente vistos andando famintos pelas ruas revirando latas de resíduos em procura de algum alimento. Consequência direta de uma desigualdade social anterior, brevemente discutida no item 3.4. Os cães e gatos considerados sem raça, são mestiços, descendentes de diferentes raças.

Diretamente vinculado a este fato, está também o “Modo de aquisição”, no caso de animais “adotados” ou “recolhidos”, que em sua maioria são considerados “vira-latas”. O que nos indica uma forte tendência ao abandono de animais que não possuem raças definidas.

4.2. Os cuidados e necessidades dos animais interpretados pelos donos

4.2.1 Higiene do Animal e do Local

Nesse item são apresentados os temas referentes aos cuidados de higiene do animal e local onde o mesmo se encontra. Em todas as entrevistas encontramos preocupações referentes (à) a isso. Aspecto positivo, uma vez que, na grande maioria dos casos de transmissões de zoonoses, ocorre pelo manejo inadequado da higiene em companhia do animal (SCHOENDORFER, 2001). De acordo com um/a dos/a participantes:

Então, cachorro, tanto o Lico como o Fred, a gente tinha muita dificuldade por conta do xixi. E por serem dois machos que não se davam bem...No mesmo ambiente, e não castrado, aparentemente, né?[...] Supondo que os dois não fossem castrados. Um queria marcar território em cima do que o outro marcou, sabe? Então era um caos. Todo dia de manhã. Era muito xixi. Porque assim, minha casa lá em São Paulo, é um sobrado e o quintal é em “L” então eles ficavam no fundo, que é onde tem a lavanderia, e ficavam as casinhas deles, e aí ficava o corredor todo pra eles também. E só que é tudo de piso, é... E aí é osso, porque todo dia de manhã... E tem o portão entre o fundo e o corredor. E o

corredor e a garagem, também. Porque se não, se você deixasse os três portões, os dois portões abertos. Eles faziam xixi em tudo, em tudo! Em todas as oito rodas dos carros, sabe? Em absolutamente tudo! Um em cima do outro assim. E aí a minha mãe a noite, ela sempre deixava o portão entre o fundo da casa e o corredor fechado. Pra eles se limitarem a fazer xixi só naquele espaço. Mas cara! Eles faziam xixi no pé da máquina, no pé do tanque, nas portas... Na porta da entrada da cozinha... E são dois sabe? Nos vasos... Todos assim, nossa.. Era insuportável! Porque você tinha que acordar... Seis e meia da manhã, que era a hora que a gente acordada, né? Tinha que limpar antes de trabalhar, por exemplo, porque ficava um cheiro muito ruim...! E eles ficavam sapateando em cima. E eles ficavam pulando nas suas pernas, sabe...Pra brincar... E ficava aquele fedo de xixi...Então era osso! Eu acho que a maior dificuldade era isso... pros cachorros (Entrevista #6)

O xixi do animal parece ser motivo de incômodo para os responsáveis e é o que garante a limpeza tanto do local quanto do animal. Chegando ao extremo, como veremos a seguir, quando não atendido a higiene adequada, o rompimento da relação por conta disso, como melhor descrito no item ‘4.4.2. Rompimento por iniciativas dos humanos’. Como já evidenciado, no final do depoimento da participante, ainda podemos perceber, também em outros temas, o anseio dos responsáveis para que os animais façam suas necessidades em locais escolhidos como adequados para tal. Cuidado esse demonstrado, principalmente, quando mais de uma pessoa além do/a responsável e do animal utilizam o espaço, evitando dessa forma conflitos.

[...] Aí eu fui falar com a dona Olinda, que é a dona daqui das casas...Aí ela falou: “Olha, eu não gosto muito de gato, não pelo bicho, mas mais pelo fator dele fugir, tipo, e ficar andando nas casas.... É...Tem risco de fazer xixi, coco, tem um monte de gente aqui no quintal, então é embaçado, eu acho que as meninas não iam curtir e tals...Mas como a inquilina de baixo da sua casa ela tem um cachorro, eu não posso falar não pra você, né? Se você prometer cuidar, se castrar, se não deixar escapar... Por mim, tudo bem. Mas assim, sabe, meio tipo: [expressão facial de não concordância]. (Entrevista #6)

Ou ainda:

Pro Sheik eu já não tive esse problema porque é muito raro ele fazer xixi fora da caixinha. Uma vez ele fez porque eu tava lavando a caixinha e ela tava ali fora pra secar, sem areia. E aí ele foi onde eu deixava a caixinha e fez lá, sabe? Então ele tá ligado que aquele lugar ali é o lugar de xixi. (Entrevista #6)

Nos excertos a seguir, os/as participantes falam sobre a necessidade do banho e tosa higiênica nos gatos, isso porque dividem os mesmos locais que eles. Inclusive de repouso, como em suas camas.

Então é assim, e ela tem um cuidado especial, que ela toma banho com muita frequência, e eu tenho que fazer a tosa higiênica nela, porque ela não sabe se limpar e ela fica cheia de coco. (risos) Por ser mais nova assim, então eu mesma dou banho nela... Ela mesma eu prefiro levar no *pet shop*, pra não grudar coco no pelinho dela, mas é isso assim [...] É uma tosa que eles fazem perto da barriga, na bundinha e perto do rabo pra não grudar coco. Só que aí quando você tem um gato atrapalhado e gruda muito. E ela é muito fedida por causa disso, tem um cheiro muito forte. Então precisa desse cuidado de tomar banho sempre e fazer tosinha, pra evitar. Porque não é muito comum fazer em gato, é mais comum em cachorro. Mas eu tenho um gato meio loco. (Entrevista #5)

A “tosa higiênica” aparece no caso da primeira participante como um meio de manter o animal limpo, não mal cheiroso e livre das fezes, apesar do animal já manter a própria rotina de limpeza. O hábito de cortar pelos dos animais é, como comenta a própria participante, comum na maioria das vezes em cães.

Aí a gente dava banho...Eu dava banho nele sozinha né? Ai agora que ele tá maior o Socorro me ajuda que eu não consigo. Mas eu lembro da veterinária falar, olha, como ele veio da rua, dá banho com xampuzinho ‘Jonhson’s baby’, aí ele ficou com aquele cheirinho de bebê, e aquele cheirinho de leite...Era um bebezinho, né? Muito pequenininho.

[...]

Eu dou. Eu dou porque às vezes ele fica... Ele gosta muito de rolar no chão, tipo. De se esfregar. Igual cachorro em carniça é muito louco isso...!E aí às vezes ele vai lá fora e tá empoeirado a laje, então ele fica marrom. Sabe? Fica até duro o pelo. E como ele dorme com a gente, eu prefiro às vezes dar banho nele. Mas eu dou banho uma vez por mês no máximo. Porque dá muito trabalho, ele não curte, nem um pouco, né? E eu já estudei várias formas de dar banho, um banho mais tranquilo, mas não adianta! (Entrevista #6)

Descrevendo mais detalhadamente o banho a seguir:

Antes, a primeira vez que eu fui dar banho nele, eu peguei ele e enfiei ele debaixo do chuveiro, aí com o barulho do chuveiro ligado ele ficou desesperado, né?. Aí eu comecei a procurar um monte de coisa na internet e “tals”, aí eu vi que eles gostam que você pegue uma bacia, mesmo. Aí, geralmente você coloca um tapetinho antiderrapante dentro da bacia, mas eu não tenho, então eu coloco só um paninho mesmo e você pega outro balde com água morna, mas não pode ser quente porque se é morna pra gente, então é quente pra eles. Tem que ser quase gelada na real, pra ser morna pra eles. E aí você vai colocando um pouco a canequinha, né, então eu joga água, esfrego um pouco de

sabão...Daí eu vou devagarinho...Aí não pode molhar a cabeça, eu passo a mão bem molhada assim no fucinho... (Entrevista #6)

Nas entrevistas além do referido banho, apenas uma participante demonstrou interesse na tosa por razão específica da transmissão de doenças via artrópodes parasitas que se abrigam os pelos. Os outros tiveram essa preocupação apenas na chegada do animal, quando este veio da rua ou esteve abandonado por longo período, melhor descrito no item 4.2.2 Saúde e cuidados médicos.

Então todo mês... Todo mês não, vai. A cada dois meses a gente leva ele pra tosar.

[...]

Então, calor. E o pelo dele começa a... Num sei o que que é aquilo... Mas vai ficando grosso e... Fica feio. E eu não sei o porquê, mesmo você lavando e penteando, ele vai criando nós. Bem grandes. Aí vai ficando cheio de nós, sabe? Aí fica feio... Fica ruim pra ele... Ruim de lavar.. Aí vai surgindo mais pulgas [...]É, ele não tem carrapato, ele tem pulga. (Entrevista #7)

O hábito de cortar os pelos do cão pelo incômodo do próprio animal com os nós que se formam, também é observado para os porquinhos-da-índia das duas participantes responsáveis por esses animais.

Aí eu ... Só que aí eu fico aparando o pelo dela. Porque cresce muito rápido! - Queria que o meu crescesse rápido! [...] E eu tenho que ir tosando... Porque quando tá calor, ela sofre muito no calor... A Mar.. A Matilda não tem esse problema, né? Ela tá de boa... [...] Porque, o organismo do skinny, é já foi tudo planejado, né? Eu acho que ele foi criado e já foi tudo planejado... Porque ele... É muito rápido, é um organismo muito rápido! Então ela é super quente, parece que ela tá com febre... Ela sente um pouco mais no calor do que no frio. Porque ela tá sempre quente. sempre quente, e você pega ela parece que ela tá com febre mesmo...(Entrevista #3)

Já a participante da Entrevista #8, relata que o banho é dado com shampoo neutro para bebês humanos, e, a seguir dá mais detalhes sobre o momento em que penteia os pelos dos porquinhos e realiza a tosa.

...Um shampoo pra neném. Sem cheiro, sem essas coisas? É um shampoo neutro, tem que ser um shampoo neutro. Então, produto essas coisas banho só importado. E é impossível importar qualquer coisa pra animal. É muito caro essas coisas. E daí eu tipo... Como o

porquinho ainda é um animal, de certo modo, exótico... Eu peguei muita coisa lá fora dos porquinhos, as dicas que as meninas davam, pra dar banho... Primeiro que você não pode dar muito banho... Tem que ter um intervalo de seis meses. Eles tem a pele muito sensível. E... Eu só do banho quando eles tão na imundícia, da imundícia. Ele, principalmente, porque ele gosta de se... De cagar e sentar em cima do coco. E daí eu ia pegando dica, tipo, ah,, o shampoo da Johnsons Baby tal... ó, shampoo taal neutro, coisas assim. Aí escovinha... eu comprei uma escovinha que é de criança também pra poder pentear. No começo eu penteava o pelo dele, mas aí eu desisti, porque ele chora. Ele sente dor. Eu não sei se ele sente dor ou é drama. Porque ele é bem dramático. Eu chego com um pente perto dele ele já tá “huuuuuuimm, huiiiimmm” [...] Sim eles chora. Ele faz barulhinho. E aí eu, eu tentei deixar ele meio livre. Eu falei tá, ce num vai deixar eu pentear o seu pelo? Mas você vai me deixar cortar ele com certa frequencia, pra ele não ficar embolando, embaraçando...Aí geralmente eu tipo, corto o pelo dele quando tá começando a ficar comprido e vo mantendo assim. Só que às vezes ele fica a imundice, que nem hoje. Daí eu decidi dar banho nele também pra ficar mais fácil de cortar o pelo. (Entrevista #8)

Para a mesma participante o animal necessita ser olhado sob sua própria óptica e condição, não o inverso; ou seja, que as necessidades dos animais são as mesmas que para os humanos.

Porque não é você não tem que se moltar o cachorro a sua vida, você tem que se moldar a vida de um cachorro. Então você tem que pensar se você tá pegando um cachorro grande, bem peludo, você tem que pensar durante o dia porque pelo deve ser um inferno...Tem que tosar ele pra poder tosar as camadas de pelo. (Entrevista #8)

Como também entende o participante da *Entrevista #1*, apontando alguns cuidados como “absurdos”.

Eu sempre achei meio absurdo algumas coisas, tipo, escovar o dente de cachorro. Isso eu falo porque tem tipo, amigos, família que.. Uns amigos meus lá em São Paulo que fazem isso. Um pessoal cheio da grana aí. O pessoal compra fralda pro cachorro, compra absorvente, escova o dente, leva no veterinário e ele toma aquele banho... Pomponzinho, umas coisinhas, assim. Isso eu não sei... Eu acho que é tratar muito o bicho como ser humano. Sabe?Tem que deixar ele ser um bichinho, também. Por que assim, por mais carinho que eu tenha, eu nunca tentei tratar elas como ser humano, elas tipo, são um gato, sabe? E tem que ser. Minha irmã teve uma época que ela levava o cachorro no veterinário ele voltava cheio desses negocinho, essas “firula”. Aí eu falava; “para com isso, meu! Ce acha que ela gosta de ter um strass colado aqui na testa dela? ela num gosta, sabe?” mas aí quando o cachorro chegava ela ficava um tempão tentando tirar. Aí ela mesma... Aí ela começou a fazer veterinária e tal... Daí ela começou a aceitar essas ideias de boa, assim.

Ela acha também, desnecessário. Ela acha cruel com o bichinho, sabe? Eu tenho que deixar o bicho ser um bicho. (Entrevista #1)

4.2.2 Saúde e Cuidados Médicos

Nesse item são referidos os problemas de saúde que apresentaram os animais humanos e não humanos frente às relações que se estabelecem; que apresentam os não-humanos frente a situações diversas e o que é feito a respeito; são evidenciados os cuidados preventivos e conhecimentos dos responsáveis sobre os referidos aspectos de saúde, qualidade e bem-estar do animal; onde buscam informar-se a respeito e os serviços médicos que utilizam.

Então... É porque é uma coisa até comum que o veterinário me falou de porquinho da índia. Quando eles tavam já os dois em casa, um mês depois, eles tiveram sarna. Daí eu levei eles no veterinário, fiquei coçando, aí peguei uma sarna no braço também. E aí ele falou que era comum por causa da mudança de ambiente. Quando é muito brusca, costuma cair a imunidade deles. E que a primeira coisa que aparece é sarna. Então, que não é nada anormal. Aí eles só tiveram sarna... (Entrevista #8)

No primeiro tema vemos, que mesmo tendo sido alertada pelo médico veterinário, a entrevistada e o porquinho-da-índia, contraíram sarna. A doença é causada por um artrópode, parasita, do gênero *Sarcoptes* sp. O modo de transmissão é por via direta com o animal portador (SCHOENDORFER, 2011). Já no segundo tema, a entrevistada parece ter tido um pouco mais de sucesso para evitar a sarna, tanto nela quanto nas porquinhos-da-índia, evidenciando-os enquanto respondia as questões:

Eles passam muita doença um pro outro. Então eu observando eu sei se ela tá com piolho, se ela tá com sarna... - Que foi, que que foi? - Se eu for tratar alguma coisa, eu vou levar mais tempo... Porque já aconteceu de ver gente juntando e.. tipo assim; “ai peguei e juntei de cara!” E o porquinho tava com piolho, passou piolho pra todo mundo. Aí tem que tratar todo mundo! É muito mais fácil você tratar um só, do que tratar todo mundo. Mas que nem elas fazem tratamento preventivo de piolho e sarna. Eu já cheguei a ajudar alguns colegas meus, que tem porquinho e... Tava com sarna. Porque que nem, existem dois métodos de cuidar de sarna, tem o injetável e o tópico. E muitos veterinários gostam de fazer o injetável. (Entrevista #3)

Também revela, seu conhecimento sobre as técnicas mais eficientes no tratamento de sarna e piolho, indicando-se disponível para auxiliar outros/(as) colegas que tem “posse” de um animal de mesma espécie. O parasito é responsável pelos pruridos e inquietações nos

porquinhos-da-índia (*Cavia porcellus*), geralmente é o *Gliricola porcelli* (PEREIRA et al, 2013). Entretanto, mesmo possuindo alguns conhecimentos, vemos que a entrevistada e os demais animais de seu convívio não estão livres de riscos.

Ele chegou ele já tinha dois anos de idade. Ele foi abandonado. Ele foi abandonado quando ele tinha mais ou menos um ano, ele foi muito maltratado, tanto que ele tinha medo de tudo, tudo, tudo! Hoje ele tem medo da mangueira, medo da vassoura, tem medo se você levanta o pé, faz qualquer coisa, ele tem medo. E ele veio com muita sarna, ele veio praticamente sem pelo. E agora ele tá peludão aí, já tosou umas cinco vezes já! [...] Ele... A gente achou que o pelo dele não ia crescer. Porque ele tava com a orelha preta de sarna e alguns locais onde o pelo foi crescendo ficaram laranja... Mas aí depois que cresceu, a gente tosou aquele laranja e sumiu. Ficaram branquinhos. (Entrevista #3)

No caso relatado pela participante, o cão chegou à residência, com sarna, de origem desconhecida. Esse fato não evidenciado em outras entrevistas, o que não diminui, no entanto, a preocupação, visto que é uma zoonose muito recorrente em ambientes tropicais com poucos meio eficazes de controle (SCHOENDORFER, 2001).

Os cuidados para evitar contaminações de um animal para o outro, não só com a sarna, são evidenciados também em outras entrevistas, e melhor exploradas no item 4.2.4. “Espaços utilizados, permitidos e frequentados”.

Os seguintes excertos destacados, também apresentam as caracterizações feitas à saúde do animal não humano por seus responsáveis, principalmente durante os primeiros contatos com o mesmo.

A Queen ela chegou bastante suja, machucada... Daí a gente tratou bastante. Chegou com pulga, carrapato, a gente deu banho... e tal. Mas a Yeve não. A Yeve chegou bonitinha, mas a Queen chegou um pouco machucada, um pouco mais magra... Então ela não tinha nem nome, assim. A outra pessoa que adotou ela só castrou só. Daí a gente tratou dela, deu banho e tudo mais. (Entrevista #4)

Quando questionada se há algum problema de saúde com os animais não humanos a outra participante respondeu:

Não, não... Só a minha branca, lá a ‘Neve’, que tá com umas alergia no corpo. Eu não sei se é por causa do calor, que eu falo que é essa; da ‘raça meio definida’ aí... Tá com um vermelhão tudo, assim, mas, to dando banho, to cuidando tudo, mas, só isso também, por que o resto... (Entrevista #2)

Mais uma vez destacam-se as preocupações com artrópodes causadores de zoonoses no primeiro tema, como a pulga e o carrapato. Já no segundo, é possível notar o desconhecimento da participante em relação ao problema de saúde da cachorra, que a caracteriza como uma alergia, podendo, no entanto, tratar-se de algo mais sério e até mesmo contagioso. Infelizmente não há muita literatura sobre o (des)conhecimento das pessoas sobre as possíveis zoonoses associadas a animais de estimação (COSTA, 2006).

A seguir, destacam-se excertos, nos quais os/as entrevistados/as dizem sobre os cuidados médicos que costumam ter, frente a diversas situações, sobre o hábito de encaminhar ou não o animal a médicos veterinários, quando e por que fazem isso. Em todas as entrevistas, foram identificados como momentos comuns para consultas médicas; a castração e o primeiro contato com o animal.

Nesse primeiro excerto, o participante afirma que a cachorra, Yeve foi castrada, e logo em seguida conta sobre a rotina de levá-la junto com a outra, Queen, ao veterinário.

Isso.[...] Isso a gente levou no veterinário e a cada dois meses, acho, assim, a gente leva as duas no veterinário[...]Por que a Yeve tem probleminha no rim também, que tem que cuidar. (Entrevista #4)

O participante nem a veterinária parecem saber do que se trata, por isso, como relata, a cada dois meses, faz um acompanhamento médico.

É só fica de olho. Já que ela ficou doente uma vez [...]Ah, ela vomita bastante, não levanta mais, espuleta que nem ela é...Ela perde a cor, fica bem...É, tipo, o focinho dela...Fica bem chocho. Aí a médica, a veterinária dela disse que é um problema de rim. (Entrevista #4)

Para a maioria dos casos relatados, exceto nos dois momentos mais comuns de ida ao veterinário, é possível perceber que o contato com a medicina formal só se dá frente a problemas, os quais, os participantes da pesquisa não se veem em condições de solucionar ou ajudar o animal por si mesmos como aponta a participante da Entrevista #2.

É, nós que cuida. e só se for o caso de precisar (ênfase no ‘de’). O dia que ‘tá assim”, então... Mas aquela coisa de...Todo mês, e...A visita, né? do médico, assim, não! Eu levo só se for o caso mesmo se vê que tá precisando, falando, ‘então vamo leva, né?’ Mas de...

visita, todo mês, sempre assim; não. A gente mesmo cuida, eu dou remédio, eu do remédio pra verme, é também quando tem carrapato eu compro alguma coisa assim, um remédio, já dou remédio... Eu mesma que cuido... Mas se tiver doente, precisando, alguma coisa, daí a gente leva. (Entrevista #2)

E que muitas vezes, são problemas mais próximos do extremo, como morte, por exemplo. Os excertos que trazem essa temática serão melhor explorados no item 4.4.3. ‘Rompimentos por outras razões’.

Ainda nos casos em que há uma frequência periódica no médico, há sempre uma preocupação que antecede, mesmo uma recomendação médica, casos de problemas crônicos e/ou anomalias. Como apontado na Entrevista #4

4.2.3. Dependências, Cuidados Essenciais e Não Essenciais.

No tema a seguir o entrevistado fala sobre o que acha que são cuidados dispensáveis e em seguida apresenta a opinião sobre as demais animais dependentes, ou não.

[...] Tipo, ele é um animal, sabe... Eu num sei se é isso que você quis dizer. Mas tipo, é... A gente domesticou muito, né? Tirando essa parte de dar alimento, tirando o vira-latas e cachorro de rua que já aprende a...procurar comida do lixo, essas coisas, ou pedir, fazer cara de dó pra alguém, essas coisas, a gente domesticou muito, né? Então os animais eles são os animais eles são dependentes, também. Com certeza as gatas não ia conseguir se virar sozinha. O papagaio se eu botasse ele aqui na UNESP ele ia morrer. E num ia sabe colhe fruto pra comer. Eu imagino... Pode ser que não. (Entrevista #1)

No momento em que fala de dependência o entrevistado não vê as gatas, nem o papagaio, com os quais conviveu, seguros na natureza, pois eles são dependentes de alguma assistência.

[...] Mas se você tem em casa. é complicado, você deixa o animal preso, né... e de certa forma.. Mas existe. Os animais vão tá aí, aí eu penso, antes eles estarem, pelo menos em casa, em casa entre aspas, preso em casa, do que na rua largado, né? (Entrevista #1)

Essa dependência seria para ele fruto de um exagerado processo de domesticação como argumenta melhor em um tema melhor explorado no item 4.3.1. ‘*Interesses sobre outros animais*’.

Mesmo entendendo que o animal não humano pode estar sob confinamento, o participante prefere cuidar do animal, ao invés de vê-lo “largado na rua”, pois o percebe como

um ser dependente do humano. Assim, como também concorda a outra participante, falando sobre sua experiência de ‘aquisição’ dos animais e dos periquitos-australianos com os quais convivia, como já foi apontado. Expandindo o pensamento para os demais animais, e estimulada por novos questionamentos no segundo excerto, também fala sobre os animais soltos na rua, porque não os imagina soltos ou sobreviventes na natureza:

[..] Ah...Eu acho que foi...Assim, vamo se dize, um pouco ‘dedigno’ ao costume de ce ter passarinho, e um pouco de eu gostar. Por que eu gosto, eu gosto. Eu gosto de passarinho, eu gosto de cachorro. Às vezes as pessoas fala; “ahhh! mas ce tá com passarinho na gaiola, num sei o que”, mas eu falo, “mas eu to cuidando, né?” to também...Então...mas eu acho que é isso daí. Um pouco de gostar e um pouco de costume, né? (Entrevista #2)

Ou ainda:

Ahh... assim, se nunca ninguém tivesse pego pra cuidar, acho que seria bem ruim, né? (risos) ... Porque daí não ia ter nada, né? Ia ficar que nem esses cachorros que fica aí na rua...Mas agora se outras pessoas pegassem, cuidassem, então também, mas... eu acho que seria ruim. [...] A única coisa que às vezes eu penso, é que a turma fala, às pessoas falam, assim; “ah, você deixa o passarinho preso na gaiola, eles que ficar solto...Mas às vezes eu penso, assim, se eles ficar solto, eles vão morrer. Por que às vezes num vai lá, com uma arminha, com um estilingue, ou então mata...Ou então vai morrer lá, outro bicho vem e vai comer... Aí eu to cuidando dele! Eu to dando comida, eu to dando carinho... Então, às vezes eu penso assim. Mas não... Pensa assim; “ai, como será que seria”, não.[...]Eu não sei... é...Então, que nem fala, né? Os cachorros... Sempre vê os cachorros na rua, eles fica tudo.. Ta morrendo coitado, dá até dó, né? Aí eu falo, se tivesse comigo? Aí eu tava cuidando...É uma coisa que num dá nem pra...(Entrevista #2)

Necessidades e cuidados que também são expressos para os porquinhos-da-índia na Entrevista #8. Por serem completamente domesticados e exóticos à nossa fauna, a participante diz que os porquinhos nem mesmo chegariam a andar num meio diferente daquele que estão habituados, como um gramado, por exemplo. Quando pergunto se sobreviveriam sua resposta é “Não”. E a seguir quando pergunto se são totalmente dependentes, ela responde:

Sim. Que não é que nem cachorro por exemplo... Eles não tem uma liberdade. Eles tem uma liberdade. Porque eu deixo ele solto aqui dentro de casa. Mas tipo, eu tava pesquisando, que foi meio o que aconteceu com o cachorro, que era *Canis lupos*, aí virou *Canis familiaris*. Porquinho da índia doméstico não é a mesma espécie, tipo, o porquinho da índia, na selvagem, ele chama preá, que é o parente da, da... Da capivara. Porquinho da índia tipo doméstico, ele já é outra espécie que é tipo, que ele chama *Cavia porceu* alguma coisa...E eles são completamente domesticados. Eles já não tem mais o aspecto de... De selvagem. O porquinho da índia tipo o preazinho, se vira bem na natureza. Mas

acho que eles já estão tão domesticados que se eu soltar eles na grama na grama por exemplo, eles vão ficar [imitando com o corpo] [...] Parados. Agora se eu colocar eles no cercado...O cercado na grama, eles iam se sentir livres. Mas se eu soltasse eles num cercado, tipo sem cercado eles iam ficar, tipo, que que eu faço? Que nem quando eu solto eles aqui. É que eles já tão muito familiarizado, então...Ele anda ao redor aqui. Mas tipo, em casa lá em São Paulo, eles só tão familiarizado em ficar na sala. Se eu soltar eles no meu quarto eles vão ficar parados em cima do tapetinho. Não vão andar. [...] Não andam. Só na sala que eles se sentem bem. Ai eles comem a cortina da minha mãe e ela fica brava. (Entrevista #8)

Notavelmente, para esses participantes, há uma preferência para que os animais permaneçam sob seus cuidados, e, portanto, mesmo que confinados, fora das ruas e dos riscos que ela oferece, como doenças, morte, etc... Em um dos extremos dessa visão, teríamos relações indissociáveis, nos quais, os animais e os responsáveis humanos não devem jamais separar-se.

Isso não vai acontecer porque ela não sai de perto de mim. (Entrevista#9)

Mesmo que no plano do ideal como apresentado na Entrevista #9, é possível notar que existe uma expectativa semelhante em outras duas entrevistas (Entrevista #2 e #5) de que o animal jamais se separe do/a responsável. No item 4.2.4. “Espaços utilizados, permitidos e frequentados” serão apresentados mais detalhadamente outros aspectos sob os cuidados essenciais relacionados ao espaço.

O jornalista, Mark Derr (2011), em seu livro “*How the dog became the dog*” também acredita que mesmo soltos nas ruas os animais domesticados ainda não estariam a salvo do nosso processo de domesticação, e para ele, como já apontado anteriormente, a urbanização foi e tem sido a grande responsável por essa privação de liberdade. Assim como também apontam (MENEGUELLO, 2006; SCHOENDORFER, 2011, THOMAS, 2010; FUCHS, 1989).

De fato, se para nós humanos é difícil compreender o espaço urbano; nossas restrições nele e o que eles nos reservam (OKE, 1970), como poderia ser, então, para compreender as outras espécies domesticadas por nós nesses espaços? Por sorte alguns estudos têm sido feitos quanto à interação dessa fauna com o meio urbanizado, como é o caso do Trabalho de Conclusão de Curso sobre *Felis catus* (MENEGUELLO, 2006).

Então é certo, que não se podem manter os animais ‘pelas ruas’, mas inevitável, acontece, e, como aponta, outra participante, a razão para não deixá-los ir, é, também, pela imprudência de outros/as responsáveis:

É, e aí vai largando... E a pessoa fala que é dela porque dá comida pro cachorro. E vê que ele vai lá comer. Mas não tem esse cuidado de ficar levando pra

vacinar... Levando em veterinária, por exemplo, ficou cego, nossa deixa eu ver que que vai rolar, sabe? Não. Isso daí não tem... Porque também não tem dinheiro nem pra eles mesmos né? Num tem pra médico, pra comprar remédio pra pessoa, então... O animal acaba ficando sempre em segundo plano, mesmo. (Entrevista #6)

A entrevistada, em sua fala, aponta a desigualdade social, como um impulsivo aos maus tratos e abandono de animais domesticados por alguns indivíduos pobres. De fato, como já discutido no início do trabalho, o homem sempre buscou da natureza seus recursos (DUARTE, 2005), transformando-os e ressignificando-os em outros bens capitais (DUARTE, 2005, DEAN, 1996; RECLUS, 2010; FREYRE, 1968). Porém sempre houve uma incoerência na sua igual distribuição, a quem estão destinados seus usos, como já apontava, o geógrafo e anarquista francês, Élisée Reclus (2010), na sua discussão sobre o ‘Homem e a Terra’:

[...] A humanidade ainda não fez o inventário de suas riquezas e decidiu de que maneira deve distribuí-las para que sejam repartidas da melhor forma para a beleza, a rentabilidade, a saúde dos homens [...] Um fato capital domina toda a civilização moderna: o fato de que a propriedade de um único pode crescer indefinidamente, e, inclusive, em virtude do consentimento quase universal, abarcar o mundo inteiro. (p.42-43)

Para ele, a propriedade cresce em desigualdade na sociedade. E se assim é, o depoimento da participante da Entrevista #6, associada à imagem do animal como propriedade (FRANCIONE, 2013), nos leva a pensar em um prejuízo para aquele animal que está sob os cuidados de uma pessoa em condições completamente “desfavorecidas” socialmente.

A ação do homem sobre o animal, continua RECLUS (2010), poderia ser muito “mais profunda”, caso não tivéssemos domesticado o animal de forma mais útil ao homem do que à ele mesmo. Em suas palavras, é certo que, embora muitos tenham sido socorridos de um eminente perigo de extinção, como bois, cavalos e algumas aves, para tornarem-se uma ‘massa ambulante’, outros se associaram de maneira tão íntima (moral e intelectual), que pertencem ao mesmo conjunto chamado por nós civilização. Sendo assim, sofreremos das mesmas intermitências, humanos e não humanos, quando pensamos, por exemplo, que a escravidão humana (FREYRE, 1968; FRANCIONE, 2013), e em suas consequências para a atualidade.

Acho, acho, acho... Ele é inteligente. Ele não vai com qualquer um, na rua, sabe? Em casa, quando a pessoa está dentro de casa assim, quando a pessoa já entrou, é diferente. Mas quando tá na rua ele não vai com ninguém. Ele é mais arisco, ele é bravo. Com as pessoas assim, com os outros cachorros... Então eu

não sei se isso seria bom assim, porque ele é meio encrenquero... Com qualquer cachorro. Não importa o tamanho do cachorro! Ele já avança. (Entrevista #7)

No momento em que fiz uma pergunta sobre a relação de dependência dos animais, a entrevistada não se manifestou verbalmente, mas, manifestou certa incompreensão, diante de minha primeira pergunta. Por essa razão expliquei-lhe mais detalhadamente o que queria dizer. Ela, então, responde que o cão é inteligente e tem capacidade de “se virar” sem seus cuidados. Contrariamente às opiniões manifestadas pelos demais entrevistados/as.

4.2.4 Espaços utilizados, permitidos e frequentados.

Foi possível presenciar em alguns momentos durante as entrevistas os locais nas quais os animais se encontravam e frequentavam difícil, no entanto, descrevê-los aqui. Os/As participantes comentam nos temas a seguir os locais onde costumam permitir a presença dos animais, em que locais os levam e por quais razões fazem ou fizeram essas “concessões”. Apesar da difícil visualização espacial através do material falado e transcrito, ainda é possível perceber as semelhanças nesses hábitos pelos participantes.

o Lico fica sempre pra fora de casa ... (Entrevista #6)

Nesse pequeno excerto a entrevistada diz sobre o espaço restrito ao cachorro que mora com a mãe em São Paulo. Reforça a ideia quando conta sobre suas viagens para a casa da mãe e leva o gato, Sheik, que permanece dentro da casa. Em seguida apresenta a razão para mantê-los separados, comentando como aparecem também no próximo excerto.

O Lico fica no quintal e o Sheik fica dentro de casa. (Entrevista #6)

É eu acho que ele, num sei... É que eu nunca vi o Lico perto de um gato... E o Sheik ele é muito arisco. Então eu acho que ele ia assustar... E o Lico ia correr atrás dele, sabe? Não sei se pra cheirar, ou pra morder... Eu prefiro não arriscar! Nem tento! [...] O Lico fica no quintal e o Sheik fica dentro de casa. Sempre mantém a porta que dá acesso ao quintal fechada. Mas às vezes, quando o Sheik tá cheirando... Essa porta fica na cozinha, então quando o Sheik tá solto, cheirando lá a porta, bem a porta! O Lico sente o cheiro e ele fica escavando a porta! Assim, pra sempre! Ele não para! Ele fica assim, se você não der umas broncas nele, não distrair ele com alguma coisa, ele fica, sei lá, horas lá,

cavucando a porta... E aí esse é o meu medo, sabe? Sei lá! Abrir a porta ele meter o dente no Sheik... (Entrevista #6)

Para a participante da Entrevista #2, assim como o da Entrevista #6, cachorros e gatos não se dão bem, e há por isso, uma necessidade de não “tê-los” ao mesmo tempo, ou mesmo, separá-los como procura a fazer a participante da Entrevista #6, quando viaja para a casa da mãe. Quando pergunto se ela sente falta de gatos ela responde:

Não, não...Num é, que nem porque a turminha fala, eu gosto de gato tudo, mas em casa não dá por causa das cachorras. Né? Que parece gato lá em casa. Às vezes, né? Da vizinha. Nossa elas fica louca. Então eu imagino que eu pegando um gato, elas via, elas matava, né? Porque que nem, ce cria junto...Eu tinha gato e cachorro, mas era ali, criado junto. Eles se acostumam...? É...Às vezes a gata dormia, assim, no meio da cachorrinha, assim, sabe? A gente deitava. Mordia ela, ela arranhava. Mas essas duas aí, se eu trazer hoje eu acho que elas pega...Então eu evito, né? (Entrevista #2)

Notamos que levar o animal consigo é um cuidado essencial para com o animal, quando possível, para a participante da Entrevista #6

[...] a gente tem dó de deixar ele aqui. Ele tá meio arisco, aí eu tenho tenho medo de pedir pra alguém vir colocar água, sei lá, vê se ele tá bem, né? E ele ficar debaixo da cama, num comer, então eu acho melhor sempre levar. Apesar de que ele tem pavor de viajar. Ele odeia. Ele faz xixi na caixinha, é um caos! Um caos loco. Eu também acho que a caixinha tá ficando pequena pra ele, Essa daí é da [nome da amiga] até, que ela me emprestou. Porque... A gente só faz viagem curta. Fica umas duas horas no máximo assim. Que é tanto de Rio Claro pra Socorro, quanto daqui pra São Paulo, só. Mas ainda assim ele tá causando muito, sabe? Ele fica super bem, tanto na minha casa em São Paulo, quanto em Socorro. Porque é grande tal... Lá em São Paulo não tem bicho é só o Lico. (Entrevista #6)

Enquanto para a participante da Entrevista #2, é algo muito “complicado” e difícil no trato com o animal;

Eu acho que assim, em matéria de sair. Sabe? Às vezes cê quer viajar...Ce que ir pra outro lugar. Então aí cê fica pensando... “Eu não posso, eu tenho os cachorros!”

[...] Não num dá.. Aí cê fica pensando, você tem que arrumar alguém, aí ce fica...Tem que ter pra cuidar... Aí cê fica, acaba não saindo por causa dos cachorros, né? Mas só essa daí a dificuldades, em outras coisas não...Em matéria de comer, não diz, né? Eles come tudo. Eu acho que você vai achar o jeito de comprar tanto pra você como cê vai comprar pra eles, né? Mas é isso daí a dificuldade é assim. (Entrevista #2)

De fato, as viagens parecem ser um problema não apenas para os cuidadores como também para os animais. Segundo SANTANA e MARQUES (2001), o número de animais abandonados cresce no período que antecede as festas de fim de ano e as férias escolares, quando as famílias não têm onde deixar o animal para ir viajar.

A convivência das cachorras com as aves, que estão sempre em gaiolas, não parece, no entanto, apresentar problemas, para a participante da Entrevista #2. Sobre o espaço restrito das aves, em uma gaiola, comenta ainda que os esteja restringindo, cuida deles, como já exposto no item 4.2.3 ‘Dependências, Cuidados Essenciais e Não Essenciais’.

Não...Nunca! A hora que eu pego eles lá dentro, ponho em cima dum tanquinho que eu tenho lá... Às vezes telefone, toca, alguma coisa, eu vou atender...Mesmo deixa ali elas nem...É! Fica ali assim, super de folga, tudo deitada. Mas nunca tentaram não. Os passarinhos de casa não. (Entrevista #2)

Para a participante da Entrevista #6, e outros/as entrevistados/as (#1, #4, #8), “passarinhos” em gaiola não estão em locais adequados para permanecerem esses animais, e, portanto, preferem não tê-los em sua companhia, como apresentado no excerto a seguir:

Assim, ave eu não falo de ter por que eu não sei lidar, e eu também acho, eu tenho muita dó, sabe? De deixar preso...A gente tem planos, lógico, né? Então eu briso muito em ter uma casa com quintal, cheia de árvore frutífera e tipo, ver várias aves e tals...Mas nada meu, assim, nada que dependa de mim assim... Pra sobreviver. (Entrevista #6)

O espaço mais adequado para o animal, com árvores e locais para voo e pouso, foi assim percebido pelos pais do participante da Entrevista #1, que submeteram o papagaio Piteco, aos cuidados de uma vizinha. Assunto também explorado no item 4.4.2. ‘Rompimentos por iniciativas dos humanos’.

Aí deu, mas ele tá lá com uma mulher, uma vizinha, mas eu vejo ele, é super de boa. Agora tem uma floresta lá na casa dela, tem um terreno assim, ele fica

solto nas árvores. [...] ele não sai de lá. Tipo, ele não tem a asa cortada nada, eles num cortam. Mas ele num sai só. Ele já acostumou com o lugar. (Entrevista #1)

A restrição do espaço também foi encontrada para outras espécies animais, principalmente quando se tratava de evitar doenças e outros problemas de saúde advindos do contato entre os animais já residentes e aqueles que chegavam, como já apresentado no item 4.2.2 ‘Saúde e cuidados médicos’. Nos excertos abaixo encontram-se exemplos com gatos.

[...]a gente só teve um cuidado por tem certas doenças que pode ser passada por vírus, né? E apesar dos nossos gatos mais velhos já estarem vacinados, é... A gente sempre foi cuidadosa com isso, então no começo, eles ficavam trancados no escritório, porque tem um quarto lá que sobra, a gente faz de escritório. Então eles ficaram lá... Acho que durante um mês, mais ou menos. Aí passado um mês a gente já tinha levado no veterinário, essas coisas, já tinha dado vacina, passado um mês, assim, não tinha se manifestado nenhuma doença mais grave. Mais críticos, né? O veterinário falou que ele não tinha nada, né? Então que a gente não precisava se preocupar, e deixou ele em contato com os outros. (Entrevista #5)

Nos dois casos, da Entrevista #5 e #6, as participantes aguardavam um posicionamento do/a médico/a veterinário/a, para que os gatos pudessem ter outros contatos. Entretanto, para a participante da Entrevista #6 e sua colega, a presença das duas cachorras Cora e Lola, que já moravam na residência, impediam que o animal fosse liberado. De fato, os dados do trabalho de Schoendorfer (2001), revelam que os problemas com um número elevado de animais também sempre envolviam mais de uma espécie.

[...] Mas uma vez a [amiga da casa] achou um gatinho na rua, era até um gatinho preto bem pequenininho e ele tava ferido ele tava com um corte no pescoço que parecia uma mordida mesmo. E aí ela levou lá pra casa. E tava morando a Cora e a Lola em casa. E a gente trancou o gato no nosso quarto porque até levar na veterinária e achar alguém que quisesse adotar, né? A gente ficou cuidando. E as cachorras não suportavam. A [amiga da casa], já tinha avisado que se a Cora pegasse, ela ia comer o gato. Então a gente deixou o gatinho sempre dentro do quarto. Mas acabou que a gente doou, depois de uma semana no máximo acho que a gente conseguiu doar o gato. (Entrevista #6)

Sair do espaço usualmente frequentado e permitido para o animal pelos cuidadores, é chamado também nesta pesquisa de “passeio”. Quando questionados, alguns/mas participantes

falaram sobre os “passeios guiados”, isto é sob companhia dos responsáveis, sobre os “passeios solitários” do animal, isto é sem a companhia do responsável e sobre sua restrição ou condições quanto a isso.

No excerto seguinte, pergunto ao entrevistado como ele interpreta o espaço concedido às gatas; ele responde sobre os movimentos delas dentro da casa e sobre seus “passeios”.

Ah acho que é super de boa, tem bastante... Tanto que, tipo, o meu quarto é em cima, aí tem um telhado na frente da lavanderia, logo... tipo, aqui tem uma escada de frente pro meu quarto, né? Meu quarto fica aqui, e aqui tem o telhado da lavanderia, e o telhado das casas do lado, então as gatas tipo...A Tieta, Frida num vai, fica só ali até a lavanderia, ela não sai de casa. Ela só vai pra rua, por exemplo, se tiver alguém lá fora. A Tieta ela sai um pouco mais...arteira assim[...]E o pai dos gatinhos da Tieta ele aparece lá em casa ainda. Eles tão namorando. (risos) Mas, o espaço de casa é grande pra elas eu acho...Elas ficam de boa. [...] Já falei pra comprar uma coleirinha, mas acho que num vai dar certo. A Frida tinha ela arrancou duas vezes (risos) Num deu certo. [...] É a rainha da casa...Acaba mandando na gente. Mas elas tem passe livre, elas andam em todo ambiente da casa. [...] Teve um menino que tava morando lá ano passado, o começo desse ano. Ele tinha entrado ano passado, né? E a namorada dele tinha muita alergia. Então aí, tipo, ele não deixava nenhuma das duas entrar no quarto dele. Aí elas aprenderam a não entrar. Ela entrava, ele botava pra fora, aí elas aprenderam a não entrar. Hoje lá é... Era o meu quarto antes, então elas entravam muito no começo. Aí ele educou pra não entrar, né? Aí agora o [amigo da casa] que tá nesse quarto, e elas não entram ainda, tipo, aprendeu que não é pra entrar lá. De resto na casa inteira é de boa, aí não tem problema nenhum. (Entrevista #1)

O primeiro entrevistado deixa claro a independência e liberdade das gatas tanto para os passeios dentro de sua casa quanto nos ambientes externos. Demonstra, todavia, certa preocupação para que as gatas estejam sempre com a identificação através de coleiras, pelo razão de frequentarem locais desconhecidos por ele e correndo certos riscos. Como mesmo aponta o entrevistado, os gatos podem viver bem como animais domésticos aconchegados, mas ainda assim tem forte inclinação territorial, pois são animais verdadeiramente carnívoros e caçadores (CLUTTON-BROCK, 1999; MENEGUELLO, 2006) como já comentado no início do trabalho e será comentado também no item mais a frente: 4.7. ‘Comportamentos diversos’.

Então como eu te falei, eu já tenho três gatos. Eu tinha antes de mudar pra Rio Claro, três gatos. E o mais velho deles, já faz treze anos que ele tá comigo, então eu tenho esses gatos desde muito pequena. E como eu morava em apartamento. Moro em apartamento. Eu sempre tive rede, por causa da altura mesmo. E aí em um certo momento eu, fui tirar a

rede de lá porque eu tava crescida, né? Eu era muito nova, né? Botaram a rede pra mim, não foi nem pra eles. E o veterinário disse que não era uma boa ideia, que o gato pode sim cair. Pode se machucar, então a gente acabou deixando. Aí com o tempo eu fui crescendo, aí como eu era adolescente eu fui me interando mais na... como eu já tinha uma paixão por gatos, para eu me interar mesmo sobre tudo que a gente pode fazer pra cuidar de gatos, essas coisas assim... Me interando nessa questão de não só amor pelo bicho, mas cuidar de uma forma certa, né? E eu não gosto de... E eu criei o pensamento de que animal na rua é.. Um animal que pode sofrer atropelamento, pode contrair doenças, essas coisas assim, então por mais que as pessoas digam assim, nossa que maldade deixar o gato trancado em casa, eu prefiro assim, sabe? Porque eu tenho muitos colegas aqui que não... que deixam cada coisa horrível acontecer! Que eu fico... Se acontecesse com meus gatos eu acharia que era preocupação minha. Preocupação não, responsabilidade minha. (Entrevista #5)

A preocupação da segunda entrevistada, de manter os/as gatos/as sempre em casa, vem ao encontro com um pensamento de manejo inadequado dados pela autora, SCHOENDORFER (2011). Em particular, cães e/ou gatos que costumam ter livre acesso às vias públicas ou às residências vizinhas têm maior possibilidade de agressão ou contato com animais errantes, defecando também em vias públicas ou áreas de lazer da população humana, aumentando os riscos de transmissão de zoonoses.

Para alguns entrevistados, foi verificado que muitas vezes os cuidadores, saem, ou permitem que os cães saiam nas ruas sem guias ou coleiras de identificação, como pode ser observado no excerto a seguir.

E aí, assim, eles passeiam, como que é a rotina deles? Não... Eu saio assim quando,... quando a gente sai lá fora, mas vamo dizer, pega pra caminhar, assim, não. Mas sai assim... Sai lá fora... É ali a gente anda com eles, deixa um pouquinho vem pra dentro... Essas coisas assim. [...]Andando assim, perto da gente, do lado. (Entrevista #2)

Os passeios por áreas diferentes da casa (e região) pela qual estão habituados é também nulo, ou raro. Seja pelo medo de contato com outros animais, seja pela falta de tempo ou conhecimento da necessidade de se fazê-lo.

Há também animais que não passeiam, ou não saem de seus espaços, como é o caso, por exemplo, dos porquinhos-da-índia citados por outra participante:

Não. Tipo, eles... Uma coisa errada, inclusive. Na cobasi, eles...Nos lugares assim que geralmente você vai, eles vendem, é...Colêra. Não é colêra. É tipo, aquelas de colocar no meio assim igual de cachorro? Só que eles não podem ...

Eles não podem andar em bolinha igual de hamster. E eles não podem ter coleira, porque a coluna deles é frágil. É muito fácil acontecer alguma coisa com a coluna deles. Tem gente que eu já vi... Inclusive foram bem criticadas, em fórum essas coisas, que tirava foto do porquinho essas coisas na rua essas coisas assim, e as pessoas tipo; querida tira essa coleira agora! [...] É às vezes eu ando com eles em casa. Quando eles tão agitados, quando eles tão tretando muito eu pego um e fico lá fora... Pra ver assim, se eles se acalmam. Geralmente eu deito aqui no chão e coloco ele pra deitar em cima de mim, porque o John-John, pelo menos, ele é o mais receptivo pra isso.. Mas às vezes ele é mais arisco, porque o Frederico, cinco minutos que ele tá aqui fora ele já tá mijando e cagando... Não dá! (Entrevista #8)

Esses pequenos mamíferos, de fato, são muito “medrosos”, e não estão aptos para atividades como essas. Na natureza, sempre foram presas naturais, com o corpo frágil e pouco ágil para caminhadas longas, íngremes ou corridas (CLUTTON-BROCK, 1999). A preocupação da participante com a manipulação inadequada do animal é coerente visto que os passeios não trazem conforto e sim mal-estar a esses animais.

4.3. Da aquisição/encontro a reflexão sobre o mesmo.

Nesse item foram agrupados os temas que tratam sobre os encontros com os animais, os interesses e contatos anteriores e as previsões dos/as participantes para cuidar de mais animais, quais são as espécies e o porquê por elas se interessam.

4.3.1 Interesses iniciais sobre os animais

É porque ela era a mais empolgadinha. Eu queria ter pegado ao contrário, né?...Ah, porque ela mordida, mais, pulava mais e tals...” (Entrevista #9)

Quando questionada sobre o porquê da escolha do filhote de cachorro, a participante respondeu que dentre os demais, aquela era “a mais empolgadinha”, não nos dando mais detalhes, no entanto, do que isso significava. Não apareceram outros critérios de seleção anteriores como aconteceu na maioria dos casos, nas quais o/as entrevistado/as já possuíam um interesse anterior e um objetivo pessoal, sobre a espécie, suas características e até mesmo sexo do animal em questão, como são evidenciados em alguns excertos abaixo:

A Sofia eu peguei ela na Zoonoses. Eu fui buscar ela lá, adotei ela lá. E a Neve a gente tava em casa, e começou um anúncio no rádio, né? Ah, que “tavam

doando uns filhotinhos e tal...” , nós fomo lá buscar, eu e meu neto, porque queria porque queria... E a menina tinha pegado um e ele queria também, né? Aí nós fomo lá busca. [...] O da Neve foi perto de casa mesmo. Na casa de família ali que a menina tava doando. [...] Ela só anunciou no rádio...Tinha uma cachorra e tinha dado, um cinco cachorrinho, eu acho! Daí ela começou a doar e eu peguei um. [...] Aí como a gente tinha pego a Sofia que era pequenininha, aí eu falei pra minha neta; “olha tem uma mulher doando filhotinho de Husky Siberiano”, que ela fez [inaudível] . “Aí ela falou, a vó vamo lá buscar?”E era perto de casa, aí deu certo, né? Aí eu falei; “Vamos lá vê então!”Aí nós fomo ver...e ele adoro! [...]Eu e os dois! E ele gostô!! A hora que ele viu a cachorrinha branca ele...se apaixonou, né?[...] A Sofia eu peguei, porque eu tinha uma outra cachorra que chamava Pink, mas muuuito tempo, né? E ela morreu. Morreu já de idade, né? E aí...E ela era da minha neta porque ela era uma ‘Poodle’. E ela gostava dela, né? Aí nós resolvemo pega uma outra cachorrinha. [...]Faleceu de idade. Aí pegamo pretinha igual a outra mesmo. Só que...Não a ‘poodle’, ela era ‘vira-lata’ mesmo. [...] a fêmea era eu... , que nós procuramo, eu queria fêmea mesmo. Eu gosto de cachorra. Não gosto muito de cachorro. Eu acho que o cachorro faz muito mais sujeira que a cachorra. [...] É a cachorra é mais...mais...educada. (Entrevista #2)

Nesses excertos a participante relata sobre o encontro com a Sofia e com a Neve, duas cachorras que foram “adotadas”, uma no Controle de Zoonoses do município, e outra na casa de uma vizinha. O motivo que parece ter movimentado avó e neta para a busca de Sofia, foi a ausência da cachorra Pink, que falecera. A busca da outra cachorra, Neve, parece ter ocorrido para dar iguais direitos aos netos, cada um “teria seu próprio cachorro”. Para todos os casos, a participante, conta que a preferência é sempre foi fêmeas, pois os machos são menos educados.

Em grande parte dos casos a escolha do animal, parecia ser estimulada pela presença de outros, contato com os mesmos ou ainda, por hábito familiar, de amigos, pessoas próximas, etc.

Quando o/a participante não foi a busca dos animais, os animais chegaram até eles, ou estavam sob convívio por outras razões, apresentados aqui alguns exemplos do encontro desses animais com os/as responsáveis. Veja-se:

É... Eu tinha perdido dois cachorros. E a gente meio que tinha traumatizado. Porque foi difícil perder os dois. Aí nós ficamos um ano mais ou menos sem cachorro. E minha tia apareceu com um cachorro, pra minha outra tia, que ela tava triste e tal... Aí ela apareceu com um cachorro. E deu pra gente... [o] Bob (Entrevista #7)

A participante relata que após o falecimento dos cachorros “recebeu” de sua tia um cachorro. Na Entrevista #7, a participante também conta sobre seu primeiro contato com algumas

porquinhos-da-índia.

[...] Então eu fui, voltei, e ainda tinha a outra porquinha que tava com ela na...na casa de ração, e acabei comprando ela também. E aí eu fui descobrindo como é cuidava, montei meu cercado, e fui mudando aos poucos. E aí um dia, uma amiga minha queria um, porque ela viu as visto as minhas; “aí eu quero um!”. Aí eu fui procurar com uma moça, aí ela tava com dois filhotinhos, que a porquinha dela tinha dado cria... Tava com dois filhotinhos. E ela sabia o sexo. E aí ela trouxe aqui pra mim, eu peguei assim e olhei, a é um macho e uma fêmea. “Ah, então tá bom obrigada!”, entrou no carro e me largou com os dois porquinhos na mão. Aí... é... “O que que eu vou fazer agora??”. Aí minha amiga adotou o machinho e eu com a fêmea... Como eu já tinha duas fêmeas... Só que ela era muito titiquinha (voz aguda). E aí com o tempo eu fui cuidando, e aí... (Entrevista #3)

Apesar de as participantes das Entrevistas #7 e #3, não estarem preparadas para a chegada do cachorro e dos porquinhos-da-índia, o convívio anterior, possibilitou a permanência desses animais. Em alguns casos, que serão melhor explorados no próximo item, foi preciso outro tipo de suporte para permanência dos animais nas residências.

4.3.2. Sobre ter outros animais

Quanto aos planos para cuidar de outro animal foram feitas algumas considerações dos participantes, baseado em suas próprias experiências, ou mesmo em observações de pessoas com as quais tinham animais domésticos sob companhia. Veja-se:

Não eu comprei. Eu não gosto disso. Porque eu não gosto disso. Na época que eu comprei eu não manjava dessas coisas. [...]Porque não é uma coisa boa... A porquinha, tipo... Não só o porquinho, qualquer animal. Tipo, geralmente eles ficam confinados, em espaços muito pequenos, aí eles não são bem tratados... A porquinha é um pouco... Tem um pouco de sofrimento na gravidez de uma porquinha. Ela pode morrer. É muito comum ela morrer depois de ter o bebê. E às vezes, eu acho, né? Em petshop, essas coisas, eles só querem ter uma quantidade grande pra poder vender. Então eles não atentam a nada, sabe? Tipo... Criadouro igual de porco e vaca para abate...Porque pet é uma indústria... É uma coisa que tá lucrando. Eles têm empresas que tão ganhando dinheiro em cima disso. E tipo, não só isso. Lá em casa eu tenho um aquário. Comprei na Cidade Tiradentes perto da Jacu Pessego. E eles fazem uma feira de animais, pra fora do aquário, que eles não podem fazer dentro. Só que eles vendem. E tipo, você percebe nitidamente que os cachorros não estão sendo bem tratados... Essas coisas, e eu não era muito ligada nisso. Porque como minha mãe não queria que eu tivesse animal eu não ficava muito... parando muito pra ver animal, se não eu ficava triste porque eu não podia ter. E daí tipo eu comecei a reparar, depois que eu comprei eu comecei a procurar essas coisas, as pessoas me ressaltavam pra eu não comprar animais. Adotar animais. Porque

comprar não é... é uma vida! Você não deve comercializar uma vida... E aí tipo, eu não me arrependo porque eu tenho eles, mas eu me arrependo de ter comprado. Se... Vai acontecer, né? Se eles morrerem, e eu for ter mais porquinhos, eu vou tentar adotar outros porquinhos, e não comprar. Se bem que eu tenho muita dó quando eu vou no *petshop* e vejo aquele monte de porquinho. (Entrevista #8)

Nesse tema, a entrevistada apresenta suas reflexões sobre uma próxima “aquisição”, baseado na experiência que obteve com as primeiras. Coloca-se contrária a venda e comercialização de vidas, e supõe que no futuro, que se fizer oportuno, fará somente adoções e não mais compras. Aponta a falta de espaço e cuidados com o bem-estar animal quando se trata da “Indústria PET”. De fato, este é um pensamento mais recente, da objetificação animal, quando comparado aos pensamentos mantidos durante mais de cinco séculos da “dominação do homem sobre o animal” (THOMAS, 2010; FRANCIONE, 2013; DERR; 2011; OLIVEIRA, 2014, ADAMS, 2011). Para a entrevistada, ainda, em reflexão sobre a comercialização e objetificação do animal, quando recorre a seus conhecimentos sobre a atual legislação; aponta que as leis não colaboram para que vigore a libertação do animal da condição de objeto.

Acho que foi por volta dos cinquenta reais. [...] Tipo assim, tem, tem... Na época que eu comprei, era permitido comprar cachorro, né? Então é... Na, na... Na ‘Pet Center’. Uma vez eu fui pra comprar comida e eles tem né? Quer dizer, eles tinham... Que agora não pode mais. Uns negócio de cachorro. Os cachorros ficavam bem confinados. Tipo e só vendia cachorro de ma... de pedigree, né? E tipo, era pra lá dos mil reais, uma fuinha, um furão, sabe? Ele é um pet também. Só que tipo ele é bem... Teoricamente ele é mais exótico, assim... Porque não tem muitos... E um furão custa mais de mil reais pra você comprar. Sabe? Tipo... Tipo uma chinchila, um coelho... Eles são todos esses preços. O mais barato dos que eu lembro, acho que hamster, eles são tipo vinte reais... E a galera compra um monte de hamster. Não é mais permitido vender cachorro?

Não... Comercializar em *petstore*.. Nenhum lugar desses.. Esses lugares, teoricamente, ele só servem pra vender coisas. Ração essas coisas, de *petstore*. [...] Tipo o [estabelecimento]. Se o [estabelecimento de artigos para animais] vendesse animal ele ia perder a licença dele, ele não pode vender animal lá dentro. Nada. Nem pássaro nem nada. E as coisas você ficou sabendo como?

Porque eu fiz um trabalho pra... Era pra ictio... E eu fui fazer um trabalho sobre... É... Anfíbios e répteis, que eram criados como pets, cobra essas coisas, pra ver como era a legislação. Se você pode comercializar, como que você comercializa, se tem coisa que tipo... Por exemplo, tartaruga, cagado, essas coisas... você não pode ter como pet. Eles são proibidos na comercialização. Cobras depende da cobra. Aí eu fui procurando essas coisas, daí eu acabei vendo geral... Aí eu vi que tava proibido,.. Que eu fui procurar numa

parte que era sobre Direito Animal, né? E aí eu achei textos que eram gerais... Não só sobre anfíbios e répteis. E aí falava sobre a comercialização de animais, que era, acho que era mais recente... Fim de 2014, começo de 2015 isso aí...

De fato, a entrevistada, faz menção a uma discussão muito importante quando se trata da qualidade de vida dos demais animais domesticados. Há uma profunda disparidade entre o que dizemos, almejamos e aquilo que está sendo feito (FRANCIONE, 2013). De acordo com a autora:

Os animais são nossa propriedade; eles são coisas que possuímos. Em virtualmente todos os sistemas políticos e econômicos modernos, os animais são explicitamente considerados mercadorias cujo único valor é aquele que lhes é atribuído por seus proprietários - sejam indivíduos, corporações ou governo. A condição (ou status) dos animais como propriedade não é nova; tem estado conosco por milhares de anos. De fato, a evidência histórica indica que a domesticação e a posse de animais estão intimamente relacionadas com o desenvolvimento das próprias ideias de propriedade e de dinheiro. A palavra *cattle* (gado), por exemplo, vem da mesma raiz que a palavra *capital*, e as duas são sinônimas em muitas línguas européias. A palavra espanhola para propriedade é *ganadería*, a palavra para gado é *ganado*. A palavra latina para dinheiro é *pecúnia*, que deriva de *pecus*, que quer dizer gado. (FRANCIONE, 2013, p. 117)

Ou ainda:

Na prática, a criação animal intensiva industrial significa que os animais são criados nos menores espaços possíveis e nas instalações mais baratas, e são alimentados com comida de mais baixo preço, de modo que requeira o mínimo de trabalho humano possível. (FRANCIONE, 2013, p.59)

A Lei Federal 9.605 de 12 de Fevereiro de 1998; apresenta o meio ambiente como “domínio público” as punições àqueles que o danificarem, fica a questão; quem é o público? Os demais animais estão também inclusos? Os mesmos que em alguns trechos são descritos como propriedades? Fica difícil pensar na qualidade de vida de “objeto”.

O pensamento do animal como objeto reflete não só no momento da “escolha” do mesmo como também nas razões para desfazer-se de uma relação com ele e até mesmo na forma de expressar-se sobre isso. Temas que serão melhor explorados a seguir

4.4. Razões para manter vínculos e/ou rompimento das relações

Aqui são explorados os motivos apresentados pelos/as participantes e outros conviventes para manter ou finalizar as relações com os animais que vivem sob companhia. Estes, foram divididos em quatro subitens para melhor tratamento dos temas.

4.4.1 Razões para manter vínculos

Apesar de a discordância entre as pessoas que convivem com o animal em questão e o participante da entrevista, existem outras razões que fazem com que ele permaneça no lar. No excerto a seguir o participante relata a insistência de seu pai e ele, como motivos para que a mãe mudasse de opinião. Também aponta o fato de o animal ser filhote, dependendo de certos cuidados, e não podendo, portanto, ser “jogado fora” na rua.

Nunca tinha tido cachorro, assim, no máximo ‘peixe’! Que minha mãe num gosta muito de... num gostava, né? Daí eu com meu pai a gente insistiu bastante, né? Pra ela aceitar a cachorrinha, né? Ela acabou cedendo. Daí um dia a moça levou lá, sem minha mãe desconfiar assim, deixou ela no portão e foi embora..! (risos)[...]Então, só eu sabia...(risos)[Ela] Deixou e foi embora...

É. Porque daí não podia jogar fora, porque ela era filhotinha, também, era bem fofa, né? Aí a minha mãe acabou ficando. (Entrevista #4)

É certo que a expressão utilizada “jogar fora”, nos aponta, como já discutido, o animal na qualidade de propriedade, que ao mesmo tempo em que é caracterizada a alegria de tê-lo, também é a de ser descartado a qualquer momento. Um impedimento é sua semelhança com o ser humano um “filhote” que necessita de cuidados. Pensamento que aparece inúmeras vezes não só nas entrevistas realizadas, como também, nas obras de Clarice Lispector, estudadas por LIBANORI e JARDIM (2013), e em nossa sociedade atual (FRANCIONE, 2013, SINGER, 2010, RONECKER, 2007).

4.4.2 Rompimento por iniciativas dos humanos

Ah... é... Tive! Tive, assim, que nem, quando meu filho era pequeno eu tive coelho. Nossa... (risos) Tive..!! Tive casal de coelho, criava que nem...nossa...!!! Era... como que chama aquele coelho... preá que fala, né? Aqueles pequenininho que não tem rabinho, nada, sabe? Eu sempre tive daquele lá...Nossa eu tive bastante. Só que eles criavam muito! Muito! Sabe? Era uma cria atrás da outra. Então aí eu dei, dei até com o viveiro, tudo. Aí eu não quis mais, aí nunca mais eu peguei, mas é que...Sabe...Nasce eu acho que..oia pra falar a verdade acho que dois com dois três meses, acho. É demais! Num dá. Dois, três, quatro. Sabe?É... Quando ce pensa que eles tão...Nossa ‘ce já tá

grandinho'...! Não, já tá nascendo outro (risos) Eu falei não, nossa!, eu não aguentava mais...Eles enchem o viveiro de, de...coelinho.”(Entrevista #2)

Quando questioneei sobre o rompimento da relação com os demais animais ela responde que não tem interesse, exceto nos preás que teve.

Ah, não! Não! Eu acho que só fala, assim, “quando Deus quiser, né?” Mas de separar, de dar, essas coisas, assim, não...Aquele lá não dava. Nossa dava muito gasto. E o cheiro também. Muito forte. [...] Xixi...Ou eles mesmo, eu acho que eles fazem muito xixi [...]Eles tem muita cria, né? Aí acho que fica aquele cheiro forte. É demais, é muito forte o cheiro. Aí eu desfiz. Porque eu trabalhava também, na época. Ainda trabalhava dia inteiro. Aí eu não tinha aquele tempo que eu tenho hoje... que eu cuida...Eu trabalhava o dia inteiro. Então era difícil. (Entrevista #2)

Nos dois excertos selecionados notam-se três razões evidentes para que a entrevistada tenha tomado a decisão de romper relações com os referidos animais: reprodução rápida, dispêndio financeiro, odor desagradável. Nessa outra situação verificamos uma situação semelhante, quando pergunto a participante da entrevista #8, sobre seu contato com hamster.

É, mas eu era criança. A gente tinha hamster, a gente teve vários hamster, na verdade. É que assim, é foda porque hamster, na época que eu era criança... Hoje em dia é igual, você sai comprando hamster e não sabe de nada, sobre isso. E na época que a gente teve hamster foi assim, minha mãe acabou comprando um macho e uma fêmea, e eles reproduziam um inferno! A gente teve milhões de hamster (rindo sutilmente) ... E o foda, é que a hamster, que era gorda, ela comia alguns filhotes...E daí tipo, e aí minha mãe ficou, tipo: Eita! Daí a gente... Ela, né? Mais..Porque eu era criança. Começou a aprender como é que se criava um hamster. Aí tipo, ela doou o macho e ficou só com a fêmea, a gorda. E aí a gente ficou com filhotes fêmeas, porque doou os machos também. Daí a gente foi criando eles... Até acabar, até todos morrerem... Porque hamster não vive muito tempo, no máximo dois anos! Aí a gente foi criando até morrer. Só que, tipo, eu era criança.. Aí tipo, a gente enterrou os hamster lá no condomínio...Essas coisas... Eu ficava triste, eu chorava...Aí por causa disso minha mãe, nunca tipo, ela meio, já não botava muita fê de querer me deixar ter cachorro, essas coisas... Aí quando eu tive hamster, eles morreram... Ela ficou menos feliz ainda com a ideia de ter animal. (Entrevista #8)

A participante da Entrevista #8, relata os rompimentos por morte natural, o que era feito com os corpos dos animais e como ela se sentia a respeito. É possível encontrar mais detalhes

para essas duas discussões nos itens 4.4.3 ‘Rompimentos por outras razões’ e 4.6. ‘Sentimentos humanos e supostos sentimentos animais’.

O número elevado de animais dificulta as medidas de higienização, assim como a limpeza inadequada do local onde os animais costumam permanecer pode resultar em um “odor nauseabundo e a presença de animais da fauna sinantrópica” (SHOENDORFER, 2011). Possivelmente, por desconhecer as formas corretas de manejo dos animais e ambiente nas quais se encontravam, por não possuírem recursos suficientes as responsáveis consideraram melhor “desfazer” dos animais. Assim como poderia se desfazer, de qualquer bem ou objeto que seja um empecilho para a manutenção da ordem da casa.

4.4.3 Rompimentos por outras razões

Nesse item são apresentadas as razões exploradas para que as relações fossem rompidas, contrárias ao desejo e decisão dos responsáveis humanos de manter-se junto ao animal. Também foram apresentadas as atitudes tomadas frente a circunstâncias como a morte, por exemplo. No primeiro excerto verificamos que a participante foi limitada pela falta de condição financeira e serviços públicos gratuitos da medicina veterinária. Quando pergunto se ela buscou serviço público ela responde:

Eu procurei na verdade quando eu tinha outro cachorro. Que esse outro cachorro ele fugiu também, ele foi atropelado. Eram dois, né? Um era bem mais velho... E tinha uns quatro anos, e outro tinha um e pouco. Ele era novinho. Só que... Eles eram de raças diferentes, só que o mais velho ele cuidava do basset. Do pequeno. Quando esse foi atropelado. A gente não tinha grana pra pagar o veterinário. Nós ligamos, aí ele falou; “olha, tem pagar o transporte, pra pegar ele lá. E tenta pagar o chapa... Como que é o nome? [...] Radiografia... Os medicamentos... E dá uns duzentos reais, tudo isso. A gente não tinha condições. Aí ele morreu. E... Aí quando ele morreu, o pequenininho ficou doente. E morreu também. E até hoje a gente não sabe o porquê que ele morreu. [...] Foi...Umas duas semanas depois ele morreu. Ele tava bem até... E na época eu procurei em zoonoses... E nada assim. Não achei nenhuma ajuda. Na zoonosis. E naquele lugar que é perto do... Que minha mãe falou que antes eles ajudavam. Perto da linha do trem...GADA³. Antigamente eles ajudavam, agora não. [...] Max, o grande, o

³ O GADA (Grupo de Apoio e Defesa dos Animais) citado pela participante é uma entidade sem fins lucrativos situada no município de Rio Claro, que tem por finalidade que abrigar cães, realizar consultas veterinárias, cirurgias em geral, vacinação e também castração de forma gratuita ou com baixos valores para a população de baixa renda. Também averigua denúncias de maus tratos, recolhendo os animais e colocando-os para adoção.

maior. E Tuco...era um poodle grande também...Esse era poodle mesmo. (Entrevista #7)

Em outro momento da entrevista, a participante comenta que ficou cerca de um ano sem contato com cães, pelo trauma desse ocorrido narrado.

Uma questão importante a ser mencionada, uma vez que esta entidade é citada como referência na maioria dos casos, ao contrário do que se esperava, que seria o Controle de Zoonoses do Município, citado mais à frente, no caso da morte da cachorra pink, da Entrevista #2.

Contrário a essa situação encontramos a participante da Entrevista #3, narrando sobre sua experiência com a porquinha da índia, Meimei, com os gastos da medicina veterinária, a dor da perda e a busca por outra porquinha-da-índia.

Aí a Meimei ficou mais um ano comigo, só que ela teve problema genético no intestino. E travou tudo o intestivo dela... E num funcionava nada. Aí mesmo com remédio, mesmo fazendo exame - gastei uma fortuna com ela... - Além do exame, tudo... Ela acabou...ahhh... não resistindo.... Ela melhorava, ela piorava, ela melhorava, ela piorava... E um dia ela num... andava mais! Parou de andar, parou de fazer coco... de fazer tudo. E tava na base da papinha. Aí eu fiquei... Só que nisso quando ela morreu, eu já tava com a Beka, a Sofia e a Nina. Aí quando ela morreu, eu peguei a Matilda. Porque o criador ia fechar a criação, ele ia parar de fazer a criação dele, e eu queria muito aquela raça. Eu num tinha muito me recuperado da perda dela que tinha uns dois meses só... Mas eu tinha o dinheiro guardado, que eu já tava trabalhando... Aí eu peguei, fui pra Limeira, comprei ela. (Entrevista #3)

Neste outro excerto, semelhante ao da participante da Entrevista #3, é narrado o processo pelo qual o cachorro Fred passou antes de morrer:

devia ser lá pro dia treze, quatorze, assim, aí no dia dezesseis teve que levar no veterinário pra sacrificar porque ele não tava conseguindo mais parar em pé, ele não tava mais comendo. Não tava mais fazendo coco. Nossa, foi uma bad muito grande assim... [...]

É porque o veterinário ele já tinha dito que não tinha o que fazer. Porque ele não foi castrado, só que o testículo dele era interno. Os testículos, né? Aí provavelmente deu câncer nos testículos, ou na próstata, né? Aí como não dava pra saber... E a gente não levou no veterinário porque tava bem aparentemente. E aí quando sofreu a metástase, afetou o intestino, é... o fígado, o baço, o pulmão... Fudeu tudo! E aí ele começou a inchar, porque deu linfoma, né, também. Além de todos os órgãos, foi pro sistema linfático. Aí ele começou a inchar quando parou de circular a linfa, né? Aí a patinha de

trás dele ficou super inchada. Nossa, foi ... Horrível![...]Foi assim; um final de semana foi aniversário da minha mãe. Aí no outro final de semana, ela me ligou, durante a essa semana ela me ligou falando na quinta-feira que ele tava doente. Aí no final de semana seguinte eu já fui lá pra São Paulo. E aí na segunda-feira seguinte ele já foi sacrificado... porque ele comeu no sábado que eu cheguei em São Paulo, aí ele não conseguia fazer nem xixi, nem coco. Aí a gente levou no veterinário, falou pra dar, sei lá, diurético, né? Pra ver se desinchava a perna, pra ele fazer xixi, que ele tava bebendo pouca água, já,..Aí o médico foi lá e deu laxante. Aí no domingo inteirinho a gente ficou com ele ele não comeu. E ele só ficava deitadinho, ele não tinha mais força nem pra levantar a cabeça...Aí eu vim embora, né?[...]aí na segunda-feira meu irmão ficou com ele e minha mãe foi trabalhar, aí meu irmão ligou pra minha mãe desesperado falando que ele fez muito coco, e muito mole por causa do laxante, que ele tinha tomado no sábado. E aí só foi fazer efeito na segunda, e que ele não conseguia levantar, e na hora que ele conseguiu fazer coco, ele fez coco deitado. Então sujou todo ele, toda a sala, e meu irmão entrou em pânico não sabia o que fazer em casa... Aí minha mãe, falou, cara, vamo te que levar ele lá. - Porque ele não tava levantando mais sabe? Aí foi barra. Aí quando minha mãe me ligou ela falou, ah filha, não deu. Não deu nem mais pra esperar um dia. Porque ela também não queria levar, sabe? Ela falou, ah não eu prefiro que ele morra em casa, mesmo. Mas era muito sacrifício, porque ele tava muito mal. Você olhava pra carinha dele ele tava muito triste. Aí minha mãe falou, ah não tem o que fazer. Sua mãe não queria que sacrificasse? O veterinário já tinha dito que era o melhor? Sim ele já tinha dito. Minha mãe ela falou desde o princípio que ela não queria fazer isso, né? E aí o veterinário falou, não, tudo bem, pode levar ele pra casa. Enquanto ele estiver comendo é um bom sinal. Mas assim, de um mês não passa. Aí minha mãe tava com a esperança de um dia acordar e ele não tá mais vivo. Mas não rolou... Não deu pra esperar. Porque era muito sofrimento. Ele tava sofrendo demais, nossa! Foi horrível assim, aí ela preferiu levá-lo assim, porque a gente não sabia até que ponto era melhor deixar ele em casa, com a gente, ou já levar pra fazer a eutanásia pra ele parar de sofrer mesmo. Aí o Lico tava meio mal... Tava todo mundo muito chateado, né? (Entrevista #6)

O que dizer da experiência da participante com a morte do Fred, cachorro com quem a participante conviveu durante parte adolescência e juventude? O sofrimento, inevitável, foi identificado não só pelos familiares, como também pelo médico veterinário e o outro cão em companhia, Lico, segundo ela. A decisão da eutanásia, no entanto, pareceu ser um momento de grande impasse para todos.

O estudo do relacionamento entre animais humanos e não humanos parece constituir na morte e na separação o ápice da complexidade multidisciplinar e da subjetividade. Nesse momento é preciso que não se façam afirmações, mas sim perguntas. Porquê?

Se faltam palavras aos participantes, porque não faltaria aos/às pesquisadores/as?

Ah, sim, ah sim...Ficamos. Fica... Principalmente agora que nem essa Mel, mesmo, nossa a Mel a gente sentiu...Nossa! Porque fazia muitos anos, né? Que a gente tinha ela. Então a gente sentia bastante. Mas sente, né? Porque você tá ali, você cuida todo dia...né? Cê fica vendo ali, eles né? Então...É duro. (Entrevista #2)

Quanto ao destino do corpo do animal, em casos de morte, foram evidenciadas apenas duas formas de lidar com a situação, apresentadas e exemplificadas nos excertos a seguir:

É eu liguei na zoonoses, aí eles mandaram ligar na prefeitura, e veio aquele caminhão... Aquele caminhão de frigorífico. Sabe? Com os homi tudo de branco, tudo...Pegava, aí eles leva embora.[...] O passarinho eu embrulhei ele num papelzinho e enterrei no quintal. Abri assim, bem aberto, enterrei lá e deixei. (Entrevista #2)

A participante da Entrevista #2 contactou o serviço de Zoonoses para recolher o corpo da cachorra e quanto ao pássaro, ela mesma deu fim ao corpo do animal, enterrando-o em seu quintal. Assim como fez a participante da Entrevista #7 com o corpo dos peixes.

Isso. No jardim . (Entrevista #7)

Quando pergunto sobre os cachorros Tuco e o Max ela conta que pediram ao vizinho para que fizesse o enterro do animal, e, em seguida quando pergunto, sobre outras formas de recolher o corpo do animal, ela responde que talvez utilize outros serviços para o Bob, o atual cachorro em sua companhia, mas “só daqui a muitos anos”

Então a gente pediu pro meu vizinho... Vê se ele conseguia enterrar em algum lugar. [...]Talvez com o Ma...com Bob eu queira né? Daqui a muitos anos...(Entrevista #7)

As razões para pedir à uma outra pessoa não são explicitadas, pela participante, talvez por desconhecimento, talvez por tristeza... Como nos conta a participante da Entrevista #8,

É porque tipo lá... Não sei se você manja como é prédio da Cohab. Eles são tipo, tipo um do ladinho do outro. Aí no intervalo tem um jardimzinho...E atrás tem jardim também. É que como lá é um condomínio meio maior, meio grande, que a maioria dos condomínios tipo que paga, eles tem garagem separada. Que é umas garagem que fica pra rua. Lá no condomínio a garagem fica dentro do condomínio... Então a boa parte é garagem, e o resto é só os prédios e as áreas de convivência, que é tipo parquinho, essas coisas. Daí a

gente enterrava eles no jardinzinho. Minha mãe enterrava. Porque eu ficava sempre chorando muito pra poder ir... Mas quando a gorda morreu, que ela era minha preferida, que ela era uma bolotinha...(Entrevista #8)

O que fazer com o corpo do animal parece constituir uma dúvida muito comum à todos os/as participantes, talvez, em decorrência de grande parte dos municípios não oferecerem um local adequado para o sepultamento de animais domésticos, nem divulgarem informações sobre isso, a destinação do corpo gera sempre conflito emocional. Além do que, o enterro em locais inapropriados, pode constituir um sério problema ambiental.

Em muitos municípios, os animais domésticos mortos são entregues à clínicas ou aos Centros de Controle de Zoonoses, que ficam encarregados de dar destino final para o cadáver. Nas entrevistas realizadas, verificamos que mamíferos de pequeno porte, aves, peixes e artrópodes não foram entregues à esses locais e sim enterrados em jardins, quintais, ou locais próximos dos cuidadores.

O desconhecimento parece constituir um risco muito sério, não só em relação a cuidados com a saúde ambiental, mas também aos cuidados que o animal doméstico recebe antes de chegar em um destino final. No excerto a seguir podemos verificar como um descuido e falta de informação acarretaram na morte do animal.

Eu lembro do meu primeiro peixe só, que era Fernando (risos) [...] Ah, viveram bastante sim. Acho que o primeiro peixe meu ele viveu três anos, assim, pra um beta é bastante. Daí meu tio chegou em casa e derrubou o aquário. Tipo, ele colocou na água da pia, da torneira, assim, aí ele morreu [...] É você tem que colocar o anti-cloro. Tudo...(Entrevista #4)

Para alguns/mas participantes a busca de informações sobre os cuidados é de extrema importância para que o animal. Entretanto como já discutido anteriormente, muitas vezes criadores e cuidadores não têm esse cuidado, resultando no sofrimento e morte dos animais.

[...]a Mel, o Pingo veio primeiro... E a gente acabou comprando, infelizmente, de um criador 'fundo de quintal'. É aquela pessoa que vende o... um cachorro, como outra raça, e cria tudo aquelas matriz aglomerada...Sabe? Genética, uma porcaria...Que nem, a gente comprou ele muito baratinho então já suspeitei desde o início... Só que aí ele não veio desmamado, ele é um pinscher, e quando a gente comprou, eles falavam que era aquele pinscher miniatura, sabe? Ele era praticamente recém nascido! Ele não tava desmamado...Aí a gente teve que desmamar na papinha, porque ele tinha convulsão, toda

noite ele não conseguia andar. Então a gente teve, a gente, assim, fez um longo tratamento com ele, e ele ficou assim mesmo. (risos) (Entrevista #3)

Vemos que no primeiro caso a participante conseguiu ajudar o cachorro que foi arrancado de sua mãe antes do momento adequado, assim como também foi com o gato da *Entrevista #6*. O que chamam aqui de “desmamado”. Já no segundo caso, não foi possível, acarretando na morte do animal.

Aí, nossa, tinha o Toddy...Que era pretinho. Só que ele não durou muito tempo, porque quando a gente pegou, a moça não falou, mas ele não tinha desmamado ainda. Ai...Ele acabou morrendo. (Entrevista #4)

Mark Derr, (2011, p.258) acredita que os estabelecimentos como agropecuárias e lojas de *pets*, deveriam apresentar um livro padrão descrevendo as características físicas, comportamentais dos animais, como cães e gatos, e mostrando o *pedigree* de cada animal em sua linhagem direta. Estas práticas seriam suficientes para estabelecer a "pureza" de um animal. A ideia do jornalista expandida para outros cuidados, certamente contribuiria não só para isso, mas também para o manejo correto das espécies, evitando sofrimentos, desgastes, estresses e até mesmo morte. Uma experiência semelhante é apresentada pela participante da *Entrevista #8*, quando compra seus porquinhos-da-índia em um estabelecimento no município de São Paulo.

É porque quando você pega, vem o papel... Tipo como se fosse o contrato. Vem falando as coisas que eles comem, o que eles não podem comer... Fala se é macho ou fêmea e a idade... Fala qual que foi o criador deles... Essas informações assim. E aí os dois papeizinhos. Eu vi que eram machos. [...]

É..Eu acho que eu tenho esses papéis em casa ainda. Minha mãe deve guardar. Mas é mais porque como ele não é um animal de estimação usual, eu acredito que tenha muita gente que compra e não sabe, tipo...muito sobre...Não pesquisa, pra antes de ter o porquinho da índia...Não pesquisa muito. Daí eles colocam coisas básicas. Tipo, ah, eles precisam de bastante vitamina C, eles comem ração e além de ração eles comem verduras também... Aí eles meio que falam tipo...é... Como que deve ser balanceada a dieta deles... Porque eles não podem ter nem muito mais de uma coisa nem muito menos. Mas era mais informação assim. Mas eu pesquisei antes de ter eles... Então eu meio que já sabia o que tava escrito ali. Mas eles pediam pra você assinar e uma cópia ficava com eles. (Entrevista #8)

4.4.4 Tentativas de Rompimento

Neste item são apresentados alguns momentos nos quais os responsáveis pensaram ou mesmo chegaram a tentar separar-se do animal, e, porque não ocorreu.

[...] E aí a gente falou assim pra ele, que a gente já tinha alguns gatos, que ficaria com esse pra dar lar temporário, pra tentar doar. Só que a gente tentou, tentou, tentou... Não conseguiu e aí depois de uns meses a solução que surgiu foi a gente levar numa feira de adoção que tem lá no [estabelecimento] , né? E aí eu conversei com a moça da ONG ela deixou a gente levar. Só que aí quando eu fui falar pra [outra moradora da casa]...[...]E aí eu falei pra [outra moradora da casa] assim, “ah, tem a feira, vamo levar?” Aí acabou que a gente... risos... Ah eu não sei se eu quero me desfazer deles agora, sabe? Porque já tinha criado um certo apego, sabe? Daí eu falei; “ah...”. Aí no começo eu ia ficar com os dois, né? Porque a [outra moradora da casa] não sabia se ela ia querer ter outro gato. Foi o primeiro gato que ela teve. Ela já teve um cachorro. Aí é uma perspectiva diferente. E ela não sabia se ia pegar outro gato, aí eu acabei falando que ia ficar com os dois, que num tinha problema. Só que aí no final das contas ela acabou pegando um amor maior por ele, e eu pela Pandora. (Entrevista #5)

A entrevistada e sua colega buscaram algumas formas para “desfazer” sua relação com os gatos, pelo fato de já conviverem com outros dois na casa. Apesar das tentativas, segundo a participante, o “apego” emocional foi mais forte.

Não ela não aceitou e... Ela tentou passar pra frente, “tal, num sei...” Num queria muito, num queria ver a cachorra, sabe? Mas hoje ela pega no colo, tudo...(risos) Ama mais que...!

Ou ainda:

[...]Passar pra frente é...? Eu ia doar pra outra pessoa. “Doar!” [Falando consigo mesmo] Tipo .. Eu ia pedir pra outra pessoa adotar. Mas foi... Daí ... Eu não quero mais, né?! Eu não consigo mais viver sem ela. (Entrevista #4)

Nesse excerto, da Entrevista #4, pergunto ao participante sobre o que significa “passar pra frente”, e ele mesmo questiona-se, sobre o uso da palavra “doar”. Mais uma vez, como na Entrevista #5, e quase todas as outras entrevistas, essa palavra aparece. Também é possível notar que um sentimento de forte “amor” impede que tal fato aconteça. Em todos os casos onde foi citado uma tentativa de rompimento, também aparecia o carinho, a amizade, o amor, o apego, como razões para não executar a ideia. Para o pesquisador Murilo Pereira Garcia (2009),

Em função da sua capacidade de interação social ou de sua necessidade de cuidados, os animais se tornariam objetos de apego reforçando comportamentos de contato social existentes no repertório da espécie humana (p.7).

E por essa razão não seriam apenas “meros objetos”, mas à eles está atribuída, mesmo que inconscientemente a importante função de “objetos transicionais de Winnicott”⁴, que

como um cobertor ou um brinquedo macio que teria uma função confortante para a criança ajudando-a a aliviar o stress da separação do cuidador primário. O animal serviria como ponto de segurança para lidar com a adversidade da ausência de reforçadores sociais (por exemplo, o cuidado, a atenção e a proteção dos pais) que em outros momentos lhe eram presentes e freqüentes (GARCIA, 2009, p.7).

Ou seja, certos animais domesticados teriam uma função social extremamente importante, como já citado e apontado por Elissé Reclus (2010), constituindo portanto, parte de complexidade social. É certo que outros sentimentos humanos podem manifestar-se diante dessas relações que se estabelecem entre não-humanos e humanos. E que, evidentemente, ainda existem muitas lacunas a serem descobertas (FUCHS, 1988; COSTA, 2006, SCHOENDORFER, 2001) dentro dessa vasta subjetividade. Existe, sobretudo, nos relatos, alguns indícios e percepções de alguns participantes sobre suas relações com os demais animais, apresentadas, no tópico 4.6. ‘Sentimentos humanos e supostos sentimentos animais’.

4.5. Comunicação entre responsáveis, outros humanos ou animais não-humanos

Neste item são apresentados alguns comportamentos que são entendidos como formas de comunicação entre os não humanos e os humanos. Nos dois itens a seguir também são

⁴ O conceito de objeto ou fenômeno transicional recebe três usos diferentes: um processo evolutivo, como etapa do desenvolvimento; vinculada às angústias de separação e às defesas contra elas; representando um espaço dentro da mente do indivíduo. Winnicott (apud GURFIELD, 1998) remonta esse fenômeno ao primeiro vínculo da criança com o mundo externo, a relação com o seio materno, por exemplo, o bebê vai adquirindo a noção de que o seio é uma “possessão”, no sentido de um objeto, mas que não é ele (“pertence-me, mas não sou eu”). Ao contrário do seio, que não está disponível constantemente, o objeto transicional é conservado pela criança. Ela é quem decide a distância entre ela e tal objeto. Winnicott aponta algumas características que são comuns aos objetos transicionais: a criança afirma uma série de direitos sobre o objeto; o objeto é afetuosamente ninado e excitadamente amado e mutilado; deve sobreviver ao ódio, ao amor, e à agressão. O objeto transicional, portanto, é intermediário entre o interno e o externo e, em certo sentido, “representa” a realidade para si mesmo (GURFIELD, 1998; GARCIA, 2009).

apresentados outros tipos de comportamento, mas não que estejam diretamente ligados à comunicação entre ambos.

É ce põe ele pra fazer qualquer coisa, ficar junto comigo ou ficar no chão ele já tá cagando loucamente, assim. Só que o John-John, eu não sei... Eu nunca ensinei nada pra ele. O John-John, ele... Ce quer parar filho! [falando com o porquinho] Ele... Ele dá um sinal quando ele quer fazer coco assim... Ele dá três passos pra trás assim. Aí quando ele tá em cima de mim e ele tá andando pra trás eu sei que ele quer fazer coco. Mas daí ele só mija. [...]eu percebi... Porque às vezes que ele queria fazer coco quando ele tava perto de mim, ele fazia isso. Se você ver ele solto também, ele faz isso normalmente... Às vezes ele tá aqui suave comendo, aí de repente ele vai pra trás. Quando ele dá três passinhos pra trás é que ele vai fazer xixi, ou coco. Mas eu nunca ensinei nada, eu percebi que ele que faz isso, porque o Frederico não faz. [...]Tipo, o John-John ele não grita tanto quanto o Frederico. Então ele depende do Frederico pra gritar, então quando ele grita é porque ele tá com muita fome. Quem grita demais é o Frederico. O Frederico é tipo, você mexeu num plástico ele tá gritando. O John-John.. Ele só, fica assim, cheirando... Mas pra outras coisas ele é mais... Tipo... Ele demonstra mais do que o Frederico, algumas coisas. (Entrevista #8)

A participante, por observação, verifica que o porquinho John-John tem o hábito de dar três passos para trás antes de defecar ou urinar. Enquanto que o outro porquinho, Frederico, têm o hábito de vocalizar para pedir comida, além de defecar quando está fora do cercado. A forma de pedir comida, apresentada pelos participantes, variou muito nas entrevistas, com diversos comportamentos muito particulares de cada animal. No geral, entretanto, a vocalização é sempre uma forma indicativa para a maioria dos animais aqui apresentados. Exceto no caso apresentado abaixo:

Só que ele tem costume de me acordar todo dia, seis e meia quinze pras sete. Ele vem na cama, chega com o focinho bem pertinho do meu nariz, aí se ele ver que eu .não to nem aí pra ele...Tipo eu acordo assustada, né? Mas aí eu viro pro lado assim, se ele ver que eu não vou acordar ele começa a morder minha mão de levinho. Aí se eu tiro a mão e escondo debaixo do lençol ele vai pro pé, mas aí ele vai meter o dente mesmo. “Filha da puta eu to chamando! Você pode acordar sabe?” Aí quando eu levanto ou ele quer ração porque ele come muito de madrugada, eu encho o potinho antes da gente dormir, e a noite ele como em todo o pote pra de manhã já estar vazio pra eu encher, bem cedinho. E...ou pra tomar água da pia. Porque ele adora tomar água da pia também. [...] Tipo eu não to acordando por nada, aí ele toma água do potinho, ou quando eu acabei de por. Igual tava muito calor esses dias eu pego água bem geladinha da geladeira mesmo e jogo no potinho, ele vai rapidinho e toma. E quando eu ponho uma pedrinha de gelo também. A pedrinha fica boiando ele fica lambendo ela. E acompanhando, sabe? Sim ele gosta...(Entrevista #6)

O gato, Sheik, acorda a participante através de mordiscadas leves para avisar que seu pote de ração está vazio, ou que quer tomar água da pia, direcionando-a depois de acordada para o

local desejado. Essas caminhadas, ou corridas para mostrar algo, foram verificadas também na chegada de pessoas no portão, para os cães, em diversas entrevistas.

Ah! Eu não sei como também, mas ele sabe quando é ...alguém de casa que chegou. Não sei se você conhece o meu amigo [...] Ele reconhece... O [amigo dela] tá sempre em casa. Meu cachorro ele reconhece a moto do [amigo dela]. Eu não acreditava nisso, aí minha tia falou; observa. Quando é alguém estranho. Que nunca vai em casa, aí para um carro, aí dá pra perceber. A gente ouviu o carro parando, a moto parando... O Bob começa a latir. Quando é alguém conhecido ele corre até a gente e fica olhando pra gente. “Alguém chegou”. Quando é minha mãe, é o [amigo dela]... Ele não late! É estranho... (risos) Mas, ele faz isso!...]Porque alguém chegou. Aí ele vai até a área, cheira o portão, e volta e olha pra gente, tipo, alguém chegou. Aí quando é alguém desconhecido ele fica latindo no portão.(Entrevista #7)

O portão, na verdade, aparece em diversas entrevistas, tanto como ponto de encontro entre os/as participantes e não humanos, quanto com o contato deles ao “mundo externo”. Ainda vinculado a ideia do portão, são apresentados alguns episódios nos quais houve fuga do animal e momentos de interação com outros animais, sejam humanos ou não humanos. Apesar de alguns animais estarem domiciliados, existe a possibilidade de que alguns, se não estão sob cuidados adequados, possam provocar ferimentos ou agredir seres humanos e outros animais através das grades/frestas de um portão.

Comportamento verificado apenas para os cães de acordo com as entrevistadas, o hábito de latir no portão ganha uma importante interpretação pela participante da *Entrevista #8*, que está preocupada com o bem-estar do animal e o estresse do mesmo. Fortalecendo a ideia de que se não bem cuidado, o animal pode sim atacar ou agredir.

Que nem meu programa favorito é o programa do [adestrador]. Apesar de não ter um cachorro...O [apresentador do programa] !!!Amo ele! Eu gosto dele... De todos os programas dele... Dele falando assim... Sobre condições de animais, essas coisas assim. Aí às vezes eu fico pensando nisso... Que é uma coisa muito boa, você dar espaço pra animal, mas você vai, às vezes você tá sendo egoísta, não é um espaço adequado, cachorro você não consegue levar ele pra passear, o quanto ele precisa. Porque não é você não tem que se moldar o cachorro a sua vida, você tem que se moldar a vida de um cachorro. Então você tem que pensar se você tá pegando um cachorro grande, bem peludo, você tem que pensar durante o dia porque pelo deve ser um inferno...Tem que tosar ele pra poder tosar as camadas de pelo. Cachorro que é muito ativo, você tem que sair com ele bastante pra cansar... tipo, você tem que se moldar a vida de um cachorro, não o contrário, por isso que esses cachorros fica estressado. Late, quando passa gente na rua... É que não sei se você passa aqui na minha rua mesmo... Aonde fica a [uma residência de estudantes] sabe? Na esquina tem uma casa que tem um pastor alemão. Nunca que eu vi ele saindo daquela casa! E ele é bravo! Ele late! Aqui na frente tem um

labrador [exaltada] e esse labrador é muito bravo! E ele é um labrador, que, o porte dele, eu acho que alimentam ele mais do que ele precisa... Porque ele é gordinho prum labrador... E ele late! Eu nunca vi labrador latindo...! Ele late pra criança, mas não no sentido de quero brincar, mas de quero correr atrás de você e arrancar uma parte do seu corpo. Igual um pastor alemão! E isso pra mim é sinal de estresse! Claro! Sinal claro de estresse! Eles não fazem as coisas que eles deveriam fazer o suficiente. O pessoal aqui da frente, deve pensar que só porque a casa é gigante, tem espaço suficiente ali, mas não é isso! Ele precisa passear, ele precisa ter tipo... Precisa brincar com eles... Precisa desgastar...Essas coisas, sabe? Você tem que ter um certo tempo.(Entrevista #8)

Apesar de não ter sob companhia cachorros, pela falta de espaço, como aponta mais a frente na entrevista, a participante diz como os latidos do cachorro podem ser um sinal de estresse, e acaba se exaltando com isso. Uma forma de evitar esse tipo de comportamento seria o passeio guiado, por exemplo.

De acordo com os relatos, nem todos os/as participantes comentaram sobre esses passeios, principalmente com os cachorros, como é possível verificar no item 4.2.4 ‘Espaços utilizados, permitidos ou frequentados’.

E, ainda, sobre a permissão do espaço utilizado pelo animal, apresenta-se aqui como uma das entrevistadas costuma comunicar-se com a cachorra sobre isso.

Ahhh! Eu brigo com elas...Falo com ela, fico brava! Sento ela no chão falo com ela assim, ela encolhe assim, mas faz de novo (risos) Aí, minha neta ainda fala assim, “num adianta vó, esse negócio de ficar brigando com ela... Cê acha que ela vai entender?” “Ela tem que entender!Eu to falando ela tá olhando na minha cara!” (risos) Entende, porque...Sabe, às vezes nós tamo em casa, assim, elas tão lá, que nem, a Neve, a Neve tá com essa alergia...Aí ela vai e deita na areia. Aí eu fico brava com ela. Que ela deita na areia. “Aí eu falo, vem pra cá!”, eu falo, “Não é pra deitar na areia!” . Aí ela olha assim, sai com o rabo, entendendo o que eu to falando! (risos) Eu acho, né? (risos)(Entrevista #2)

Nesse excerto ela narra o que é feito depois que a cachorra, Sofia, faz xixi na cama, local proibido pela responsável. Ela conta, mais a frente, que apesar da proibição, o comportamento volta muitas vezes a se repetir. Apesar dos alertas da neta de que a cachorra pode não estar entendendo a “bronca”, para a entrevistada, falar com a cachorra pode ser uma forma de comunicação viável visto que ela, parece algumas vezes reagir à seus comandos; “vem pra cá!”, “Não é pra deitar na areia!”. Veremos no item a seguir, que apesar das “brigas”, as duas cachorras, das quais é responsável, são “suas amigas”.

4.6. Sentimentos humanos e supostos sentimentos animais

Sim! Só que ele era bravo, né? Ele era fox paulistinha, né? Já é meio agressivo... Aí depois nasceu meu irmão. Aí meu irmão achava que ele era um ursinho... Aí... Teve uma vez que ele mordeu meu irmão aí meu pai doou, depois disso.
[...]

De pelúcia, um brinquedo. Meu irmão achava que ele não ia fazer nada. É que meu irmão nasceu em noventa e cinco. Então se o Bit foi pra casa quando eu tinha quatro... Meu irmão nasceu um ano depois, então devia ter um ano e meio dois anos no máximo quando meu pai doou o Bit. Porque... E uma vez eu lembro que ele foi tentar sentar, sabe tipo cavalinho? Sentar no cachorro, o cachorro era óbvio que assustou, né? E aí ele mordeu o meu irmão. Aí meu pai ficou muito puto.. E aí doou. E aí a gente até sabe pra quem doou. Doou pra um cara que chamava... Não sei como ele chamava. O apelido dele era [nome], porque ele veio da [nome]... e tals... Ele morava lá em Osasco também.. (Entrevista #6)

Nesse excerto a participante relata seus primeiros contatos com animais, nesse caso narrado um cachorro, fox paulistinha, chamado por eles de “Bit” e trazido por seus pais. Segundo ela o animal doméstico foi confundido com um brinquedo de pelúcia pelo irmão mais novo, que tentou sentar no animal como um “cavalinho”.

Ao passo que para o participante da Entrevista #1, o medo de cachorros, teve início na infância, segundo ele, com um brinquedo que imitava a forma do corpo do animal, os comportamentos e suas vocalizações.

[...] em São Paulo, minha irmã ela tem um poodle. É, parecido com um poodle, também. Desse tamanhozinho assim. Menor que as gatas. E...Mas eu tinha, por dois anos eu tinha muito medo, aí eu não convivia. Aí depois de um tempo que eu comecei a aceitar aquele bicho lá em casa.Mas...eu tinha medo. [...] Não, eu tinha medo. Pavor. Pavor de cachorro. Eu tava...[...] Quando eu era pequenininho, bebezinho, engatinhando ainda, meu tio deu de presente aqueles cachorrinhos com pillha, que late e dá cambalhota, sabe? E aí ele deu aquilo e, tipo, ele ligou o bichinho e me deixou na sala com o bichinho, achou que eu ia brincar. E aí foram pra cozinha. Aí eu comecei a chorar, assim, aí quando foram vê... - Eu não lembro essa história, minha mãe que conta - Aí quando foram vê eu tava, tipo acuado, assim, no canto da sala, o cachorrinho tava latindo e dando cambalhota em cima de mim, porque, tipo, ele só vai pra frente, né? Aí ele ficou batendo em mim, e eu não conseguia, sair, tipo... Aí minha mãe acha que foi isso que eu fiquei com trauma. A partir daí que eu fiquei com trauma de cachorro. E era trauma, tipo, de ver cachorro na rua e chorar. Aí depois era de ver cachorro na rua e atravessar. Aí eu fiz um tratamento lá que eu...Com um cara... Um ano e meio que eu fiz tratamento. Um ano e pouquinho... Tipo, eu não entrava em casa de amigo meu, tinha que prender cachorro, lá em São Paulo, em apartamento, né?Tinha que prender o cachorro pra eu poder entrar no lugar, assim, se não eu não entro. Não entrava. Hoje eu já, tipo, to de boa, mas eu também...(Entrevista #1)

É notável aqui que os animais foram entendidos como objetos, máquinas, e constituídos assim, de fato, no formato de brinquedos eletrônicos (ou a pilhas). Visão que ao longo dos séculos, como explorado no capítulo inicial do trabalho, perdurou por muitos anos, e não perdeu forças até antes do século XIX (FRANCIONE, 2013).

Essa visão de objeto, era sustentada principalmente pela cultura ocidental, que de modo geral, não reconhecia que os seres humanos tivessem qualquer obrigação moral em relação aos animais. Gary Francione (2013), em sua obra, aponta o filósofo e matemático francês René Descartes, como um fundador desse princípio:

que os animais não são nada além de robôs sem capacidade de pensar ou sentir. [...] não são conscientes - eles não têm mentes - porque não têm alma, a qual Deus havia dado apenas a seres humanos. Para sustentar a ideia de que os animais não têm consciência, Descartes argumentava que eles não usam linguagem verbal ou de sinais - algo que todo ser humano, mas nenhum animal, faz. Descartes certamente reconhecia que os animais agem de modo aparentemente intencional e inteligente, e que eles parecem ser conscientes, mas alegava que eles não são realmente diferentes de máquinas feitas por Deus. De fato, ele se referia aos animais como “autômatos ou máquinas ambulantes” Além disso, assim como um relógio pode informar as horas melhor que os humanos, algumas máquinas animais podem realizar algumas tarefas melhor que os humanos. (FRANCIONE, 2013, p. 49-58)

A “visão utilitária” e antropocêntrica da natureza (CAVALARI, 2007), tem sido debatida em grande parte dos trabalhos de Educação Ambiental. Para LIBANORI e JARDIM (2013), um estudo voltado para a representação dos animais deve considerar a função simbólica deles na cultura ocidental. E é certo que a forma de utilizar o animal por um crivo humano, alastra-se para o modo como o interpretamos em suas formas de existir, seus comportamentos, etc. Chamado aqui e por outros autores/as de antropomorfismo (SANTOS, 2009; MORRIS 1967; OLIVEIRA, 2015).

Nos excertos a seguir é possível observar como responsáveis e cuidadores apresentaram os sentidos, sentimentos e comportamentos dos animais em companhia de forma antropomorfizada. Ou mesmo, expressando pensamentos coletivos.

Não, não.... Da Frida eu só achava que ela podia me arranhar, porque falam que gato é traiçoeiro. Então eu só achava que um dia ela podia chegar e me atacar do nada, sabe? Mas era medo de desconhecer mesmo. Cachorro era...pavor. (Entrevista #1)

O mesmo participante que demonstra pavor do cachorro, por uma imagem assim constituída na infância, também, aponta que antes de tomar contato com a gata, Frida, tinha receio, por ouvir falar que gatos são seres “traíçoeiros”. A traição, deslealdade, são comportamentos que não podem ser atribuídos aos animais não humanos, são os humanos, que estabelecem relações passíveis disso, portanto, trata-se de uma antropomorfização. Essa atribuição pelos humanos pode justificar assim, as formas como devem ser estabelecidas essas relações.

Da mesma maneira, lemos a participante da Entrevista #6, atribuindo a “timidez” ao gato, Sheik, que não se encontrava presente no momento da entrevista, realizada em sua residência.

Mas uma coisa que é legal é que ele sempre tá do lado. É que agora ele não tá do lado porque você tá aqui. Ele é tímido, né?[...]Mas, por exemplo... Se eu to sozinha, se eu to no banheiro, ele vai pro banheiro, se eu vou tomar banho, ele sobe na pia do banheiro e fica tipo uma jacuzzi ali. Sabe? (Entrevista #6)

Situações semelhantes são apresentadas pela participante da Entrevista #3, no item 4.7 ‘Comportamentos diversos’, na qual a mesma, apresenta o “ciúme” da porquinha-da-índia, com relação aos seus cuidados e proximidade com o cão. Assim também, para os demais participantes, há sim uma preferência do animais pelos cuidadores/as, que lhe atribuem alguns outros sentimentos:

Eu acho que eu sou mais apegada, apesar de que o [companheiro da entrevistada] ele também é um grude, sabe? Com o Sheik... Mas do Sheik com a gente eu acho que é até mesmo comigo, o maior apego, porque a gente passa mais tempo juntos, né? Então com o Socorro ele vem, quando o [companheiro da entrevistada] chega do trabalho, ele vem deita, espera o Socorro pegar... Aí quando o [companheiro da entrevistada] vai tomar banho ele vai junto. Mas aí é meio que meio a meio, assim. Quando... Na real eu acho que se o Socorro passasse mais tempo em casa ia ser meio que igual o apego tanto de um quanto do outro, né? (Entrevista #6)

Mais uma vez, a palavra “apego” aparece, dessa vez, atribuída ao gato, pela participante da Entrevista #6. Já a segunda participante, de maneira semelhante, usa a palavra “gostar” para traduzir os diversos comportamentos da cachorra, Moringa.

Ela gosta da [moradora da casa 1] e da [moradora da casa 2]. Ela faz a mesma festa, assim, quando chega eu a moradora da casa 1], a [moradora da casa 2]... Quando acorda assim... Todo momento que você abre alguma porta, assim...[...]Ela não se dá mal... Ela não liga pra moradora da casa 3]. A moradora da casa 3] pode acordar, pode chegar, pode

sair, ela não corre, ela não faz festa... Nada. A não ser quando a moradora da casa 3] tá com coisa no colo, aí ela quer saber o que que é.(Entrevista #9)

Verifica-se que para a sequência de comportamentos do animal, foi utilizado a palavra “festa”, que também em outras entrevistas (#6 e #3), sendo motivo inclusive de escolha do mesmo. Quando pergunto o que significa “fazer festa”, a participante responde:

Pular... Latir, balançar o rabo, loucamente... (Entrevista #9)

Por fim, em uma reflexão geral sobre a relação com os animais são feitos alguns balanços por alguns/mas participantes.

Que nem eu falo; “minhas amiga.” Quando eu to sozinha é com elas que eu converso. (risos) É com elas que eu fico ali. Às vezes brigo com elas quando faz arte, né? Com que a Mel, a Mel é muito arteira. A Sofia também...A Sofia ela tem um costume que se você deixar a porta aberta, ela entra, vai subir em cima da cama e fazer xixi. Isso é um crime (ênfase) que ela faz. Olha eu vou falar procê, ce não pode descuidar! Eu não sei o que que é...Sabe? Às vezes ce tá queiinha ce vê...Mas cê num vê.. Aí quando eu vou voltar, eu “ahhhh a Sofia fez xixi na cama!” “Eu não acredito!”(risos)(Entrevista #2)

Apesar da participante “disciplinar” as cachorras Sofia e Mel quando elas “fazem arte” (xixi na cama), como descrito no item anterior, 4.6 ‘Comunicação entre responsáveis’, outros humanos e outros animais, para ela, continua um relação de amizade e companhia nos momentos de solidão.

E mesmo, com a companhia de outros humanos, para a participante da Entrevista #3, muitas vezes a preferência é pelo do animal não humano, que lhe parece mais agradável em certos momentos, como em sua recepção em casa:

[...]Então eu chego do trabalho, tá o cachorro, o Luck, o Nico esperando lá no portão sentadinho, ele aqui [referência ao José, calopsita], e os porquinhos grita lá do fundo. (risos)... Então é muito gostoso. Às vezes quando eu entro nem meu irmão, nem minha mãe fala oi pra mim, mas os bichos falam, entendeu? (risos) (Entrevista #3)

Em um relato um pouco mais detalhado sobre sua relação com os animais, a participante da Entrevista #6, apresenta as variadas facetas sobre suas relações com os animais domésticos, refletidas durante a nossa conversa.

Num sei eu acho que... Com toda a conversa deu pra perceber o quão apegada eu sou com eles e o quanto eu acredito na...nessa relação...de troca mesmo, sabe? Entre o meu cuidado com ele e a devolutiva também, sabe? A carinho, o apreço, a cumplicidade dele comigo, por exemplo. Então eu acho que isso é, tipo, fundamental assim... Ah... Em se ter um animal de estimação. Esse negócio de você ter um cuidado e dele cuidar de você de certa forma, né? De tipo, ele te distrair...Te fazer pensar em outras coisas, tals, nuns momentos meio bad, assim...Então, dele tá presente quando tem uns momentos muito loucos também. Muito legais. Então eu acho que é isso, pra mim... Essa interação é tudo que eu preciso assim. E cada vez mais, né. Acho que cada vez mais a gente tenta expandir, assim. Por mais trabalhoso que seja... E assim, mesmo com gasto, né? Às vezes fica doente... Por mais sofrimento que role no final... Num sei acho que tudo faz muito... Faz parte assim da construção como ser humano e da construção da vidinha deles também. Acho que você estando lá é fundamental... Eu sempre fico pensando o que seria dele, se por exemplo eu não tivesse adotado ele.. Ou o que seria do Lico, por exemplo. Ele deveria, sei lá ter sido adotado por outra pessoa, pra ele não ia tretar tanto com o Fred? Ou não? Foi bom ele ter vivenciado essa experiência de ter morado com o Fred...Vê as diferenças dos dois, e viver por tantos anos juntos? Cinco anos juntos tretando direto. Então não sei... Eu acho que é sempre crescimento, é sempre experiência assim válida assim. E isso a gente não tem com outro ser humano... De jeito nenhum. (Entrevista #6)

Apesar de estar ciente sobre os possíveis sofrimentos emocionais posteriores, com a morte do animal de estimação, por exemplo, a participante da Entrevista #6 destaca os inúmeros benefícios que ela pode trazer. Para diversos pesquisadores os benefícios psicológicos para o dono do animal, vêm de sua própria percepção sobre ele (COSTA, 2006; KITAGAWA, B. Y.; COUTINHO, 2004; GARCIA 2009). E se assim é, as necessidades de compreender essas percepções só aumentam.

No item a seguir é possível observar de forma mais acurada de que forma e como os não humanos e seus comportamentos são entendidos, refletindo na maneira como os mesmos terão respostas à seus comportamentos diversos.

4.7. Comportamentos animais diversos

Nesse núcleo, apresento alguns comportamentos dos não-humanos descritos por seus responsáveis.

Ah, ela ia sobreviver, mas ela ia ficar meio deprimidinha, né? Se não rola uma atenção e tal [...]Se não colocasse comida?[...]Ela ia comer passarinho... E provavelmente morrer de fome porque ela caça muito mal. (Entrevista #9)

Quando questionada sobre a possibilidade de a cachorra Moringa viver sem o seu auxílio para alimentação, a participante entende que o animal pode ficar “deprimidinha”, pois precisa de

sua atenção. E, sobretudo, que morreria de fome, uma vez que não é capaz de obter seu próprio alimento como fazem os animais de gênero semelhante na natureza. Como ela mesma aponta em outros momentos da entrevista, baseando-se, inclusive, em experiências anteriores.

[...]Je fui passar o final de semana em São Carlos e levei ela pra casa de uma amiga que ela nunca tinha visto. E aí eu tava com pressa, eu deixei ela lá e saí. E ela ficou o final de semana inteiro sem comer . Aí quando eu fui falar com ela, ela se cagava e se mijava sem sair do canto que ela tava e não chegava perto da menina. Ela ficou muito assustada, assim, desesperada... Quando eu fico muito tempo longe de casa também ela não come... Fica chorando... Fica deprimida.[...] Eu deixei ela na casa da menina assim, e aí a hora que eu saí a porta não abria de novo, ela ficou desesperada... Sentou num canto e não saiu. (Entrevista #9)

Ou ainda:

Então, cachorro é totalmente domesticado, né? A espécie é totalmente domesticada. Tem na natureza, mas por conta de abandono, reprodução descontrolada. Acho que um parente mais próximo é o lobo, né? Vive nativo... É carnívoro, caça.... Ela caça. A Moringa caça...(Entrevista #9)

O mesmo é verificado para o gato da participante da Entrevista #6, que segundo ela não sabe caçar e também não come se ela estiver ausente.

Mas o Sheik é um gato que eu num boto muita fé que caça não... [rindo] Porque quando ele dorme aí na cama, ele tá deitadinho e a janela tá aberta e ele vê passarinho no fio, ao invés dele ficar quieto pra tentar dar o bote no passarinho, ele fica conversando! Ele fica tipo: “nhem-nhem-nhem--nhem” [afinou a voz e riu depois] é muito estranho! Aí o passarinho olha pra cara dele: “Vai tomar no seu cú ow!” e sai voando! Sabe? [rindo] [...]
E vai embora! É lógico, cara![...] O passarinho: “Mano, eu to te vendo! Você não é invisível e eu não sou surdo!” (Entrevista #6)

Já para as gatas do participante da Entrevista #1 isso não é verificado, visto que, segundo ele, elas comem mesmo em sua ausência, e também são boas caçadoras, por natureza.

Não, não... Elas comem de boa. O que a gente reparou de uns tempos pra cá que elas gostam de comer, principalmente a Frida, ela gosta de comer quando tem gente por perto. Tipo pra mostrar serviço, pra mostrar que comendo, sabe? Então a gente reparou nisso, não tem nem um mês, assim. Outro dia tava eu e o Rodrigo lá na cozinha, aí ele, “ou cê já

reparou que a Frida ela finge que tá comendo?”, aí eu falei; “nossa mano, eu já pensei nisso, só que eu não tinha certeza”, aí a gente ficou olhando pra ela, tipo, ela não tava com fome, mas, tipo, ela já tinha comido lá... Ela come o que ela quer e deixa o restinho, né? Só que aí ce aparece na cozinha, ela vai correndo pro potinho e dá umas mordiscada assim no negócio. Só que aí eu comecei a reparar que a Frida faz, ela fica lambendo o fundo do pote, tipo, lambendo mesmo o fundo do pote e fazendo um barulhinho, ela fica, tipo, dá uma lambidinha e olha pra você assim. Tipo, “óh, to comendo viu, cara?”. Aí cê olha, “é to vendo, num sei o que”, aí ela vai assim come um negocinho, aí ela olha pra você, tipo, aí ela fica meio que, “não para de me dar comida que eu gosto de comer, sabe?”. Ela não que mais comer (falou sorrindo), isso que a gente reparou.[...] Caçam, aham.[...] Na porta do quarto. Elas ficam na porta do meu quarto, a noite.... Logo eu, eu não gosto de ver animal morto... [...] é do gato. Eu entendo que que é do gato, tipo... Já teve uma vez que fiz... Ano passado eu fiz tipo um...Eu tava fazendo um curso aí, uma jornada, com o maior especialista de gato do Brasil, era um curso de três dias. Aí fiquei fazendo pra ver assim, e era muito...Eu já tinha lido, né? Aí eu vi que era normal. Mas aí ele falou, “o gato leva isso pro dono como que tipo; cacei pra você, sabe?”... Então ela... No meu quarto ele é direto na telha, né? Então tipo, tinha um pedacinho de entre a pilastra e a telha, que o passarinho fez ninho, ali fora, mas, fica mais pro lado de dentro, aí... não pode tirar, né? Eu não sabia que não pode tirar o ninho que se não, tipo, a mãe desencana dos passarinho... Aí eu ia tirar, aí os muleque falou, não, não tira, porque a Frida tá tentando caçar eles. Aí eu acordava de manhã, com a Frida em cima da escrivânia pulando, assim, virada na pilastra, ela tava assim, com as patinhas penduradas, tentando pegar os passarinhos... Aí teve uma vez que eu num tava lá, tava tramando, aí os muleque falarô, ainda bem que cê tava tramando, porque a Frida pegou o passarinho, destrinchou ele, e deixou na porta do seu quarto (risos) Eles falaram...”A gente ficou sabendo porque ela desceu com umas penas na boca...”Aí eles foram ver, aí tipo, aí eles falaram que tava tudo separadinho, deixou o coração, deixou a cabecinha, deixou as partinhas, tudo bonitinha, assim...Na porta do quarto. (Entrevista #1)

Apesar de a alimentação delas estar garantida, o entrevistado, e seus colegas de casa, observam alguns comportamentos e entendem-os como uma certa dependência do animal perante os cuidadores, pedindo para que não deixem de colocar comida. A mesma interpretação pode ser observada em outros comportamentos descritos para o gato Sheik, da Entrevista #6, por exemplo, como foi apresentado no item 4.6 ‘Comunicação entre humanos e não humanos’.

Sobre a interação entre todos as espécies de animais presentes na casa, ilustra-se no último excerto retirado da Entrevista #3 uma sequência de interpretações feita pela responsável, participante dessa entrevista. Nesse excerto é possível notar temas de todos os núcleos de sentido apresentados anteriormente, evidenciando parte complexidade que pode haver, atualmente, nas relações que temos estabelecido com os animais domesticados há décadas, séculos, milênios...

[‘Luck’, poodle branco, interrompe a entrevista, rosando para ‘Nico’, gato que estava debaixo do viveiro onde estava agora, o ‘José’, calopsita. Entrevistada chama atenção de

Luck, chamando-o com voz mais grave e lenta, em tom de ameaça.] Meu gato é muito de boa...Às vezes eu acho que ele tem que tomar calmante todo dia de manhã! (risos) [...] Ele se irrita com a gente, com outros bichos é bem difícil ele se irritar, mas com humano ele se irrita muito fácil (risos)!

[...]A calopsita ela só se irrita se ela tiver se limpando e você for cutucar ela. Ela já chegou até a morder o Luck já...Morder, não, né? Bicar porque não tem dente! (risos contidos)

[...]Ela já se irritou com a...com o gato também, mas o gato acho que o gato saiu correndo dela. [...]Ele já não tenta mais... Quando ele ficava na gaiolinha de transporte, nos primeiros dias ele ficava fascinado. Agora que ela no alto ele só olha, assim, de vez em quando... e cabô! [...]Ele já viu que ele tem preguiça até de pular na... na caminha dele, imagina na...pra catar ela aí em cima!

Com a gente. Com pessoas estranhas, é bem difícil ele [gato Nico] ficar irritado. Eu acho que, é porque assim.a... ele gosta de ficar na, no canto dele, como você percebeu. É muito na dele. E a gente gosta de pegar, apertar ele, brincar com ele, ele sempre...ele não curte muito isso não...! Desde pequenininho, (risos)

[E o 'Luck, ele se irrita com o... - pergunto]

O "Nico"...(risos)[...]Ele late só quando a gente tá chegando, ele fica feliz, ele...Late, ele late quando ele quer alguma coisa, mas, ele é muito, muito feliz pra tudo, como você percebeu. Ele é muito feliz! Muito animado!Nossa, ai...! Só que ele não se dá bem com a...com outros cães. Ele tem muito medo de outros cães... Como a gente resgatou ele da rua. A gente pensou que talvez ele apanhasse de outros cães na rua, porque ele é muito...Muito, assim, medroso. Então os meus outros dois cães não se deram bem com ele..! Por que eu tenho uma que é dominante. Então...desse negócio aí de ce...de sei muito molenga, sabe? E ela tentou pegar ele aí a gente acabou separando. Mas ele se deu bem com os animais pequenos da casa que são os passarinhos, as porquinhos-da-índia, ele se deu bem com os pequeninhos... [...]Então, eu tenho um pouco de medo por que eles são muito pequeninhos, né? E ele é bem grandão...Então a gente deixe ele, assim, lamber. Tudo é lamber, toda hora ele lambe a cara, ele lambe a cara da calopsita... (risos)... Aí... Assim, as porquinhas, eu só tenho uma que não gosta, porque ela brava, assim, ela é ciumenta, e ela percebe que ele fica muito comigo, e ela não gosta. Toda vez que ele tenta lamber ela, ela morde. Mas as outras...Elas chegam a vir na grade do cercadinho pra ele lamber a cara delas, brincar com elas...É muito...!(Entrevista #3)

Lucky, o poodle branco animado, é interpretado pela participante como integrador de todas as relações da casa, ainda que os outros animais sejam de espécies diferentes. De fato, como apresentado nos capítulos iniciais do trabalho os cães vêm acompanhando os humanos há muito tempo (THOMAS, 2010; CLUTTON-BROCK, 1999), e é mais que esperado que estes se adaptem com mais facilidade ao ambiente, antropomorfizado.

Considerações Finais

Como pode ser observado, a partir dos dados analisados por esta pesquisa, o maior número de animais não humanos presente nas residências pertence ao grande grupo dos mamíferos, como os cães, gatos e roedores. Esse valor relativo à natureza, e as preferências por certos animais mais semelhantes aos humanos, está associada a um antropomorfismo (MORIS, 1967; OLIVEIRA, 2015), estabelecido já há alguns séculos, que juntamente com o antropocentrismo, acabam contribuindo para a dissociação do homem/mulher em relação à sua própria natureza e aquela que o cerca. O ser humano se torna um ser à parte, não se vendo pertencente à natureza como os demais animais e plantas, e faz dela “objetos” de seus pertencimentos.

Algumas visões de que certos animais domésticos incorporaram-se à nossa sociedade, e por essa razão têm mais ligações com os humanos (RECLUS, 2010), pode ser perigosa, por não garantir direitos iguais aos demais animais não humanos, que estão “fora” desse convívio mais intenso nossa sociedade. E até mesmo daqueles que estão em forte convívio, porém não são considerados figuras amigáveis, ou merecedoras de respeito.

A visão do animal não humano como algo útil ou não à sociedade parece ser problemática por nos permitir escolher qual animal devemos tratar melhor. Criar escalas de utilidade, e dessa forma, trata-los “bem”, na medida em que crescem em prestação de serviços e serventia para os humanos, seja ela qual for.

Alguns participantes identificaram a dependência dos animais de estimação em relação a seus responsáveis humanos como um malefício para os próprios, uma vez que ele não tem condições de caçar, por exemplo, alimentando-se sozinho, como fazem seus semelhantes na natureza. Até porque, o ambiente altamente antropomorfizado em que vivemos não permite adaptações como essas na maioria das vezes. Um exemplo dessas não adaptações à esse ambiente antropomorfizado, são os três casos de atropelamentos, e por essa razão a preferência é de mantê-los sempre dentro das residências. Dessa forma, mostra-se como o processo de domesticação é contínuo e tende a tornar-se cada vez mais complexo e subjetivo (CLUTTON-BROCK, 1999), à medida que os não humanos são condicionados e forçados à ambientes completamente diferente daqueles que encontrariam em um meio natural.

Essa reflexão sobre o espaço permitido e frequentado pelo animal doméstico está intimamente associada a noções de higiene e saúde, tanto dos humanos quanto dos não humanos.

Observa-se também que a frequência da limpeza do local nos quais os animais defecam e urinam é de duas ou mais vezes por dia e que quando fora de controle, pode ser devido ao grande

número de animais no mesmo espaço, como descrito no trabalho de Shoendorfer (2001), que aponta também diversos outros problemas de zoonoses devido ao manejo inadequado dos animais.

Quanto aos cuidados e necessidades de saúde, constata-se que existe o hábito dos responsáveis levarem cães e gatos ao veterinário, para vermifugar e vacinar contra raiva anualmente e para o momento da castração. Para os roedores este hábito de encaminhar à cuidados médicos só foi verificado em casos de problemas de saúde. E para os demais animais como as aves, peixes e insetos não foi verificado esse hábito.

Em todos os depoimentos, alguns cuidados considerados essenciais, como alimentação e tratamentos médicos relativos aos animais não humanos foram deixados de lado pelas dificuldades financeiras. Já outros quatro depoimentos consideraram como essencial o “carinho” e “amor”, antes de qualquer decisão de manter o não humano ao lado. E de fato, em todos os casos onde não havia intenção de manter o animal ao lado, a razão citada para que a relação não fosse rompida foi o “apego” e o “amor”. Como semelhantemente descrito em outras relações apresentadas nos trabalhos de Fuchs (1989), Costa (2006) e Shoendorfer (2001).

Por essa razão manter outros animais em companhia está sempre vinculada à um forte apego por parte dos/das residentes da casa. Sendo considerados como membros ou amigos da família em seis entrevistas.

Ao contrário do que se esperava, o Controle de Zoonoses do município foi citado apenas duas vezes, ficando mais evidente a atuação de uma entidade sem fins lucrativos e não governamental, no recolhimento, tratamento, castração e adoção cachorros e gatos; o GADA.

Por fim, a falta de informação e conhecimento sobre as necessidades e cuidados básicos dos animais não humanos foi evidenciada em duas entrevistas acarretando na morte de um peixe e um cão desmamado.

Em todos os depoimentos, sempre estavam associadas aos animais de companhia palavras, tais como : “meu, minha, ter, dar, doar, pegar, passar pra frente”, reforçando essa ideia de uma “posse”, “propriedade” ou “mercadoria” sobre os mesmos (FRANCIONE, 2013; SINGER, 2010, OLIVEIRA, 2004). Nesses casos, a linguagem não torna o animal um “referente ausente” (ADAMS, 2012), mas o explicita sob uma ideia de uma dominação, ainda que não seja possível perceber no momento em que se profere. Daí a importância de uma análise como esta; nas palavras transcritas, é possível perceber a consideração feita aos outros animais de “estimação” ao contrário do que aconteceria em temas alimentares, como aponta Carol Adams (2012).

Notou-se, que em diversas situações que os comportamentos, ações, sentimentos e

personalidade dos animais não humanos foram antropomorfizados, comparados muitas vezes a comportamentos humanos “infantis”.

Apesar de os sentimentos dos animais não humanos serem descritos por seus responsáveis, é notável que há uma singularidade no comportamento de cada um desses animais, diferenciando-se em personalidade, características físicas e adaptação ao meio antropomorfizado (ALBERTI, 2008) de modos distintos, sendo mais perceptíveis, evidentemente, àquele/as que convivem com estes. O que nos remonta aos “interesses” (OLIVEIRA, 2004; SINGER, 2010) e necessidades de cada um desses seres que não são humanos, e também devem ter seus direitos defendidos.

Indispensável que se consulte as pessoas que “possuem” animais domésticos em suas residências para aprofundar os conhecimentos nessa relação humanos e não humanos, auxiliando na elaboração de projetos de leis viáveis; que ampliem os direitos animais, que reduzam os casos de zoonoses, de desequilíbrio populacional dessas espécies, de desigualdades no trato, baseado em caracteres antropomórficos, etc.

Por fim, que novos métodos sejam considerados e elaborados no momento de realizar pesquisas qualitativas como esta (KITAGAWA & COUTINHO; 2004; FUCHS, 1989; COSTA, 2006), uma vez que a captação da subjetividade das relações que se estabelecem é ainda para nós uma dificuldade (ANDRÉ & LÜDKE, 1986).

Em meio à uma crise do homem em relação ao meio ambiente (SANTOS, 2009; DUARTE, 2005; GONÇALVES, 1990) é urgente repensarmos todas as nossas relações com os demais seres vivos dessa unidade chamada planeta Terra. Sendo assim, algumas questões se impõem: a partir de que elementos podemos alterar as nossas relações com os não-humanos? Estamos em desacordo com os princípios éticos escolhendo a quais espécies devemos tratar melhor? E se sim, de que forma podemos superar essa situação? Em que sentido a Educação Ambiental de maneira significativa poderia contribuir para alteração as relações entre os chamados *pets* e os humanos?

APÊNDICES

APÊNDICE A

QUESTIONÁRIO (para seleção dos/as participantes)

Me chamo Andréia Maressa da Silva, sou estudante do curso de Ciências Biológicas, da UNESP- Câmpus de Rio Claro e estou realizando uma pesquisa sobre animais domésticos e sua relação com os humanos, sob a orientação da professora Rosa Maria Feiteiro Cavalari, do Departamento de Educação da UNESP. Essa pesquisa deve ser apresentada como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) e estamos buscando pessoas que queiram participar da mesma.

Assim sendo, solicito que responda as questões abaixo:

Possui ou possuiu algum animal em casa?

SIM NÃO

Gostaria de participar dessa pesquisa?

SIM NÃO

Se sim, deixe seus dados para futuro contato e esclarecimentos sobre a pesquisa.

Nome: _____

Telefone para contato: _____

Cidade onde mora: _____

E-mail: _____

Para maiores informações seguem meus dados para contatos:
andreiamaressa@gmail.com ou (0XX) XXXX-XXXX

APÊNDICE B

Questionário Para Seleção de Participantes em Pesquisa

Apresentação


Me chamo Andréia Maressa da Silva, sou estudante do curso de Ciências Biológicas, da UNESP- Câmpus de Rio Claro e estou realizando uma pesquisa sobre animais domésticos e sua relação com os humanos, sob a orientação da professora Rosa Maria Feltreiro Cavalari, do Departamento de Educação da UNESP. Essa pesquisa deve ser apresentada como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) e estamos buscando pessoas que queiram participar da mesma.

A pessoa interessada em participar é convidada a contribuir com uma entrevista, que dura cerca de uma hora, relatando sobre sua experiência com animais que estejam ou já estiveram em sua companhia. Todas as informações pessoais são sigilosas, e o participante não será cobrado nem receberá por isso. A participação contribuirá para a compreensão da relação entre seres humanos e outros animais.

Caso esteja Interessada(o), responda o questionário a seguir.

Próx.

Desenvolvido pela



SurveyMonkey®

Veja como é fácil [criar um questionário](#).

Questionário Para Seleção de Participantes em Pesquisa

Questionário para seleção de participantes

Deixe aqui suas informações, caso queira participar da entrevista, e em breve será contactada.

1. Possui ou possuiu algum animal em casa?

SIM

NÃO

2. Gostaria de participar dessa pesquisa?

SIM

NÃO

3. Informações para contato

Nome:

Cidade/Município:

Estado:

Endereço de email:

Nº telefone:

4. Quais são as melhores datas e horários para entrevista?

	DD	MM	AAAA	HH	mm	AM/PM
Data/hora:	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>
Data/hora:	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>
Data/hora:	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>

5. Qual local você prefere que seja realizado a entrevista?

UNESP - Av. 24 A, 1515, Bixa Vites.

Sua residência. Informar:

Outro. Informar:

Anter.
Concluído

APÊNDICE C

ROTEIRO DA ENTREVISTA

Informações pessoais (confidenciais)

Nome Completo?

Idade?

Sexo?

Cidade e Estado em que nasceu?

Cidade e Estado em que mora?

Qual a escolaridade?

Qual a quantidade de pessoas com quem mora atualmente?

Todas tem/tiveram vínculos/convivem com o(s) animal(is) em questão?

Os animais em questão

Quantos e quais animais estão atualmente/estiveram(m) em sua casa?

Desde quando existe um convívio com estes animais?

Há quanto tempo estão (ou ficaram) em sua residência?

Qual a idade aproximada em que ele(s) veio(ieram) morar em sua residência?

Qual é a idade aproximada de cada animal?

São machos ou fêmeas?

Eles estão sadios?

Como sabe estas últimas três informações?

Breve histórico de relações com os outros animais

Antes do contato com o(s) animal(is) em questão houve outros contatos?

Como eles foram? De onde você obteve informações sobre [ou onde teve contato com] animais da mesma espécie?

[Como] Você considera que essas experiências anteriores influenciaram na decisão de manter (ou retirar) o animal em sua residência? Ou foram as experiências com o próprio animal que foram mais consideradas?

Da aquisição do animal à reflexão sobre a mesma

MODALIDADE DE AQUISIÇÃO

Qual(is) a(s) forma(s) de aquisição deste(s) animal(is)?/ Como você adquiriu o animal?

RAZÕES PARA AQUISIÇÃO/CRITÉRIOS DE ESCOLHA/REFLEXÕES SOBRE A AQUISIÇÃO ONDE HOUE ESCOLHA.

Preferências dos sujeitos em determinados animais, ou no que está por trás dessa aquisição. (mais barato, mais caro, animais abandonados, algum outro membro da casa queria, etc...)- Caso o animal não tenha sido “escolhido” deve ser pulada esta etapa.

Quais os principais acontecimentos para a aquisição desse(s) animal(is)?

Em caso de compra: como foi esse processo? Você achou fácil ou difícil? Você considerou caro ou barato esse processo?

Em caso de adoção: como foi esse processo? Você achou fácil ou difícil? Custou alguma coisa?

Quem escolheu este animal (esta espécie)?

Por que dentre tantos animais este foi o escolhido?

Todas as pessoas concordaram com a escolha (quando houve)?

RAZÕES PARA MANTER O ANIMAL EM CASA

(Em caso de boas relações ou relações que não deram certo - Casos que o animal apareceu na casa)

Em caso de aparecimento do animal: Quais os principais acontecimentos envolvidos nessa aparição e permanência do animal?

Você considera que houve escolhas em deixar ou não o animal permanecer em sua residência?

Quais seriam outras possibilidades caso ele não pudesse permanecer em sua residência?

Todas as pessoas concordaram com a escolha de manter o animal em casa (quando houve)?

Independentemente de todos terem ou não concordado você acredita que todos se adaptaram?

Mesmo se uma delas discordou porque ele ainda permanece?

Dos cuidados e necessidades dos animais interpretadas pelos donos.

QUAIS AS NECESSIDADES DO ANIMAL PARA O SUJEITO?

O que você considera essencial para manter o animal?

Quais os espaços utilizados por este ele?

Qual a rotina diária do animal?

Como o animal é cuidado no dia-a-dia?

Há necessidade de discipliná-lo? Como isto é feito?

Quais cuidados você não considera essencial, mas são fornecidos ao animal constante ou esporadicamente?

Há algum tipo de cuidado especial para que não é encontrado facilmente? Quais são eles? Como você procede para supri-los? Quais as dificuldades?

QUEM DESEMPENHA ESSES CUIDADOS?

Mais de uma pessoa participa dos cuidados desse(s) animal(is)? Como cada uma participa?

Há diferenças nos cuidados oferecidos pelos cuidadores aos animais?

O QUE O ANIMAL É CAPAZ DE FAZER SEM O DONO?

No que você acredita que o animal não precise da sua ajuda?

Quais são os cuidados que não são necessários de se dar a este(s) animal(is)?

ALGUMAS DIMENSÕES DO ANIMAL NA NATUREZA

Você acha que a vida desse animal seria a mesma sem os cuidados que a ele se oferecem?

Você conhece como os animais semelhantes na natureza se comportam e recebem cuidados?

Comunicação e expressão

O(s) animal(is) recebem nome? Qual(is)?
 Como se deu esta escolha? Por que se nomeou o animal?

INTERPRETAÇÃO DAS COMUNICAÇÕES DO ANIMAL PELO DONO

Como as pessoas e você chamama ou dizem coisas ao animal?
 Quais as formas que o animal percebe(ia) que a comunicação esta(va) se dando com ele?

Relações interrompidas por iniciativas do humano

QUAIS AS FORMAS DE SE SEPARAR DO ANIMAL E RAZÕES PRA ISSO OCORRER

(Dar o animal; vender; abandono; sacrificio; custódia temporária)

Há planos para se separar do animal?

Se sim, onde/como/quando/por que ocorrerá? (ou se ocorreu, como foi)

O animal será substituído?

Todos concordam?

LAÇOS VOLTAM(RAM) A SE ESTREITAR?

Tem intenções de rever ou reaver o animal?

[Caso o animal já tenha ido] O que você e os demais moradores da casa sentiu(ram) com a separação do animal?

Relações interrompidas por outros motivos

DESAPARECIMENTO/FUGA/FURTOS/FALECIMENTO DO ANIMAL(natural ou por outros humanos)

(caso o animal tenha desaparecido, não por vontade dos donos)

O que aconteceu ao animal para que ele desaparecesse?

Em casos de falecimentos; Onde foi depositado o corpo do animal?/Como que lidaram com o corpo do animal?/Ele foi enterrado, entregue em algum lugar?

Em caso de furtos e desaparecimentos; foram feitas buscas? Como procedeu a busca?

O que você e os demais moradores da casa sentiu(ram) com a separação do animal?

SUBSTITUIÇÃO (OU PROCURA) DO ANIMAL

Tem intenções de rever ou reaver o animal?

Deseja ter outro animal? Qual? Por que?

Referências

ADAMS, Carol J. A política sexual da carne: A relação entre o carnivorismo e a dominância masculina. 1º ed. São Paulo: Alaúde Editora, 2012. 350 p.

ANDRÉ, M.E.D.A.; LÜDKE, M. Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas (Temas Básicos de Educação e Ensino). São Paulo: EPU, 1986.

ALVES-MAZZOTTI, A.J.; GEWANDSZNAJDER, F. O Método nas Ciências Naturais e Sociais: Pesquisa Quantitativa e Qualitativa. São Paulo: Pioneira, 1998.

ALBERTI, Marina. Advances in Urban Ecology. Integrant Humans and Ecological Processes in Urban Ecosystems. Springer Science, 2008. 366 p.

ARNOLD, Jr.; GIBBONS, C. J. Impervious Surface Coverage: The Emergence of a Key Environmental Indicator Chester L. Journal of the American Planning Association, v.62, p. 243.

BOGDAN, R. ; BIKLEN, S.. Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto, 1994.

BRASIL. Lei nº 9.605, de 12 de fevereiro de 1998. Dispõe sobre as sanções penais e administrativas derivadas de condutas e atividades lesivas ao meio ambiente, e dá outras providências [1998]. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm>. Acesso em: 13 jun. 2016.

BRASIL. Portaria IBAMA nº 93, de 07 de Julho de 1998. Importação e Exportação de Fauna Silvestre Nativa ou Exótica; Lista de Fauna Doméstica para fins de Operacionalização do Ibama. IBAMA. Disponível em: < http://www.ibama.gov.br/fauna/legislacao/port_93_98.pdf>. Acesso em: 10 de set. 2016.

CAVALARI, Rosa Maria. F. As concepções de Natureza no Ideário Educacional no Brasil nas décadas de 1920 e 1930. (V Congresso Europeu CEISAL de Latinoamericanistas, Bruxelas, abr. 2007). Disponível em: <<http://www.reseau-amerique-latine.fr/ceisal-bruxelles/CyT-MA/CyT-MA-2-CAVALARI.pdf>>. Acesso em: set. de 2014.

CLUTTON-BROCK, Juliet. A natural history of domesticated mammals. Cambridge: Cambridge University Press, 1999, 238 p.

CORTEZ, Ana Isabel R. P. Em torno da Estrada de Ferro de Baturité Impactos ambientais e alteração da paisagem na Construção e Manutenção dos trilhos da Baturité (1870-1926). Dissertação de Mestrado desenvolvida no Programa de Pós-graduação da Universidade Federal do Ceará. 02 de outubro de 2010.

COSTA, Edmara Chaves. Animais de Estimação: uma abordagem psico-sociológica da concepção dos idosos. 2006, 195p Dissertação (Mestrado Acadêmico em Saúde Pública) – Universidade Estadual do Ceará, Centro de Ciências da Saúde, Ceará, 2006.

DEAN, Waren. A ferro e fogo. História da devastação da Natureza. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, 484 p.

DERR, Mark. How the wolf became the dog: an epic tale. United Kingdom, Overlook Duckworth. New York - London, 2011. 288p.

DUARTE, Regina Horta. História & Natureza. Belo Horizonte, Editora Autêntica, 2005. 108p.

FRANCIONE, Gary L. Introdução aos direitos animais: seu filho ou o cachorro? Campinas, SP: Editora Unicamp, 2013. 312p.

FREYRE, Gilberto. Introdução à História da Sociedade Patriarcal no Brasil - Sobrados e Mucambos - Decadência do Patriarcado Rural e Desenvolvimento do Urbano. 4^a ed. Rio de Janeiro, 1968. Livraria José Olympio Editora. 758 p. v.2

FUCHS, Hannelore. O animal em casa: um estudo no sentido de des-velar o significado psicológico do animal de estimação. Tese (Doutorado Acadêmico em Ciências Psicologia) Universidade de São Paulo, USP, SP, 1987. 185p.

FURLANI, Jimena. Sexos, sexualidades e gêneros: monstruosidades no currículo da Educação Sexual. Educação em revista, v. 46, p. 269-285, 2007.

GARCIA, Murilo Pereira. Classes de comportamentos constituintes de intervenções de

psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães. Dissertação (Mestrado em Psicologia) Universidade Federal de Santa Catarina Centro de Filosofia e Ciências Humanas, 2009, 362 p.

GONÇALVES, Carlos Walter Porto. Os (des) caminhos do Meio Ambiente. São Paulo: Contexto, 1990.

GURFIELD, Décio. Psicanálise e Psicossoma: notas a partir do pensamento de Winnicott. In: Volich, R. M.; Ferraz, F. C.; Arantes, M. A. de A. C. Psicossoma II – psicossomática psicanalítica. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998. Disponível em <<http://www.psicologia.org.br/internacional/winnecar.htm>>. Acesso em: set 2016

HATCHER, J. B. Reviewed Work: *The Mysterious Mammal of Patagonia, Grypotherium Domesticum* by Rudolph Hauthal, Santiago Roth, Robert Lehmann Nitsche. *Science New Series*, v. 10, n. 257 (Dec. 1, 1899), pp. 814-815.

INSTITUTO FLORESTAL. Inventário Florestal da vegetação Natural do Estado de São Paulo 2008/2009. São Paulo, 2010. Disponível em: <<http://www.iflorestal.sp.gov.br>>. Acessado em: dez. de 2014.

KITAGAWA, Beatriz Yuko; COUTINHO, Selene Dall'Acqua. Benefícios advindos da interação homem-cão. *Rev. Inst. Ciênc. Saúde*, v. 22. n. 2, p. 123-128, 2004.

LEOPOLD, Luna B. *Hydrology for Urban land Planning A Guidebook on the Hydrologic Effects of Urban Land Use*. U.S. Geological Survey, v. 554, 1968.

LIBANORI, Vânia Evely; JARDIM, Maiara Usai. A Representação animal em Clarice Lispector. ANAIS. IV CONALI - Congresso Nacional de Linguagens em Interação Múltiplos Olhares. ISSN: 1981-821. Junho de 2013. Disponível em: <<http://www.dle.uem.br/conali2013/trabalhos/401t.pdf>>. Acessado em: agosto de 2016.

LOURO, Guacira Lopes. Corpo, escola e identidade. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 25 (2), p. 59-75, jul/dez 2000.

MARIA, Anna Carolina B. E. Principais alterações encontradas em necropsias de cães e gatos que vieram a óbito durante procedimentos em petshops e similares. 2010. 114 f. Dissertação

(Mestrado em Ciências). Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia, da Universidade de São Paulo, 2010.

MENEGUELLO, Lígia. Comunicação química e comportamento social em gatos domésticos (*Felis silvestris catus*). 2006. 60 f. Trabalho de Conclusão de Curso Bacharel e Licenciado em Ciências Biológicas. Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro. 2006.

MOREY, Darcy F. Dogs: Domestication and the Development of a Social Bond. - Cambridge: Cambridge University Press, 2010, 380p. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=HliAW7Jr9gMC&pg=PA240&lpg=PA240&dq=Thurston+1996&source=bl&ots=QiG0Ir5qen&sig=bqFhFgNRHdMIg3Xk5BOBGt12rxk&hl=pt-BR&sa=X&ei=6JT4VOLxJdGUyATF9IDoCg&ved=0CDMQ6AEwBA#v=onepage&q=Thurston%201996&f=false>> . Acessado em: dez 2014.

MORRIS, Desmond. Animais. In _____. (Org.) O Macaco Nu. Ed. Record, 1967. p. 163-182

MICHELAT, Guy. 1980. Sobre a utilização da entrevista não-diretiva em sociologia. In: ANDRÉ, M.E.D.A.; LÜDKE, M. Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 2001. (Temas Básicos de Educação e Ensino)

OLIVEIRA, Gabriela Dias. A teoria dos direitos animais humanos e não-humanos, de Tom Regan. *ethic@*, Florianópolis, v.3, n.3, p. 283-299, Dez 2004.

OLIVEIRA, Helena Vaz dos Santos. 2015. 89 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Ciências Biológicas). Os animais não humanos no material didático do programa "São Paulo Faz Escola". Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro. 2015

PEREIRA, Josivania Soares et al. Parasitismo por *Gliricola porcelli* (Schrank, 1781) em *Cavia porcellus*, em Mossoró, Rio Grande do Norte, Brasil. *Revista Brasileira de Higiene e Sanidade Animal*. v.7, n.2, p. 250 - 257, 2013.

RECLUS, Élisée. O Homem e a Terra – Educação. São Paulo: Imaginário/Expressão & Arte, 2010.

RICHARDSON, Roberto Jarry. Pesquisa Social: métodos e técnicas. São Paulo: Atlas, 1999. 334 p.

THURSTON, Mary Elizabeth. The Lost History of the Canine Race: Our 15,000-Year Love Affair With Dogs. 1996. 320 p. RONECKER, Jean-Paul. O simbolismo animal. São Paulo: Paulus, 1997. 390 p.

SANTANA, Luciano Rocha, MARQUES Marcone Rodrigues. Maus tratos e crueldade contra animais nos centros de controle de zoonoses: aspectos jurídicos e legitimidade ativa do Ministério Público para propor ação civil pública. Salvador, 2001. Disponível em: <http://www.mp.go.gov.br/portalweb/hp/9/docs/maus_tratos_ccz_de_salvador.pdf>. Acesso em: 04 Jul. 2011

SANTOS, Janaina Roberta dos. Educação ambiental e o trabalho com valores: olhando para os animais não humanos/ Janaina Roberta dos Santos. 2009, 158 f. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual Paulista Rio Claro. 2009

SÃO PAULO. Lei Municipal N° 10.309, de 22 de abril de 1987 Dispõe sobre controle de população e controle de zoonoses no Município de São Paulo, e dá outras providências. Disponível em: <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/leimunicipal_1987_10309_125363356_1.pdf>. Acesso em: 14 de set. 2016.

SCHOENDORFER, Leda Maria Ponti. Interação homem-animal de estimação na cidade de São Paulo: O manejo inadequado e as conseqüências em saúde pública. s.n; 2001. [82] p. Tab. Dissertação de Mestrado. Departamento de Prática de Saúde Pública da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2001.

SERPELL, James A. Domestication and history of the cat. In; TURNER, Dennis C.; BATESTON, Patrick. The domestic Cat: The biology of its behaviour. 2 ed. Cambridge: Cambridge University Press, , 2000. p. 179-192.

SINGER, Peter. Libertação Animal. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2010, 496 p.

SILVA, Juciana Miguel da. Terapia Assistida por Animais (Revisão de Literatura). Monografia submetida ao curso de Medicina Veterinária como requisito parcial para obtenção do grau de Médica Veterinária. 2011. 40 f. Universidade Federal de Campina Grande Centro de Saúde e Tecnologia Rural Campus de Patos - PB Unidade Acadêmica de Medicina Veterinária.2011

TURNER, Dennis C.; BATESTON, Patrick. The domestic Cat: The biology of its behaviour. 2 ed. Cambridge: Cambridge University Press, , 2000. p. 179-192.

THOMAS, Keith. O homem e o mundo natural (Mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais 1500-1800). São Paulo, Editora Companhia de Bolso, 2010. p. 544

Andréia Maressa da Silva

Rosa Maria Feiteiro Cavalari
Orientadora